



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO  
UNIVERSIDADE ESTADUAL DO PIAUÍ — UESPI  
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E LETRAS — CCHL  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO INTERDISCIPLINAR EM  
SOCIEDADE E CULTURA - PPGSC



**ALINE DA SILVA CAMPOS**

**PARTILHAS CAROLINEANA E MORRISIANA: HISTÓRIA E MEMÓRIA  
TRANSNACIONAL DAS RELAÇÕES DE MULHERES NEGRAS DE 1960 A 1980**

TERESINA – PI  
2025

ALINE DA SILVA CAMPOS

PARTILHAS CAROLINEANA E MORRISIANA: HISTÓRIA E MEMÓRIA  
TRANSNACIONAL DAS RELAÇÕES DE MULHERES NEGRAS DE 1960 A 1980

Dissertação apresentada ao Mestrado Acadêmico Interdisciplinar em Sociedade e Cultura da Universidade Estadual do Piauí — Campus Poeta Torquato Neto — como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Sociedade e Cultura.

**Orientadora:** Profa. Dra. Ana Cristina Meneses De Sousa

**Coorientação:** Prof. Dr. Gustavo Durão.

TERESINA  
2025

C198p Campos, Aline da Silva.

Partilhas carolineana e morrisiana: história e memória transnacional das relações de mulheres negras de 1960 a 1980 / Aline da Silva Campos. - 2025.  
120 f.: il.

Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual do Piauí - UESPI, Campus Poeta Torquato Neto, Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Sociedade e Cultura - PPGSC, Teresina-PI, 2025.

"Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dra. Ana Cristina Meneses de Sousa".

"Coorientador: Prof. Dr. Gustavo de Andrade Durão".

1. História Cruzada. 2. Literatura Comparada. 3. Mulheres Negras. 4. Interdisciplinaridade. I. Sousa, Ana Cristina Meneses de . II. Durão, Gustavo de Andrade . III. Título.

CDD 801.95

**ALINE DA SILVA CAMPOS**

**PARTILHAS CAROLINEANA E MORRISIANA: HISTÓRIA E MEMÓRIA  
TRANSNACIONAL DAS RELAÇÕES DE MULHERES NEGRAS DE 1960 A 1980**

Essa dissertação foi julgada adequada para a obtenção do  
título de Mestre e aprovada em sua forma final pelo  
Programa de Pós-graduação Interdisciplinar em Sociedade  
e Cultura.

Aprovada em: \_\_\_\_/\_\_\_\_/ 2025

**BANCA EXAMINADORA**

---

Profª Dra. Ana Cristina Meneses (Orientadora)  
Universidade Estadual do Piauí (UESPI)

---

Profº Dr. Gustavo de Andrade Durão (Coorientador)  
Universidade Estadual do Piauí (UESPI)

---

Profª Dra. Laura Lomas (Examinador Externo)  
Rutgers University - Newark

---

Profª Dra. Raffaella Fernandez (Examinador Externo)

---

Profª Dra. Maria da Vitória Barbosa (Examinador Interno)  
Universidade Estadual do Piauí (UESPI)



Decido a força desse trabalho à minha mãe (*in memoriam*),  
Francisca Catarina da Silva.

## AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente, à espiritualidade por ouvir as minhas orações e pela oportunidade de experienciar a vida terrena com Seu amor incondicional. Aos meus guias — por direcionarem toda minha trajetória de desenvolvimento acadêmico-intelectual.

À minha irmã, Fabíola Suellen, em nome de toda a minha família, por me sustentar em todos os momentos turbulentos deste processo. Foi ela a primeira pessoa da minha família a ingressar em uma universidade pública, provando-nos que os sonhos são possíveis e que, apesar de todas as dificuldades raciais nas instituições de ensino, é possível — e necessário — nos formarmos, e concluirmos nossos estudos além do ensino fundamental e médio.

Aos meus sobrinhos, Ysa Belladandy, Ysael Ballder, Lucas Matheus e Liz Eduarda, por me lembrarem de perceber a vida humana nos momentos mais mecânicos. Por todos os áudios com mensagens de amor e carinho nos períodos mais solitários desta jornada de formação; por todos os cheiros, os beijinhos e todas as formas mais genuínos de afeto, mostrando-me que a sensibilidade é possível neste mundo globalizado e globalizante.

Ao meu padrinho, Edson Leal Barros, por ser minha maior referência nos estudos; por toda paciência nas atividades de Matemática ou Física, que, paradoxalmente, me fizeram amar as humanas — risos. Por todo o acolhimento na adolescência, talvez o momento mais decisivo na vida de uma garota. Obrigada por todo cuidado, expresso em animes e mangás para assistir ou ler.

Ao meu pai, Antônio Carlos, por ser meu herói e o homem mais trabalhador que conheço, por pegar na minha mão até hoje e me mostrar que é possível realizar meus sonhos.

À Dra. Olivia, ao Dr. José Maria, ao Professor Heitor Matos, a Agostinho Coe, a Rafael Ricarte; às doutoras Audrey Tapety, Carla Silvino e Erica Lopo; e à minha primeira professora de História, que ousou desafiar o sistema educacional, Jacineide — obrigada por serem meus mentores acadêmicos durante a graduação e por sempre me incentivarem a não desistir, mesmo nos momentos em que eu mesma duvidava do meu potencial.

Aos meus amigos, Francisco Adriano Macedo e Matheus Bonfim, por sempre acreditarem na minha capacidade intelectual, mesmo quando eu ainda não acreditava. Obrigada, amigos, por me auxiliarem a encontrar meu caminho e meu lugar ao sol.

Ao Marcelo Filho, por abrir as portas de sua vida e me acolher no momento que eu mais precisei durante esta etapa da formação. Ao chegar em Teresina, Marcelo e sua família me acolheram como se eu fosse parte da família. Você também fez este sonho se tornar realidade. Muito obrigada, melhor amigo!

À Gabrielly Kayane, por todas as conversas reconfortantes, que aqueciam o coração, mesmo à distância; por todas as visitas para matar a saudade; por acompanhar comigo este sonho por tanto tempo. Ao José Anderson, por ser minha família, por dividir a rotina da vida e por compreender todos os momentos de desafios, ajudando-me a cultivar mais calma e paciência. Obrigada, amigos! Sem vocês, também não teria sido possível.

À minha orientadora, Ana Cristina Meneses, e ao coorientador, Gustavo Durão, por acolherem meu trabalho e também contribuírem significativamente com seu amadurecimento teórico, metodológico e de escrita. Foi uma grande contribuição para minha formação, obrigada por serem meus mentores acadêmicos e me orientarem nos primeiros passos da minha futura carreira profissional.

À professora coordenadora, representando todo o Programa de Pós-Graduação em Sociedade e Cultura (PPGSC), por me acolher desde o início, quando, desterritorializada, peguei a minha malinha de mão e parti para outra cidade em busca dos meus sonhos.

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoa de Nível Superior — CAPES, por ser o órgão Federal financiador da minha pesquisa e possibilitar a realização deste trabalho.

Ao Núcleo de Pesquisa e Documentação em História - NUPEDOCH, por sempre ser um suporte nas investigações documentais e por representar um lugar-casa para os estudantes de história em Picos-PI. Obrigada por todo o auxílio nesta jornada.

A todos, o meu mais sincero Obrigada!

*Em 1948, quando começaram a demolir  
as casas térreas para construir os  
edifícios, nós, os pobres que residíamos  
nas habitações coletivas, fomos  
despejados e ficamos residindo debaixo  
das pontes. É por isso que eu denomino  
que a favela é o quarto de despejo de  
uma cidade. Nós, os pobres, somos os  
trastes velhos.*

***Carolina Maria de Jesus***

## RESUMO

A presente dissertação é uma pesquisa histórica, documental e iconográfica que visa analisar as conexões estabelecidas na literatura de mulheres negras do século XX, no tocante à reflexão sobre as questões étnico-raciais, que dizem respeito aos denominados períodos históricos do “colonialismo” e “pós colonialismo”, partindo da análise feita por Aníbal Quijano (2019) sobre a colonialidade do poder. Para este fim, utilizamos duas obras literárias como objeto de estudo: *Quarto de Despejo* (1960), de Carolina Maria de Jesus e *Amada* (1987), de Toni Morrison. A análise foi realizada com base no método da História Cruzada, sob o viés da literatura comparada, de modo a conectar semelhanças e diferenças entre os livros e as recepções das autoras que, apesar de escreverem de lugares geográficos e sociais diferentes – Brasil e Estados Unidos, respectivamente –, revelam, por meio da escrita, relações étnico-raciais. Também utilizamos o método da micro-história-italiana de Carlo Ginzburg, a fim de realizar uma pesquisa interdisciplinar, relacionando História e Literatura em interface com as dimensões da memória existentes na poética das autoras. Nosso objetivo geral foi, no princípio, construir um panorama das relações étnico-raciais para evidenciar o protagonismo das mulheres negras ao longo da História, principalmente entre o recorte temporal de 1960 e 1980, por se tratar de um período marcadamente protagonizado por mulheres negras na literatura, conforme o registro das obras analisadas. Correlacionamos o estudo com o conceito de partilha do sensível, de Jacques Rancière (2000), buscando compreender como este conceito está contido nos textos literários de Carolina Maria de Jesus e Toni Morrison. Concluímos que as obras partilham memórias que contêm testemunhos históricos sobre o protagonismo das mulheres negras, possibilitando o fortalecimento da temática. Utilizamos referenciais teóricos de intelectuais como Raymond Williams (2001), Jeanne Gagnebin (2009) e Lélia Gonzalez (2002). Para esta pesquisa, reunimos um acervo de fontes sobre as autoras, disponíveis na Biblioteca Digital Nacional, no Instituto Moreira Salles, e no site eletrônico Getty Images, sendo este último o que contém o maior acervo de fotografias históricas sobre Toni Morrison, que juntamente com as demais fontes, nos auxiliou a contextualizar a vida e trajetória das autoras. Também realizamos um levantamento bibliográfico com base nas pesquisas disponíveis no banco de dissertações e teses da Capes. Assim, este estudo contribui para a ampliação do conhecimento sobre o protagonismo das mulheres negras na Literatura e na História, tomando como base a escrita sensível que ambas deixaram como fonte de memória histórica para o estudo desse período.

**PALAVRAS-CHAVE:** Interdisciplinaridade; História Cruzada; Literatura Comparada; Mulheres Negras

## ABSTRACT

This dissertation is a historical, documentary, and iconographic research that aims to analyze the connections established in the literature of Black women in the 20th century, regarding reflections on ethno-racial issues related to the so-called historical periods of “colonialism” and “post-colonialism,” based on Aníbal Quijano’s (2019) analysis of the colonality of power. For this purpose, we selected two literary works as objects of study: *Quarto de Despejo* (1960), by Carolina Maria de Jesus, and *Beloved* (1987), by Toni Morrison. The analysis was conducted through the method of Crossed History, from the perspective of comparative literature, in order to connect similarities and differences between the books and the reception of the authors who, despite writing from different geographical and social contexts—Brazil and the United States, respectively—reveal, through their writing, ethno-racial relations. We also adopted Carlo Ginzburg’s Italian microhistory method to carry out an interdisciplinary study, linking History and Literature in dialogue with the dimensions of memory present in the authors’ poetics. Our main goal was, initially, to construct an overview of ethno-racial relations to highlight the protagonism of Black women throughout History, especially between the time frame of 1960 and 1980, as this period was notably marked by the literary leadership of Black women, as documented in the analyzed works. We correlated the study with Jacques Rancière’s (2000) concept of the *distribution of the sensible*, seeking to understand how this concept is embedded in the literary texts of Carolina Maria de Jesus and Toni Morrison. We concluded that the works share memories containing historical testimonies about the protagonism of Black women, strengthening the relevance of this theme. Theoretical frameworks were drawn from intellectuals such as Raymond Williams (2001), Jeanne Gagnebin (2009), and Lélia Gonzalez (2002). For this research, we compiled a collection of sources about the authors, available at the National Digital Library, the Moreira Salles Institute, and the Getty Images website—the latter holding the largest archive of historical photographs of Toni Morrison—which, along with the other sources, helped us contextualize the lives and trajectories of the authors. We also conducted a bibliographic survey based on research available in the Capes database of theses and dissertations. Thus, this study contributes to expanding knowledge about the protagonism of Black women in Literature and History, based on the sensitive writing that both left as a source of historical memory for the study of this period.

**KEYWORDS:** Interdisciplinarity; Cross History; Comparative Literature; Black Women.

## **LISTA DE FIGURAS**

- Figura 1** - Imagem da Pesquisadora no acervo Fundação Biblioteca Nacional
- Figura 2** - A máquina do tempo: os cadernos em exibição na máquina de microfilme
- Figura 3** - Pesquisadora no acervo de Carolina de Jesus
- Figura 4** - Crachá de permissão para entrar no acervo
- Figura 5** - Material em estado de conservação
- Figura 6** - Retrato do Instituto Moreira Salles
- Figura 7** - Catálogo da exposição Carolina Maria de Jesus: Um Brasil para os brasileiros
- Figura 8** - Catálogo da exposição de Carolina de Jesus
- Figura 9** - Carolina de Jesus indo ao Uruguai
- Figura 10** - Fotografia recorte do jornal com a notícia sobre a greve dos metalúrgicos
- Figura 11** - Manuscrito do Primeiro Diário da Carolina de Jesus de 1958
- Figura 12** - Sentada na cama (No barraco não há cadernos)
- Figura 13** - Caderno nomeado de n. 6º
- Figura 14** - Registro de jornal falando sobre Carolina de Jesus
- Figura 15** - Somos escravas do custo de vida
- Figura 16** - Máquina de transmissão dos microfilmes dos diários de Carolina de Jesus.
- Figura 17** - Toni Morrison
- Figura 18** - Retrato de Carolina de Jesus junto a sua filha Vera Eunice, o presidente João Goulart e o sujeito não identificado em 1961
- Figura 19** - Carolina de Jesus
- Figura 20** - Manchete dom Carolina de Jesus
- Figura 21** - Manchete Favela é sucesso na França
- Figura 22** -Capa do livro de Françoise Ega, Cartas a uma negra
- Figura 23** - Françoise para Carolina de Jesus em 1962
- Figura 24** - Carolina de Jesus
- Figura 25** - Manchete Carolina Maria de Jesus
- Figura 26** - Manchete com Carolina de Jesus
- Figura 27** - Carolina de Jesus
- Figura 28** - Manchete Jornalística de Carolina de Jesus
- Figura 29** - Álbum musical de Carolina de Jesus
- Figura 30** - Encarte do Disco de Carolina de Jesus
- Figura 31** - Fotografia do álbum Quarto de Despejo de Carolina de Jesus
- Figura 32** - Toni Morrison e Umberto Eco
- Figura 33** - Toni Morrison em hotel na Itália
- Figura 34** - Museo National Gallery of Art
- Figura 35** - “Zeferina” (2018) de Dalton Paula
- Figura 36** - Leões Literários em 1996.
- Figura 37** - Toni Morrison em reunião com escritores negros em São Paulo em 1993
- Figura 38** - Reunião dos Literatos no Brasil
- Figura 39** - Toni Morisson recebendo o prêmio Nobel
- Figura 40** - Gráfico de Artigos feitos por obra
- Figura 41** - Pesquisa sobre o quantitativo de produção de artigos por obras
- Figura 42** - Artigos produzidos por obras
- Figura 43** - Sundance Institute na Cipriani 42nd Street

**Figura 44** - Museu Americano de História Natural

**Figura 45** - 2ª Cerimônia Anual de Indução ao Hall da Fama de Nova Jersey

**Figura 46** - Rutgers Stadium em 15 de maio de 2011 em New Brunswick, New Jersey

**Figura 47** - Barack Obama também recepciona Toni Morrison

**Figura 48** - Toni Morrison with the 2014 UC Santa Cruz Foundation Medal at the Founders Celebration. Earlier, Morrison spoke to a full house at the Rio Theatre

**Figura 49** - Professora Dr. Laura Lomas e Vera Eunice, filha de Carolina de Jesus, na University of Columbia - EUA, em outubro de 2024

**Figura 50** - A prof. Dr. Luana Reis no evento na Columbia com a Vera Eunice, outubro de 2024



## **LISTA DE SIGLAS**

AV. — Avenida

DCE — Diretório Central dos Estudantes

EUA — Estados Unidos da América

FBN — Fundação Biblioteca Nacional

IMS — Instituto Moreira Salles

LP — Long Play

PI — Piauí

RCA — Radio Corporation of America

RJ — Rio de Janeiro

SP — São Paulo

UFMG — Universidade Federal de Minas Gerais

UFPI — Universidade Federal do Piauí

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO</b>	<b>14</b>
<b>2 MEMÓRIAS E LITERATURA DE CAROLINA DE JESUS: A PARTILHA EPISTÊMICA DAS MULHERES NEGRAS NA AMÉRICA LATINA</b>	<b>32</b>
<b>2.1 TEXTOS E VIVÊNCIAS: MEMÓRIAS E DESIGUALDADE SOCIAL NOS ANOS DOURADOS EM 1960</b>	<b>42</b>
<b>2.2 A PARTILHA CAROLINEANA: TESTEMUNHOS DO QUARTINHO DE DESESPERO</b>	<b>49</b>
<b>3 DA CASA DE ALVENARIA AO NOBEL: CONFLUÊNCIAS, RECEPÇÃO E PARTILHAS INDÔMITAS DAS MULHERES NEGRAS NAS AMÉRICAS</b>	<b>62</b>
<b>3.1 A BEST SELLER BRASILEIRA: HISTÓRIA E RECEPÇÃO DA LITERATURA DE CAROLINA DE JESUS</b>	<b>66</b>
<b>3.2 A GANHADORA DO NOBEL: TONI MORRISON E A SUA REPRESENTAÇÃO</b>	<b>83</b>
<b>4 CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>	<b>98</b>
<b>5 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</b>	<b>113</b>
<b>ANEXOS</b>	<b>116</b>

## 1 INTRODUÇÃO

A pesquisa se inicia nos períodos finais do curso de Graduação em Licenciatura Plena em História, na Universidade Federal do Piauí, no Campus Senador Helvídio Nunes de Barros, em Picos, por volta de 2019. Foi um momento de desenvolvimento em que surgiram indagações tais como: quando se desenvolveu a História das Mulheres Negras? A partir de que momento a escrita se tornou uma ferramenta nas mãos das mulheres negras? Tais questionamentos ainda não haviam sido respondidos ao longo dos períodos iniciais.

No entanto, após cursar as disciplinas de História e Literatura e História e Gênero, e História da África, houve o entendimento de investigar essas indagações por meio dos métodos da historiografia a partir do escopo do estudo dos sujeitos subalternizados. Nesse contexto, o livro de Linda Heywood foi importante para a formação, *Jinga de Angola: A rainha guerreira da África*, publicado no Brasil em 2019, pois retratava a mulher negra em outra posição, com outra abordagem, que ressaltava características como protagonismo e história.

Fazer e criar narrativas historiográficas é uma tarefa ética do historiador: mostrar como as novas teorias vão além das dimensões dicotômicas eurocêtricas, é recriar o mundo que desejamos e também fazer nascer outros lugares no qual o saber é escrito por mulheres negras, por exemplo.

A preocupação se tornou uma possibilidade temática: analisar os problemas étnico-raciais presentes na sociedade a partir da literatura, da documentação e do trabalho das mulheres negras. Isso porque, nas universidades, a vida das mulheres negras latinas é marcada por pesquisas e abordagens que nos ajudam a entender a participação dos povos subalternizados no Brasil, Estados Unidos da América (EUA) e no mundo. Por isso, torna-se evidente a necessidade de uma abordagem epistemológica de unidade global que seja interdisciplinar e que compreenda a ciência ligada à sociedade em sua complexa diversidade.

O simbólico cultural não é definido como o antônimo da realidade, mas é estudado como uma possível expressão da capacidade humana de sentir e demonstrar interpretações subjetivas sobre as diferentes coisas que moldam o cenário do cotidiano ao longo da vida humana. Nossa pesquisa resgata as percepções que trabalham o texto como um local de memória, por meio das relações entre “memória pessoal” e da “memória coletiva” —ultrapassando o limite daquela concepção de um inconsciente, revelada por Freud, que

reduzia as memórias a “tendências infantis reprimidas”; servindo como norte para o preenchimento de lacunas históricas. (Mota Jucá, 2007, p. 295)

Assim, procuramos nos livros e reflexões escritas por mulheres negras esse tipo de inconsciente coletivo das relações, e encontramos um acervo epistemológico que ainda não havia chegado à nossa universidade, no campus de Picos. O primeiro esboço da atual pesquisa surgiu por meio do tema, *A representação de ser mulher negra na Literatura*. Era o primeiro projeto, ainda sem recortes específicos e/ou definições, com somente alguns objetivos traçados, ainda durante a elaboração do trabalho de monografia.

Esse trabalho de graduação foi importante porque contribuiu para o ingresso no Programa de Pós-graduação Interdisciplinar em Sociedade e Cultura em 2023; uma trajetória enriquecedora que potencializou ainda mais a pesquisa atual. As obras com as quais trabalhávamos eram: *Ponciá Vicêncio* (2003), de Conceição Evaristo; *Mulher, raça e classe* (1981), de Angela Davis e *Niketche: uma história de poligamia* (2001), de Paulina Chiziane.

A obra de Angela Davis (1981) foi uma leitura que embasou as questões pertinentes às relações raciais das mulheres negras na pesquisa, desde a graduação. A autora faz, na obra, uma reflexão filosófica sobre o período da escravidão até o momento das primeiras experiências de necessidade de organização do movimento por direitos civis, nos Estados Unidos. A leitura possibilitou ainda entender que os movimentos descritos por Davis também se manifestaram no saber literário.

Lélia Gonzalez, por sua vez, participou na construção do contexto dos movimentos sociais e literários no Brasil, especialmente entre os anos de 1970 e 1990, período em que publicou textos teóricos e ajudou a fundar o Movimento Negro Unificado - MNU. O livro que utilizamos é o mais atual: *Por um feminismo latino americano* (2020). Trata-se de textos organizados por Flávia Rios e Márcia Lima, lançado em 2020 pela editora Zahar.

O trabalho tem como intenção identificar evidências do movimento de circulação/partilha das literaturas de mulheres negras, a partir da segunda metade do século XX, apontando os livros escritos por mulheres negras como epistemologias emergentes em resistência. Esse movimento e deslocamento de ideias, que chamamos na pesquisa de “*partilhas carolineana e morriseanas*”, é fundamental. Denominamos as sensibilidades escritas por mulheres negras como memórias desse momento, entendidas como um movimento político-literário.

Utilizamos os livros de Carolina de Jesus e Toni Morrison porque são literaturas que confluem entre o imaginário e o real – e entre si. Para representar as suas ideias, usamos as memórias e testemunhos transportados no tempo por meio da literatura como forma de análise

do período abordado. Usamos autoras negras que vivenciaram a cultura escrita, tanto no Brasil quanto nos EUA, dando a pesquisa uma dinâmica transnacional.

*Quarto de Despejo* (1960) e *Amada* (1980) são leituras com pontos de semelhanças e divergências entre si, são escritas das vivências, que existem por meio da poética<sup>1</sup> como expressão da presença de uma resistência na escrita. A perspectiva de Carolina de Jesus e Toni Morrison foi importante para a pesquisa histórica, por proporcionar a oportunidade de conhecer o cotidiano de mulheres negras, mudando o olhar e permitindo que o historiador interdisciplinar analise as autoras como protagonistas, e não como objetos de voz passiva.

A pesquisa apresenta uma perspectiva da história da ficção científica reproduzida através dos livros de Carolina de Jesus e Toni Morrison. São histórias que discutem a desigualdade, racismo e colorismo através da literatura, nessa diferença espacial que se aproxima pelos marcadores da diferença social e pela escrita.

Apresentamos um componente que fortalece o entendimento dessa perspectiva de resistência na escrita, em escalas de representação das vivências individuais e coletivas, além das contribuições dessa perspectiva para a historiografia das mentalidades, no contexto temporal, correlacionando os dois países.

Considerando que, após se ter restituído a forma genuína de um texto escrito, ele é, por norma, publicado novamente, contribui-se também, assim, para a transmissão e preservação desse patrimônio, colabora-se para a transmissão do texto, porque ao se publicar um texto, ele se torna novamente acessível para o público leitor, contribuindo de tal modo, para sua preservação, porque isso assegura sua subsistência via registros em novos e modernos suportes materiais, que aumentarão a sua longevidade. Nesse sentido, adotamos para a abordagem a crítica Literária, aos significados atribuídos a um passado verbal, reflexões das representações humanas, comportamentos socioculturais generalizantes trazidos pela escrita, estabilizando a ausência de discussões políticas a respeito das reparações históricas. (Cambraia, 2005, p. 19-20)

Direcionamos a pesquisa aos museus e também às bibliotecas, buscando materiais iconográficos que recuperassem a presença do protagonismo das mulheres negras, como gostaríamos de abordar a temática. Além de garantir a necessidade histórica de estudar as relações raciais que ambos os países enfrentam, a proposta visa contribuir para a recuperação de indícios do movimento literário em deslocamentos que favoreçam uma transformação

---

<sup>1</sup> O conceito é desenvolvido a partir da definição de Mônica Saldanha Dalcol e Raffaella Fernandez sobre a po(ética) proverbial de Carolina de Jesus, que nos auxilia a pensar os deslocamentos dessa memória po(ética) de mulheres negras na sociedade moderna. Para as autoras, os provérbios desenvolvidos por Carolina de Jesus partem da onipresença da verdade com valor inestimável, porque são fontes de uma espécie de ética do cotidiano. Entendemos que, assim, como os provérbios, os livros escritos por mulheres negras, seguem essa mesma lógica: a de conferir ao ser humano possibilidade de esculpir o próprio caráter, direcionando-o ao exercício do bem a partir do uso da racionalidade e da prudência, além de principalmente, subverter a lógica hegemônica. (Dalcol; Fernandez, 2023, p. 201-215)

sociocultural. Por isso, destaca-se a importância dos pesquisadores de abordagem interdisciplinar para o entendimento das dinâmicas das relações étnico-raciais transatlânticas.

Dessa forma, o estudo se justifica por intermédio da importância em contribuir na ampliação da perspectiva histórica de resgate da literatura e das ideias das mulheres negras em circulação entre as décadas de 1960 e 1980. O trabalho analisa como, na literatura, eram demonstrados os preconceitos, medos e os sonhos da época, bem como a compreensão dos acontecimentos. A coleta das fontes foi necessária para a produção do registro histórico no pensamento literário.

As obras serviram como instrumento de acionamento político e, a partir da coleta de fotografias, matérias de jornais, referencial teórico, exerceram a função de demonstrar a presença das mulheres negras nesse movimento. Trata-se de um olhar novo sobre a formação dos movimentos sociais no Brasil e Estados Unidos. Ambos formam uma América Africana, que mantém relação com a latinidade.

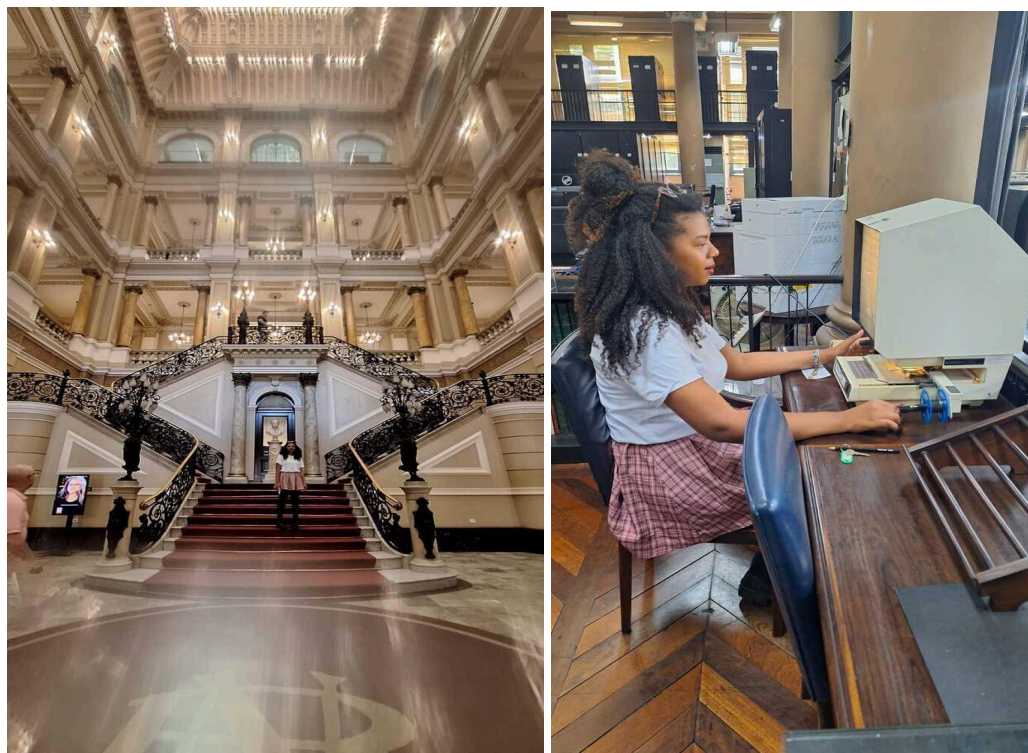
Por isso, Lelia Gonzalez propõe trocar o “t” pelo “d” para, aí, sim, assumir o nome com todas as letras: “Améfrica Ladina”. “Não é por acaso que a neurose cultural brasileira e estadunidense tem no racismo seu sintoma por excelência” (Gonzalez, 1988, p. 115). O estudo busca entender como foi a relação entre os dois países na consolidação dessa partilha, através dos acervos iconográficos, documentações sobre as autoras, permitindo recuperar a memória de Carolina de Jesus e Toni Morrison na história.

Além disso, compreender as relações sociais que elas mantiveram lutando contra o lugar de subalternidade que outrora lhes foi atribuído. Tornando assim, o estudo não somente documental, mas também visual, do ponto de vista metodológico, ao trazer as representações, mediante imagens, para a abordagem da história e da literatura.

O recorte espacial tem caráter transnacional, contribuindo para o acompanhamento da luta das mulheres negras na temporalidade entre 1960 e 1980. Para a narrativa histórica, a temporalidade escolhida faz parte do levantamento das publicações das obras analisadas. Vale lembrar que o movimento que chamamos de *partilha* demonstra o resgate da memória e da história da atuação das mulheres negras no trabalho da escrita.

O estudo compreende o período do colonialismo e do pós-colonialismo a partir das publicações de mulheres negras, do ingresso nas universidades e do desenvolvimento dos estudos produzidos. Para isso, utilizamos como objeto de estudo duas obras literárias, *Quarto de Despejo*, publicado em 1960, e *Amada*, em 1987.

**Figura 1** - Imagem da Pesquisadora no acervo Fundação Biblioteca Nacional



**Fonte:** elaborada pela autora. Salão Principal da Fundação Biblioteca Nacional, 2024.

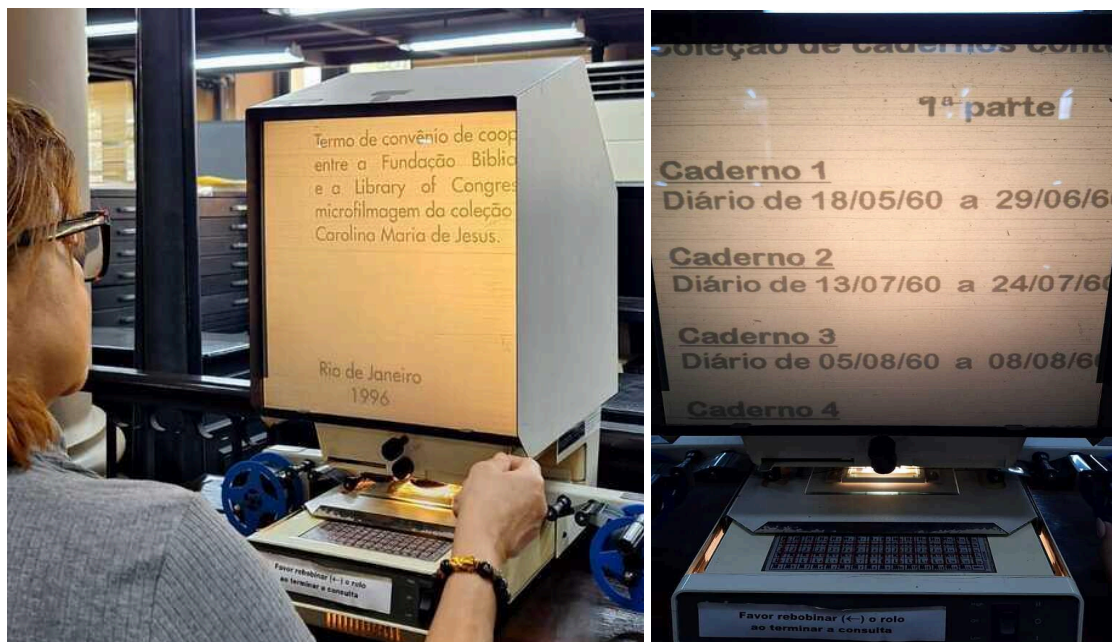
Em setembro do ano de 2024, aconteceu a visita à Fundação Biblioteca Nacional (FBN), como está apresentado na Figura 1. No acervo da fundação, encontramos preservados, um total de seis cadernos de Carolina Maria de Jesus, disponibilizados em formato de microfilmagem de periódicos brasileiros, com cerca de 90 pés (aproximadamente 27 metros), produzidos em 1996. Essa coleção é de domínio da filha de Carolina de Jesus, Vera Eunice de Jesus<sup>2</sup>, além de 19 fotografias preservadas pela Fundação.

---

<sup>2</sup> Não tivemos uma entrevista oral com Vera Eunice de Jesus Lima, mas, aparentemente ela tem em torno de 61 anos e é professora. Filha de Carolina Maria de Jesus (1914–1977), uma das primeiras escritoras negras do Brasil, contou em uma entrevista que nunca conseguiu ler por completo o livro mais famoso da mãe, *Quarto de Despejo: Diário de uma Favelada*. “Leio pedaços. Começo a ler, leio, abro. Não é um livro que consigo ler na sequência” (Lima, 2022). Disponível em: <https://jornalempresasenegocios.com.br/especial/filha-de-carolina-de-jesus-diz-que-nao-conseguiu-ler-livro-mais-famoso-da-mae/>.



**Figura 2** - A máquina do tempo: os cadernos em exibição na máquina de microfilme



**Fonte:** elaborada pela autora. Fundação Biblioteca Nacional, 2024.

Observamos os manuscritos por meio de máquinas de microfilmagem — como representado na Figura 2, e os diários eram consultados um a um. Conversamos com uma funcionária, que preferiu não ser identificada, e que mencionou a necessidade de preservação do acervo de Carolina de Jesus, para que o material não se perca com o tempo. Ainda conseguimos acesso à sala de iconografias. As imagens da autora eram exclusivas das décadas de 1980 e 1990 e, portanto, não poderiam ser fotografadas para reprodução e deveriam ser manuseadas com cautela para garantir sua preservação, como mostrado na Figura 3.

**Figura 3** - Pesquisadora no acervo de Carolina de Jesus





**Fonte:** elaborada pela autora. Fundação Biblioteca Nacional, 2024.

Toda pessoa pode visitar o local, cadastrando-se gratuitamente, no banco de dados da FBN, na Figura 4, pode ser visto o registro da ficha de cadastro. Após esse ser feito, recebemos o acesso para começar a pesquisar nos acervos, onde encontramos o material utilizado, mas alguns itens da coleção não puderam ser vistos, por serem restritos devido à fragilidade decorrente da idade. A funcionária da FBN explicou que isso se tratava também de um método de preservação do patrimônio, evitando dano causados pela luz do flash e pelo manuseio.

Essas e outras são algumas das medidas adotadas para que o acervo, no interior da instituição, seja conservado. Ainda foi mencionado que o acervo se encontra sob tutela da FBN, mas que todos os direitos autorais pertencem exclusivamente à filha de Carolina de Jesus, Vera Eunice. Atualmente, gostaria de levantar a discussão sobre a desconsideração para com Vera e a memória de sua mãe, Carolina de Jesus, por parte daqueles que utilizam a tutela dos cadernos com fins não de pesquisa, mas exclusivamente lucrativos, independentemente dos meios. Obviamente, Carolina de Jesus, também se posicionaria contrária a isso.

**Figura 4** - Crachá de permissão para entrar no acervo

Localização / Call number		FOT 28-ADM-17.52	
Rubrica do funcionário (Salão) / Employee initials (Room)		FOT 28-ADM-17.52	
Nome / Name		Aline da Silva Campos	
Endereço / Address		Rua da Liberdade, 19	
Cidade / City		Rio de Janeiro	
Estado / State		RJ	
País / Country		Brasil	
E-mail			
Data / Date		20/09/24	
Nº do crachá / User card n°		27581	
Escolaridade / Education		<input checked="" type="checkbox"/> 1º Grau / Elementary School <input type="checkbox"/> 2º Grau / High School <input type="checkbox"/> Superior / University <input type="checkbox"/> Pós-Graduação / Post Graduate	
Rubrica do funcionário (Armazém) / Employee initials (Store Room)		Aline da Silva Campos	
Horário de uso da instituição / Observations for internal use		<input type="checkbox"/> Microfilme <input type="checkbox"/> Encadernação <input type="checkbox"/> Ind. Errada	
Diurno		<input type="checkbox"/> Noturno <input type="checkbox"/> Sábado	

**Fonte:** elaborada pela autora. Fundação Biblioteca Nacional, 2024.

Segundo as informações, esse microfilme foi gravado em 1996. Essas fotos revelam também uma temporalidade captada — o acervo só começou a ser organizado a partir da década de 1990, ao contrário de Toni Morrison, cuja obra, nos Estados Unidos, já contava com uma organização da memória social negra. Isso permite uma ampliação do campo de estudo que preserva a memória de Carolina de Jesus. Assim, comprovamos que o material foi conservado ao longo do tempo. As fontes são atualmente mantidas com cuidado, em um esforço dos pesquisadores da temática para reparar o tempo, em acervos e museus, tornando-as patrimônio histórico.

Atualmente, há a necessidade de salvaguardar as memórias e testemunhos de Carolina de Jesus para a pesquisa histórica. Esse fato reflete a importância da vida cotidiana, a partir de uma perspectiva da História vista de baixo, que resgata personalidades subalternizadas. Esse tipo de abordagem se assemelha ao que Carlo Ginzburg propõe em "*O queijo e os vermes* (1976), quando narra a vida obscura no século XVI. O livro narra essa história graças à farta documentação, que possibilitou, por meio da leitura, o conhecimento dos discursos, pensamentos e sentimentos: temores, esperanças, ironia, raiva, desesperos da época.

O estudo é interessante porque reconstrói, na mesma lógica, o protagonismo de Toni Morrison e Carolina de Jesus, mediante uma visão analítica da cultura e do contexto social, o complexo relacionamento das autoras com a cultura escrita, e sua contribuição para a História das Américas. Com isso, pretendemos traçar um panorama ao contextualizar a relação da escrita com Carolina de Jesus e Toni Morrison, suas obras, os impactos e a recepção social. Abaixo, na Figura 5, demonstramos um registro encontrado sobre o projeto de conservação do acervo de Carolina de Jesus, ressaltando a importância das visitas físicas às memórias para o contexto de pesquisa e registro da história das mulheres negras, neste caso, Carolina de Jesus e Toni Morrison.

**Figura 5** - Material em estado de conservação



**Fonte:** elaborada pela autora. Fundação Biblioteca Nacional, 2024.

Além disso, encontramos pesquisas no banco de dados de universidades, como a tese de doutoramento *Carolina de Jesus: projeto literário e edição crítica de um romance inédito*, da Universidade Federal de Minas Gerais UFMG (2015), de Aline Alves Arruda. E também a exposição *Um Brasil para todos*, do Instituto Moreira Salles, transformada em catálogo impresso disponível na sede. E, por fim, o disco de vinil com músicas de Carolina de Jesus, encontrado no Museu AfroBrasil<sup>3</sup>, ambos em São Paulo.

Visitamos o Instituto Moreira Salles, localizado na Av. Paulista, Figura 6, com o intuito também de encontrar mais arquivos preservados de Carolina de Jesus na cidade de São Paulo. A princípio, tivemos a notícia de que encontraríamos a exposição *Carolina Maria de Jesus: um Brasil para os brasileiros*<sup>4</sup>, que ficou em exibição de 2021 a 2022, e em 2023, no Rio de Janeiro, no Museu de Arte do Rio até o mês de novembro. Esses são movimentos de

<sup>3</sup> O Museu Afro Brasil é uma instituição que conserva e exibe obras de arte e cultura africanas e afro-brasileiras, no Parque Ibirapuera, em São Paulo.

<sup>4</sup> A mostra é dedicada à trajetória e à produção literária da autora mineira que se tornou internacionalmente conhecida com a publicação de seu livro *Quarto de despejo*, em agosto de 1960. Além de destacar a produção literária, a exposição também aborda suas incursões como compositora, cantora e artista circense. A exposição, com mais de 400 itens, tem curadoria do antropólogo Hélio Menezes e da historiadora Raquel Barreto, com assistência de Phelipe Rezende. A exposição é uma parceria com o Instituto Moreira Sales (IMS).



preservação da memória dos escritores negros, porque contribuem com o reconhecimento, tornando-os clássicos. O resultado da exposição, o catálogo, serviu como fonte para a pesquisa.

**Figura 6** - Retrato do Instituto Moreira Salles



**Fontes:** elaborada pela autora. Instituto Moreira Salles, Av. Paulista – SP, 2024.

O catálogo, figura 7 e 8, documenta muitas informações sobre Carolina de Jesus. Foi organizado em 2023 por Hélió Menezes e Raquel Barreto. Esse catálogo também serviu como fonte, pois continha muitas informações detalhadas, esquemas cronológicos, fotografias, edições de *Quarto de Despejo* (1960), entre outros itens. Além disso, encontramos dados sobre o crescimento de pesquisas sobre a escritora.

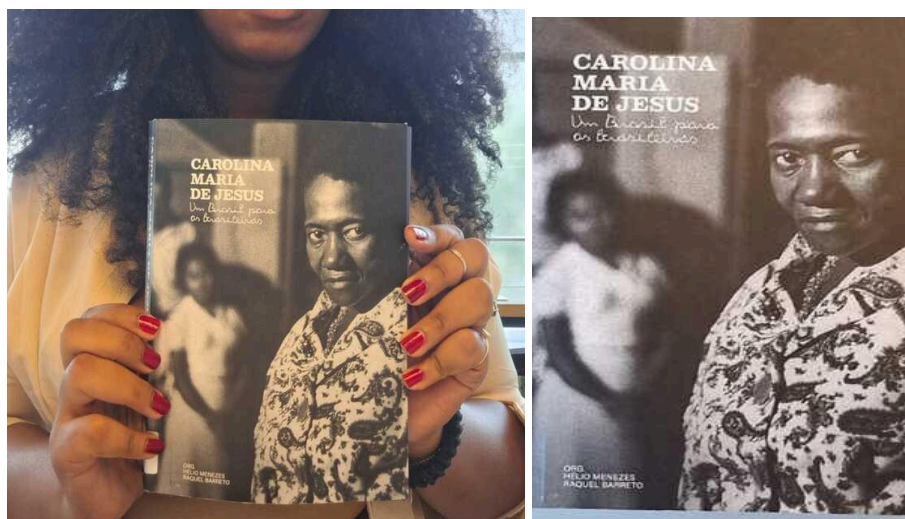
**Figura 7** - Catálogo da exposição Carolina Maria de Jesus: Um Brasil para os brasileiros



**Fonte:** elaborada pela autora. São Paulo, 2024.

De certa maneira, a elaboração da pesquisa fortalece a resistência no campo científico, pois o sentimento partilhado pertence ao estabelecimento de um coletivo consciente de si. A imagem, para esse grupo, é importante na reconstrução da memória. Segundo Panofsky (1991), a leitura da imagem é o momento da análise; o reconhecimento iconográfico e leitura da imagem atuam como uma reconstrução de memória. Nesse sentido, traça-se o panorama que o historiador narra, como ocorre nesta pesquisa, que contribui para os estudos sobre os períodos de 1960 e 1980.

**Figura 8 -** Catálogo da exposição de Carolina de Jesus



**Fonte:** elaborada pela autora. São Paulo, 2024.

A imagem tem, para o estudo, um valor documental, de época, mas não é tomada no sentido da criação de uma rivalidade que gera conflitos e violências. O que importa é observar como as mulheres negras apresentavam a si próprias e ao mundo, e quais os valores e conceitos expressavam em sua escrita, de maneira direta ou subliminar, atingindo a dimensão simbólica da grafia.

No caso de Toni Morrison, pesquisamos os dados em arquivos de formato digital. Encontramos fotografias pessoais, registros de reuniões com autores brasileiros, premiações e, após o recebimento do Nobel de Literatura, os sites eletrônicos passaram a publicar ainda mais sobre sua obra *Amada* (1987). Consultamos o Dialnet, da Universidade de La Rioja (UNIRIOJA), matérias no jornal *The New York Times* e catalogamos fotos oficiais de diversas aparições públicas no site GettyImages.com.

Dessa maneira, propomo-nos, na dissertação, a construir uma possibilidade de genealogia que expanda as pesquisas a respeito do mapeamento dos manuscritos de Toni Morrison e da influência brasileira em suas ideias. Toni Morrison esteve no Brasil e se inspirou na cultura local para a construção do livro abordado nesta pesquisa.

Como apresentamos, Carolina de Jesus exigiu cuidados com a narrativa, pois havia os perigos das comparações indevidas entre histórias e das especificidades nas realidades de suas vivências. Era uma linha tênue entre nossos próprios preconceitos e a facilidade de adesão às ideias de Toni Morrison, por ser uma mulher letrada, em detrimento da confluência histórica que traz o *pretuguês*<sup>5</sup> de Carolina.

Essas são as formas pelas quais a colonialidade, afinal, reproduz seus desvios na academia. O cuidado e o respeito com as fontes foram necessários para o entendimento da escrita de Carolina de Jesus. Seu lugar como pensadora brasileira não poderia ser negado nem diminuído em relação a Toni Morrison; tal atitude contrariaria a proposta de resgate de sua memória e literatura.

A pesquisa visa demonstrar, ao contrário, que Carolina Maria de Jesus transcende o mundo letrado e oficial. Seu legado foi evidenciado com a publicação de *Quarto de Despejo* (1960), no Brasil, em um patamar distinto, pois o livro revelou vestígios de uma realidade repleta de detalhes a serem investigados. A interdisciplinaridade com o campo das Letras foi necessária para uma crítica literária que sobrepujasse a abordagem historiográfica.

---

<sup>5</sup> O termo "pretuguês", cunhado pela intelectual brasileira Lélia Gonzalez, refere-se à influência das línguas africanas no português falado no Brasil. Gonzalez utilizou o conceito de "pretuguês" para descrever a maneira como o português falado no Brasil é afetado pelas línguas africanas, tanto em termos de vocabulário quanto de estrutura gramatical. Isso inclui palavras, expressões e formas de falar que foram incorporadas ao português brasileiro ao longo da história, refletindo a presença e a influência da cultura africana na sociedade brasileira.

Nesse sentido, o estudo apresentado ao Programa Interdisciplinar de Pós-Graduação em Sociedade e Cultura da Universidade Estadual do Piauí, e financiado pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoa de Nível Superior (CAPES), buscou desenvolver, por meio da pesquisa documental e quantitativa, o deslocamento transnacional de ideias negras nas Américas.

O objetivo também foi analisar as obras literárias *Quarto de Despejo* (1960) e *Amada* (1987) como leituras históricas desse movimento literário de partilha do sensível negro, enquanto memórias e testemunhos de protagonistas que viveram a época. Os principais referenciais teóricos que utilizamos são Raymond Williams, em *Sociedade e Cultura* (2001); Jeanne Gagnebin, em *Lembrar, Escrever e Esquecer* (2009); e Nicolau Sevcenko em *A ficção capciosa e a história traída* (2003).

São leituras que nos auxiliaram a discutir a dimensão simbólica conectada com a sociedade do século XX e, ao menos tempo, lançaram novas lentes sobre a pesquisa em relação ao testemunho ocular de quem escreve, narra. As leituras dos referenciais teóricos possibilitaram perceber a existência de uma escrita das mulheres negras como uma rede de comunicação negra global e resistência periférica.

A pesquisa elabora uma formulação que protagoniza mulheres negras nas fontes literárias: o *Quarto de despejo* (1960) – caderno que começou a ser escrito em 1955 — e *Amada* (1987) são duas obras produzidas por mulheres negras que, na nossa leitura, permitem a comunicação e os questionamentos sobre o devir negro na modernidade ocidental. As obras são escritas em países geopoliticamente distintos, mas que se aproximam através das relações étnico-raciais – respectivamente, um no norte e outro no sul do continente –, porém com especificidades que divergem.

Os marcadores sociais de gênero e raça são usados para aproximar as autoras nas relações étnico-raciais, enquanto a classe social se torna ainda mais severa nas vivências das mulheres negras na América Latina. Carolina de Jesus e Toni Morrison não são iguais, mas se aproximam a partir de uma perspectiva de sujeitos subalternizados. Já ao analisarmos suas especificidades, vemos mulheres que reinventam suas próprias dinâmicas.

A partir disso, desenvolvemos o panorama das vivências das autoras, as formas de escrita, as memórias que se refletem em seus textos e a recepção das obras. Observa-se que produções literárias negras, em determinado momento, passaram a ser consideradas invisíveis nos cânones, apesar do sucesso em vendas de exemplares.

O momento percebido é aquele no qual a sociedade entra em contato com a partilha do sensível, nas obras de Carolina Maria de Jesus, no Brasil, e de Toni Morrison, nos Estados

Unidos, gerando esse estrondo literário e político. Do mesmo modo, outras autoras foram protagonistas, como: Bell Hooks e Sueli Carneiro, Angela Davis e/ou Lélia Gonzalez. É o momento em que as vendas sobem, ao passo que o público observava com estranheza quem escrevia, comprando por curiosidade de saber mais sobre o mundo dessas mulheres.

O contexto das investigações é sobre os estudos a respeito da questão das mulheres negras, bem como sobre o momento em que as relações étnico-raciais no campo científico começam a ser formuladas. Os livros escritos por mulheres negras ganharam mais destaque nas prateleiras e nas pesquisas sociais, retomando memórias e preenchendo ausências.

Em primeira análise, as literaturas negras emergem como um movimento espontâneo de cunho subjetivo, para demonstrar a insatisfação e luta negra nos países culturalmente dominados pelo poder da supremacia branca. Depois, houve a ampliação da memória e da comunicação literária. A atuação social das mulheres negras resultou em uma resistência dentro do mercado editorial, tornando-se um espaço de divulgação mundial dos impressos.

Um exemplo disso são as editoras negras e periféricas independentes no Brasil, que trabalham para a propagação de livros como o da autora Beatriz Nascimento. A historiadora escreveu o ensaio: *Uma história feita por mãos negras* (1968), que só se popularizou nos últimos anos, com a organização do livro publicado em 2021 por Alex Zahar.

Escolhemos a escrita de Carolina de Jesus e Toni Morrison como forma de memória, porque elas contribuem para a investigação no entendimento do imaginário de 1960, bem como no entendimento da transformação que a escrita negra gerou na sociedade, quando se tornou uma rede de trocas e comunicação.

O lugar onde se reconfiguram as vivências para que se alavancassem mutuamente, como uma representação visível no mercado das relações sociais, mostra dinâmicas que modificaram tanto as expressões na modernidade no final do século XX, quanto a forma de textualização. A memória evidencia que as mulheres negras resistiram de todas as maneiras durante essas décadas.

Durante o período pós-escravidão, a maioria das mulheres negras trabalhadoras que não enfrentavam a dureza dos campos era obrigada a executar serviços domésticos. Sua situação, assim como a de suas irmãs que eram meeiras ou a das operárias encarceradas, trazia o familiar selo da escravidão. Aliás, a própria escravidão havia sido chamada, com eufemismo, de “instituição doméstica”, e as escravas eram designadas pelo inócuo termo “serviçais domésticas”. Aos olhos dos ex-proprietários de escravos, “serviço doméstico” devia ser uma expressão polida para uma ocupação vil que não estava nem a meio passo de distância da escravidão. Enquanto as mulheres negras trabalhavam como cozinheiras, babás, camareiras e domésticas de todo tipo, as mulheres brancas do Sul rejeitavam unanimemente trabalhos dessa natureza. Nas outras regiões, as brancas que trabalhavam como domésticas eram geralmente imigrantes europeias que, como suas irmãs ex-escravas, eram obrigadas a aceitar qualquer emprego que conseguissem encontrar. (Davis, 1981, p. 98)



De todo modo, as obras analisadas são vistas como fontes, por demonstrarem tanto a expressão de sua autora — quem escreveu — quanto a de seu tempo. Marcam épocas. Além disso, sua recepção pelo público marca contextos sociais. Os livros, enquanto objeto de pesquisa, exigem que a testemunha direcione o olhar do leitor, encontrando a comunicação no livro impresso ou digitalizado. A escrita resulta da dinâmica de manifestação de pensamento em textos, agora escritos por mulheres negras.

[...] há uma tendência a se associar à filologia o estudo do texto, reservando-se da linguística para identificar o estudo científico da linguagem humana. Seguindo essa tendência emprega-se aqui o termo filologia para designar o estudo global de um texto, ou seja, a exploração exaustiva e conjunta dos mais variados aspectos de um texto: linguístico, literário, crítico-textual, sócio-histórico, etc. (Cambraia, 2005, p. 18)

Afinal, o estudo das literaturas de mulheres negras em diáspora trata-se também de um tipo de conservação e recuperação de patrimônios históricos escritos, pois se relaciona com a memória coletiva e individual, sendo objeto de estudo da historiografia. Assim como as artes, pinturas e esculturas, é possível restaurar e preservar livros, cartas, diários; tanto de forma física, (folha, encadernação, capa) quanto num formato digital de seu conteúdo (recuperação dos textos). (Cambraia, 2005)

Consequentemente, a escrita de mulheres negras escala sentidos textuais e vivências reais, determinando a representação de um movimento não somente literário, mas também político, entre as décadas de 1950 a 1980. O resultado dessa interpretação dos contextos históricos manifesta-se na realidade dos espaços geográficos, como é o caso desta pesquisa, na qual utilizamos uma perspectiva transnacional para obras do Brasil e Estados Unidos, porque isso permite interpretar quais os sujeitos estão se esforçando contra o epistemicídio. Além disso, tivemos cuidado com as generalizações, sem almejar compreender o todo, mas focando na perspectiva de significado da literatura de Carolina de Jesus e Toni Morrison.

Às vésperas da [entrada dos Estados Unidos na] guerra, de acordo com o censo de 1940, 59,5% das mulheres negras empregadas eram trabalhadoras domésticas e outros 10,4% trabalhavam em ocupações não domésticas. Como aproximadamente 16% ainda trabalhavam no campo, menos de uma em cada dez trabalhadoras negras havia realmente começado a escapar dos velhos grilhões da escravidão. Mesmo aquelas que conseguiam entrar na indústria e em atividades profissionais tinham pouco do que se gabar, pois eram designadas, via de regra, aos trabalhos com os piores salários nessas ocupações. Quando os Estados Unidos entraram na Segunda Guerra Mundial e o trabalho feminino manteve a economia de guerra em funcionamento, mais de 400 mil mulheres negras deram adeus para seus trabalhos domésticos. No auge da guerra, o número de mulheres negras na indústria havia mais que dobrado. Mesmo assim — e essa ressalva é inevitável —, ainda nos anos 1960, pelo menos um terço das trabalhadoras negras permanecia preso aos mesmos trabalhos domésticos do passado e um quinto delas realizava serviços fora do ambiente doméstico. (Davis, 1981, p. 105-106)

O trabalho também busca transversalizar as escritas e as memórias, assegurando que podem ser estudadas a partir da escrita dos livros de ficção. Essa possibilidade de interpretações do passado, a partir de diários e cartas na literatura, ajuda a compreender acontecimentos sócio-políticos e culturais do contexto de 1960 a 1980 – épocas de transformações do mercado editorial na contemporaneidade, que foi metamorfoseado, aplicando outra dinâmica ao que Mignolo (2017, p. 13) chamou de colonialidade:

Colonialidade equivale a uma “matriz ou padrão colonial de poder”, o qual ou a qual é um complexo de relações que se esconde detrás da retórica da modernidade (o relato da salvação, progresso e felicidade) que justifica a violência da colonialidade. E descolonialidade é a resposta necessária tanto às falácias e ficções das promessas de progresso e desenvolvimento que a modernidade contempla, como à violência da colonialidade. (Mignolo.2017.p.13)

Nesse sentido, os livros *Quarto de Despejo* (1960) e *Amada* (1987) são formas de registros literários publicados em edições digitais e impressas, e apresentam em suas capas análises e a participação das mulheres negras nesse movimento de escrita em diásporas.

Seguindo suas pistas, dizemos que na pesquisa a operação de transversalizar se realiza na intensificação/aposta nos devires que estão sempre presentes nos chamados “objetos da pesquisa”, indicando o que neles há de diferentes graus de abertura e potências de criação. Transversalizar é considerar este plano em que a realidade toda se comunica. A tecedura deste plano não se faz, portanto, só de maneira vertical e horizontal (maioria x minoria; molar x molecular), mas também transversalmente. A operação de transversalizar produz um desarranjo no sistema binário de definição/categorização do objeto da pesquisa permitindo conectar devires minoritários que estão adjacentes ao objeto (Barros; Passos, 2017, p. 239).

Percebe-se isso com o processo de transversalização, como na entrega do primeiro Nobel de Literatura a Toni Morrison, ainda em 1993, por reconhecer suas contribuições à Literatura. Do mesmo modo, é necessário reconhecer as contribuições de Lélia Gonzalez sobre a Amefricanidade Ladina

Enquanto denegação da nossa ladino amefricanidade, o racismo “à brasileira” se volta justamente contra aqueles que são testemunho vivo da mesma (os negros), ao mesmo tempo que diz não o fazer (“democracia racial” brasileira). Graças a um contato crescente com manifestações culturais negras de outros países do continente americano, tenho tido a oportunidade de observar certas similaridades que, no que se refere aos falares, lembram o nosso país. É certo que a presença negra na região caribenha (aqui entendida não só como a América Insular, mas incluindo a costa atlântica da América Central, e o norte da América do Sul ) modificou o espanhol, o inglês e o francês falado na região (quanto ao holandês, por desconhecimento, nada posso falar). Ou seja, aquilo que chamo de pretuguês e que nada mais é do que marca da africanização do português falado no Brasil (Gonzalez, 1988, p. 70).

A proposta de transversalizar na Literatura é trabalhar traçando uma obra entrelaçada com o contexto e a biografia das protagonistas, capturando nas obras as “forças críticas que

podem cruzar a realidade colocando em questão sua forma dominante de organização” (Barros; Passos, 2012, p. 239-240), suas formas de narrativas e construção do fictício, que rememoram uma resistência.

A pesquisa trabalha com os textos de *Quarto de despejo* (1960) e *Amada* (1987) como fontes históricas do século XX por apresentarem uma realidade que comunica, e estas nunca estão livres, mas subordinadas a sistemas de organização da comunicação, das trocas sociais: os diferentes se organizando verticalmente, hierarquicamente, enquanto os iguais se organizando horizontalmente em estames corporativo (Barros; Passos, 2012)

Transversalizar é traçar o eixo da diagonal que embaralha os códigos, colocando lado a lado os diferentes, liberando as diferenças de seus lugares dados. Quem ou o que tem potencial para o traçado da transversal? O que há de mais negro no negro. A negritude como potencial político tem esta força de quebra do naturalizado. Transversalizar aqui é tomar, então, a violência de gênero fazendo brilhar a luz negra da mulher negra a fim de iluminar a iniquidade que assola a todos de direito, que atinge a todos que vivem em um mundo de violação dos direitos, que desperta a indignação no negro que se acha menos negro (Barros; Passos, 2012, p. 239-240).

*Amada* (1987) e *Quarto de Despejo* (1960) são, na verdade, uma forma política de ruptura com o que foi naturalizado, do ponto de vista dos valores sociais do mundo ocidental, para experiências de formação do mundo transatlântico (Thorton, 2004). Contextualizar o período entre 1960 e 1980 como marcante nos estudos sobre as mulheres negras é uma contribuição para a compreensão das relações entre as criações estéticas e os contextos sociais; porque traz à literatura uma visão mais profunda, articulada, crítica e lúcida da História das ideias políticas nas Américas do Norte e do Sul.

Tal posição de objetificação que comumente ocupamos, este lugar de “outridade” não indica, como se acredita, uma falta de resistência de interesse, mas sim a falta de acesso à representação, sofrida pela comunidade negra. Não é que nós não tenhamos falado, o fato é que nossas vozes, graças a um sistema racista, têm sido sistematicamente desqualificadas, consideradas conhecimento inválido; ou então representadas por pessoas brancas que, ironicamente, tornam-se “especialistas” em nossa cultura, e mesmo em nós (Kilomba, 2019, p. 51).

A perspectiva de transversalizar possibilita o acesso à representação de nossas vozes, corrompendo a estereotipificação presente nas mentalidades sobre a escrita que possibilita imaginar mundos. Nesse sentido, a estética literária negra, ao contrário dos produtos discursivos dominantes — conceitos estereotipados, generalizações e/ou lacunas, bem com reforça os problemas no campo estrutural — traz os embates teóricos contra o racismo, compreendendo, a exemplo disso, a segmentação dos corpos negros. As reflexões que se preocupam com as relações raciais travam embates teóricos e discursivos no campo da pesquisa visando desconfigurar a objetificação negra no conhecimento.

No primeiro capítulo da dissertação, comentamos sobre a inserção das mulheres negras nesse movimento de partilha, além de observar dados sobre a falta de acesso à educação escolar, refletindo sobre a colonialidade do saber enquanto dominante na escrita. Além disso, demonstramos como a Literatura e a memória são suportes de uma tradição amefricana no Ocidente, e da produção de uma epistemologia.

*Quarto de Despejo* (1960) é a obra brasileira fonte de memória e ressalta as semelhanças com a obra de Toni Morrison, ao abordar as desigualdades metaforizadas em *Amada* (1987), no pós-Guerra Civil. Na obra *Quarto de Despejo* (1960), aplicamos uma análise cruzada do diário escrito na década de 1950 e publicado em 1960, com o contexto social dos “*Anos Dourados*” no Brasil.

Carolina de Jesus recorta, na obra, cenários vividos por ela, mas articula a discussão com seu crescimento na literatura. A autora, nesse período, escreve sobre inflação, fome, desigualdade social, maternidade, entre outros temas que poderiam ser trabalhados com mais profundidade. Mas o que, de fato, nos chama atenção em sua literatura é o momento em que ela se torna um referencial nas pesquisas.

No segundo capítulo, analisamos a partilha morrissiana, na poética da ficção de Toni Morrison, baseada em uma história real: *Amada* (1987). Escolhemos essa obra porque é uma história que aconteceu no período escravocrata nos Estados Unidos, mas é retratada anos depois, no pós-Guerra Civil, e conta a história de Margaret Garner.

Na personificação da ficção, Toni Morrison a apresenta como Sethe — mulher negra que vive com um fantasma — sendo perseguida pelo fantasma da filha morta, Amada. A metáfora está em Amada sendo, na verdade, o fantasma da escravidão, o racismo. Esse estudo cruzado foi possível, pois o livro carrega elementos para uma discussão sobre as relações étnico-raciais.

Vale evidenciar que o cruzamento dos contextos históricos de 1960 e 1980 marca momentos de levantes sociais e dos estudos sobre as mulheres negras, além da publicação de suas obras tanto no Brasil quanto nos Estados Unidos. Quando trabalhamos a memória na pesquisa, trazemos o conceito de *escrevivência* de Conceição Evaristo, porque a memória que resgatamos na escrita das literaturas carrega significados, vivências e ancestralidade.

No terceiro capítulo da dissertação, apresentamos como as obras foram recepcionadas e realizamos parte do trabalho percorrendo alguns museus em busca das fontes, pois a relevância se apresenta atualmente, em que observamos os deslocamentos que a partilha escrita de Carolina de Jesus e Toni Morrison resultou. Além disso, fazemos uma análise sobre os espaços domésticos que eram lugares que a subalternidade colonial submeteu as mulheres

negras – espaços que estão presentes nos livros. Demonstramos, no capítulo, o diálogo das mulheres na literatura, confluenciando experiências reais nos dois países, representado atualmente por Vera Eunice na Universidade de Columbia, Nova York, em 2025.

Construímos um acervo iconográfico, representando os lugares de deslocamentos percorridos pelas autoras, as relações de trocas na Literatura e na intelectualidade. Cronologicamente, foi produzido um acervo de memória visual com textos, datas e imagens. Para mais, o diálogo aproximando Toni Morrison com o Brasil e Carolina de Jesus à França. Incluímos, também, os gráficos de levantamentos sobre as obras, além de destacar a importância de Carolina de Jesus em outras articulações artísticas, como a produção do seu álbum.

## **2 MEMÓRIAS E LITERATURA DE CAROLINA DE JESUS: A PARTILHA EPISTÊMICA DAS MULHERES NEGRAS NA AMÉRICA LATINA**

A literatura tornou-se um espaço de comunicação entre mulheres negras. Utilizamos os períodos de 1960 a 1980 para analisar essa escrita como um lugar de memória e testemunho do protagonismo intelectual negro nas relações sociais da modernidade do século XX. Na pesquisa, foram analisadas as obras "Amada (1987), de Toni Morrison e *o Quarto de despejo* (1960), de Carolina de Jesus. Nesta perspectiva, Carolina de Jesus representa, também, a escritora que partilha as experiências brasileiras nessa rede de trocas.

*A guerra das imagens* (2006), de Serge Gruzinski, contribui para o debate acerca da produção de cenários sociais a partir das imagens. As fotografias funcionam como provas da fecundidade dos acontecimentos, possibilitando a investigação e a construção de uma narrativa baseada na reprodução iconográfica e no contexto histórico. A pesquisa propõe, ainda, a construção de uma perspectiva de diálogo internacional Brasil-mundo, comprovando a materialidade das trocas estabelecidas por Carolina de Jesus após a publicação de seu primeiro diário, em 1960, inserindo o país na dinâmica global.

Sendo assim, a partilha caroliniana e morrissiana faz parte de uma tentativa de ampliação histórica, que se preocupa em “recriar mundos”, permitindo tecer teorias, criar narrativas e recuperar memórias amefricanas apresentadas em escritos literários. Assim, entende-se que as formas de escrita, em especial as ficções criativas, situam o sujeito no espaço, no tempo e no contexto social, protagonizando a narração do mundo a partir das vivências de mulheres negras — vivências impostas pela construção da subalternidade negra.

Essas matrizes de práticas sociais orientam as ações e fundamentam as apreciações de valor em conceitos que estruturaram os marcadores da diferença social no Ocidente. O rompimento dessas barreiras simbólicas, realizado pelas mulheres negras, permitiu traduzir em textos suas realidades e, em contextos específicos, as reais condições de vida na sociedade contemporânea — não somente por meio da atuação ficcional, mas por meio da organização de uma obra politicamente orientada a denunciar as condições impostas pelas subalternidades. A escrita acompanhada de imagens cumpre a função de leitura do imaginário, configurando-se como uma forma de partilha mobilizadora.

Essa abordagem procura evidenciar a contribuição da história da literatura de mulheres negras. O recrudescimento de localismos e aspirações, bem como o reconhecimento de grupos e minorias, são ações de uma escrita mais atravessada por posicionamentos, conferindo alteridade às mulheres negras nos momentos de exclusão das pautas no seio do movimento feminista. As obras literárias, escritas como manifestos, são também formas democráticas de resistência e convivência em um mundo globalizado.

Tais recortes das partilhas trazem uma “fome metafórica”, que se refere a um nível de conhecimento filosófico e à sabedoria escrita na prática do cotidiano, das leituras e das vivências das comunidades negras. Estas, separadas por fronteiras nacionais, locais ou globais, acabam por se encontrar na escrita, que, simbolicamente, transcende as grandes estruturas socialmente estabelecidas. Isso demonstra que o processo de construção do conhecimento nem sempre reconhece as lutas das mulheres negras, a ponto de instituí-las ou oficializá-las como formulações legítimas de problemáticas historiográficas — formulações que nasceram no seio dos movimentos sociais.

As obras literárias de Toni Morrison e Carolina de Jesus trazem para a nossa narrativa as oralidades da memória na escrita. A professora e teórica da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), Leda Martins (2021) afirma que oralidade é uma instituição — não somente por representar, mas por instaurar uma forma interpretação que inclui as expressões da narrativa oral.

Para a pesquisa, o conceito de Martins (2021) está vinculado à projeção do corpo e da voz — na escrita, mas também na memória. Trata-se de um uso conceitual e metodológico voltado à grafia do conhecimento oral, ancorado no corpo em desempenho. Dessa forma, o conceito está ligado à grafia da memória, por meio da letra escrita, resguardando as reminiscências presentes em nossos livros, arquivos, bibliotecas, monumentos, etc.

O estudo da estética literária, tal como Jacques Rancière propõe, possibilita refletir sobre as vozes da resistência negra na escrita, significando um saber — o do “devir negro”.

As fontes utilizadas — matérias de jornais, arquivos digitais e as duas obras literárias — demonstram que o objeto de estudo, nas décadas de 1950 e 1960, alcança um lugar de resistência social frente à produção do conhecimento. A conquista de espaço no debate teórico, nas pesquisas científicas, premiações, exposições, entre outros, possibilita ao sujeito negro o direito de ditar dinâmicas sociais.

As mulheres negras apresentam-se como sujeitas de conhecimento nas obras, detendo domínio do território narrativo e enunciativo. Isso gera memórias em trânsito e formulações de conceitos e epistemologias em diáspora, suscitando reflexões que apontam a superação de alguns dos nossos dilemas transnacionais, como, por exemplo, a discriminação racial na contemporaneidade.

Tanto o romance baseado em fatos, *Amada* (1987), quanto *Quarto de Despejo* (1960), são atravessados por semelhanças, descontinuidades e histórias do racismo moderno. Mas a principal delas é que se trata de literaturas com valor testemunhal. A partilha das cartas e dos manuscritos é a linguagem de comunicação que as mulheres negras vinham utilizando como uma rede de escrita transnacional.

O racismo, enquanto marcador da diferença social que impulsionou o trânsito das discussões da literatura, constitui um ponto de semelhanças entre as escritas, ao rememorar e narrar a perspectiva das mulheres negras vivendo em diferentes épocas. Essa abordagem dá espaço para o protagonismo delas, promovendo a escrita de resistência.

O cruzamento das experiências de Margaret Garner, Carolina de Jesus e Toni Morrison atravessa as fronteiras territoriais, conectando-se com Françoise Ega e pode indicar a continuidade de uma violência social não resolvida, apesar das lutas da década de 1960, tanto no Brasil, quanto nos EUA.

A partir da segunda metade do século XX, entre 1950 e 1960, houve a efervescência dos movimentos por direitos civis nos dois países, que defendiam a igualdade de direitos para a população negra. Líderes como Malcolm X (1925-1965) e Martin Luther King (1929-1968), além do grupo Pantera Negra, mobilizaram cerca de 250 mil pessoas nas ruas durante a Marcha de Washington (Davis, 2016).

No cenário brasileiro, entre 1950 e 1960, ocorreram expressivos movimentos, como em 1951, quando, no Rio Grande do Sul, aconteceu a greve dos ferroviários, e o número de grevistas no país ultrapassou os 800 mil (Jobim, 2013). Em 1954, em Pernambuco, ocorreram 37 greves no total. A análise é de que o nosso objeto de estudo está inserido nas experiências mencionadas no parágrafo anterior (Delgado, 2019).

Em 1980, a partir das mudanças no plano político, acopladas a um processo de alargamento e de multiplicação dos espaços de referência e de ação — a mundialização — a história cruzada como parte da família dos procedimentos “relacionais”; que, tal como a comparação, os estudos de transferência e, mais recentemente, da Connected History e da Shared History, buscam identificar os elos, materializados na esfera social ou simplesmente projetados, entre diferentes formações historicamente constituídas.(Werner; Zimmerman. 2012)

A história cruzada se relaciona com a pesquisa, em escala nacional, das formações sociais, culturais e políticas das obras, partindo da suposição de que elas mantêm relações entre si. Ao “cruzar” as obras, tanto no plano prático quanto intelectual, fornecemos amostras particulares de questões gerais, como escalas, categorias de análise, relações entre sincronia e diacronia, regimes de historicidade e da reflexividade.(Werner; Zimmerman.2012)

A análise do objeto de estudo resgata memórias e testemunhos sociais da literatura para a historiografia. Assim, esta pesquisa narra as experiências tanto de Toni Morrison (1987), nos EUA, quanto de Carolina de Jesus (1960), no Brasil — para exemplificar a resistência de mulheres negras na literatura, quando diante da desigualdade social, expressa por meio dos marcadores de diferença racial.

Com base na antropóloga Kia Lilly Caldwell, que publicou um estudo sobre o impacto das pesquisas acerca das vivências de mulheres negras, evidencia-se o protagonismo dessas mulheres no evento de transformação social que ela chamou de “institucionalização da história do conhecimento negro”. Esse processo levou mais mulheres negras a ingressar na universidade e, ou escrever no século XX.

Esse movimento ou deslocamento também impactou o comércio de obras, pois as editoras passaram a publicar mais. Nesse sentido, para além das letras, tratou-se de um movimento esteticamente literário no mercado de impressos. Naquele momento, estabeleceu-se um espaço alcançado pela estética literária negra como proclamação política no século XX – um evento de denúncia da violência.

Em *A dança das cadeiras: literatura e política na Academia Brasileira de Letras* (1896-1913) (Rodrigues, 2003), discute-se a reforma ortográfica como uma questão de convenção e prática acadêmica<sup>6</sup>. Embora não houvesse uma dinâmica violenta e narcisista, as

---

<sup>6</sup> É importante salientar a questão do etnocídio sofrido por Carolina de Jesus, quando suas obras são editadas para que, de alguma forma, se esconda o seu “pretuguês”. Essa prática configura-se, também, como uma forma de silenciamento, pois, academicamente, os homens brancos letrados criaram a subalternidade para Carolina de Jesus e negaram o seu protagonismo, tratando-se de uma categoria político-social que Lélia Gonzalez já havia explicado: a ladinamefricanidade.



polêmicas literárias do século XIX envolviam ataques pessoais. Os livros, para se tornarem imortais e cânones, deveriam seguir um esquema:

[...] Viam a si próprios na identidade forjada de defensores da cultura letrada no Brasil imaginavam-se alheios às características do jogo político institucional. É por isso que imaginávamos a questão da ortografia como, primeiro, um assunto de sua e apenas sua alçada e, segundo um assunto somente de méritos técnicos e científicos (com uma pitada de “bom gosto”), em uma época em que também se achava que a técnica e a ciência prescindiram e estavam acima do reles mundo da política. Eruditos, sábios e estudiosos do idioma que eram, imaginavam que sua palavra era a expressão da pura e única e que, dessa forma, a sociedade aceitaria prontamente seus mandamentos. É por isso que, mesmo frisando que a reforma servia apenas para as publicações acadêmicas, deixaram que o debate tomasse o contorno de uma definição do caráter do idioma português, ao mesmo tempo, em que, por ser uma decisão de uma academia, suas regras teriam imediata repercussão social. (Rodrigues, 2003, p. 212-213)

Assim, percebemos, ao analisar o livro, que havia uma mensagem a ser comunicada. Em julho de 1897, Machado de Assis comunicou, numa sessão inaugural da ABL (Academia Brasileira de Letras), que o desejo dos que estavam ali era “conservar, no meio da federação política, a unidade literária”.

Ao observarmos o modo como essa ideia foi expressa, percebemos que não se escondeu o teor político do encontro. Termos como “federação política”, utilizados para descrever as incertezas e violências da primeira década do regime republicano, serviram como uma forma sutil de rememorar a época da ditadura militar, com suas perseguições, guerras civis e outras formas de repressão irônica. (Rodrigues, 2003)

Dessa forma, em relação às denúncias de racismo nos livros de mulheres negras, observa-se um protagonismo na segunda metade do século XX, pois essas obras já expressavam o descontentamento com as necropolíticas<sup>7</sup> vigentes. Carolina de Jesus e Toni Morrison são testemunhas de uma história contemporânea.

Nesse contexto, é perceptível que o ato de escrever resgata a voz da memória nas abordagens de ambas as autoras. Em virtude disso, a literatura se torna uma forma de conhecimento e comunicação de resistência. Carolina de Jesus, em *Quarto de Despejo* (1960), e Toni Morrison, em *Amada* (1987), contribuem para a formação de novos cânones – de autoria feminina e negra — no Brasil, nos EUA e no mundo. O que, inicialmente, era considerado um espaço apenas para sujeitos tidos socialmente como letrados acabou por

---

<sup>7</sup> É um conceito trabalhado por Achille Mbembe, em 2018, para discutir as formas contemporâneas que subjugam a vida ao poder da morte (necropolítica) e reconfiguram profundamente as relações entre resistência, sacrifício e terror. Além disso, a política, como expressão máxima da soberania, reside, em grande medida, no poder e na capacidade de ditar quem pode viver e quem deve morrer. Por isso, matar ou deixar viver constituem os limites da soberania, seus atributos fundamentais. Exercitar a soberania é exercer controle sobre a mortalidade e definir a vida como a implantação e manifestação de poder.

revelar-se, a partir da ascensão dessas autoras, um território de movimento de resistência das mulheres negras.

Isso retoma a hipótese inicial: as obras de Carolina de Jesus e Toni Morrison revisitam as memórias de vivências baseadas na divisão racial do Ocidente, no século XX. Acionados no mercado editorial, a emergência social do pensamento negro no século XX e o apreço pelas literaturas negras, anteriormente estigmatizadas, passaram por um momento de popularidade e continuam a influenciar a literatura.

Os debates sobre teoria da história argumentam que os historiadores necessitam construir algo original, ou seus trabalhos serão renegados no campo científico. Concordo com Barbara Weinstein, quando ela afirma:

Diferentemente da noção de neocolonialismo, uma concentração do fundamento materialista, esses historiadores economizassem a luta anticolonial e a independência como momentos e processos muito importantes, mas, ao mesmo tempo reconhecem que a “descolonização” está incompleta num desfazer onde o imperialismo, o racismo e o etnocentrismo permanecem de outras formas, tanto na esfera cultural como na material, e onde a hibridização da cultura impossibilita um projeto cultural “autônomo”, e muito menos “autêntico”. (Weinstein, 2003, p. 198-199)

Essa perspectiva da história das mulheres negras acredita no movimento de reconstrução do corpo, da voz e da memória, na valorização da estética negra. Os estudos culturais da literatura no século XX já destacavam uma rede de comunicação escrita e suas raízes nos literatos africanos, que reivindicavam o devir africano, sua identidade, sua nacionalidade, como Mia Couto<sup>8</sup> e/ou José Craveirinha<sup>9</sup>, ambos moçambicanos.

Vejamos este poema abaixo, que traz uma demonstração dessa expressão africana na literatura.

Quero Ser Tambor<sup>10</sup>  
Tambor está velho de gritar  
Oh velho Deus dos homens  
deixa-me ser tambor  
corpo e alma só tambor  
só tambor gritando na noite quente dos trópicos.

Nem flor nascida no mato do desespero  
Nem rio correndo para o mar do desespero  
Nem zagaia temperada no lume vivo do desespero  
Nem mesmo poesia forjada na dor rubra do desespero.

<sup>8</sup> Autor ganhador do Prêmio Camões em 2013 pertence ao período pós-independência de Moçambique e apresenta características como realismo mágico ou fantástico, uso de neologismos, marcas de oralidade e valorização da memória cultural de seu povo.

<sup>9</sup> José Craveirinha é considerado o maior poeta de Moçambique. Em 1991, tornou-se o primeiro autor africano galardoado com o Prêmio Camões, o mais importante prêmio literário da língua portuguesa.

<sup>10</sup> Poema de José Craveirinha contido em seu livro, *Karingana ua Karingana*, publicado originalmente em 1974 com reedição em 1982, com aspectos marcados pelo resgate da memória histórica e cultural de seu povo.

Nem nada!

Só tambor velho de gritar na lua cheia da minha terra  
Só tambor de pele curtida ao sol da minha terra  
Só tambor cavado nos troncos duros da minha terra.

Eu  
Só tambor rebentando o silêncio amargo da Mafalala  
Só tambor velho de sentar no batuque da minha terra  
Só tambor perdido na escuridão da noite perdida.

Oh velho Deus dos homens  
eu quero ser tambor  
e nem rio  
e nem flor  
e nem zagaia por enquanto  
e nem mesmo poesia.  
Só tambor ecoando como a canção da força e da vida  
Só tambor noite e dia  
dia e noite só tambor  
até à consumação da grande festa do batuque!  
Oh velho Deus dos homens  
deixa-me ser tambor  
só tambor!

O poema expressa uma movimentação de reivindicação do eu-lírico em relação às identidades nacionais moçambicanas, que os autores estavam aplicando como uma estática efêmera do ser. O brado de “quero ser tambor” é, metaforicamente, a exigência social de querer assumir a conformidade diante da similitude de vivências esquecidas. Por vezes, o sujeito poético balança entre a revolta e a esperança, servindo-se da imagem do tambor para fazer o apelo à convocação, à congregação e à união.

O que o poema e os autores acima demonstram é uma tradição literária militante diante das situações de apagamento de uma identidade, fazendo um cruzamento com as questões da memória negra, que levantamos na discussão sobre as obras literárias que adotam essa formação da circulação de ideias de negritude. O que isso reflete nas literaturas de Carolina de Jesus e Toni Morrison é uma perspectiva de reivindicação dessa identidade, que vai além do dito identitarismo, e conversa com a memória histórica e com as reivindicações sociais por meio da escrita literária.

Na verdade, o que queremos dizer é que o historiador que somente conversa com seus pares pode estar envolvido na burocracia do campo científico e não abrir espaço para questionar seus próprios lugares de poder e saber, bem como os discursos são construídos; como a função epistemológica pode criar lugares subalternos para determinados grupos, através da construção de ideias e discursos, porque é assim que os saberes são formados, mediante a escrita – seja ela identitária ou dominante.

Embora desde a infância eu quisesse fazer da escrita o trabalho da minha vida, tem sido difícil para mim reivindicar a palavra “escritora” como parte do que identifica e configura minha identidade cotidiana. Mesmo depois de publicar livros, eu costumava falar sobre querer ser uma escritora como se esses trabalhos não existissem. E, embora me dissessem “você é uma escritora”, eu ainda não estava pronta para declarar completamente essa verdade. Parte de mim ainda era mantida em cativeiro por forças dominadoras da história, pela vida familiar que me havia traçado o mapa de silêncio, de fala correta. Eu não tinha me libertado totalmente do medo de dizer a coisa errada, de ser punida. Em algum lugar nos recônditos da minha mente, eu acreditava que podia evitar tanto a responsabilidade quanto a punição se não me declarasse uma escritora (hooks, 2019, p. 20).

Para estudar esse tipo de estética literária na contemporaneidade do Ocidente, é preciso considerar a ideia de uma História transnacional. O registro dessa memória no acervo de livros de mulheres negras, dos últimos dois séculos, demonstra que parte da tradição escrita traz sua memória preservada na sociedade, em uma cultura de produção e consumo.

É possível perceber o que diz Inocência Mata (2014) sobre as literaturas africanas, remetendo-se à segunda demanda da reescrita e à repaginação da(s) identidade(s) cultural(is), sendo estas estratégias que não apelam para a ruptura, mas remetem a um processo de remitologização. Isso dialoga com os objetos de estudo, no sentido dessa transnacionalidade e das conexões possíveis através do Atlântico Negro.

Sendo uma das marcas das culturas pós-coloniais a sua hibridez, resultado de uma situação de semiose cultural ou de relação dialética entre matrizes civilizacionais diversas, nunca antes como em Mía Couto a expressão literária revela a sua mestiça existência e vivência, do seu criador e suas criaturas: mestiços de cultura, de espaços, de saberes e de sabores. Esse trabalho consiste num processo de recriação de desenredos verbais a que se segue a incorporação de saberes não apenas linguísticos, mas, também, de vozes tradicionais, do saber gnômico que o autor vai recolhendo e assimilando nas margens da nação – o campo, o mundo rural – para revitalizar a nação que se tem manifestado apenas pelo saber da letra. Essa revitalização segue pela via da levedação em português de signos multiculturais transpostos para a fala narrativa em labirintos idiomáticos como forma de resistência ao aniquilamento da memória e da tradição (Mata, 2014, p. 5).

Essas reflexões acima conectam-se com o que Jacques Rancière (2009) explica sobre um típico movimento na sociedade de massa, que consiste no fenômeno da estetização da política, que transforma a mídia numa tecnologia de poder, podendo reforçar ou não discursos e metanarrativas.

Essa perspectiva parece cruzar com as obras de Carolina de Jesus e Toni Morrison, ao trazer à análise um olhar um pouco menos ressentido, mas lúcido e viável na escrita, sem perder o horizonte histórico das desilusões modernas. A partilha de Carolina de Jesus e Toni Morrison prevê, com novos olhos, as relações possíveis entre estética e política.

Uma partilha do sensível fixa, portanto, ao mesmo tempo, um comum partilhado e partes exclusivas. Vendo “partilha” implica aqui tanto em algo “comum”, a cultura, os direitos civis, a liberdade, quanto um “lugar de disputas” por esse comum – mas

de disputas que, baseadas na diversidade das atividades humanas, definem “competências ou incompetências” para a partilha (Rancière, 2009, p. 15-16).

A estratégia busca combater a invisibilidade dos cânones produzidos por mulheres negras na historiografia; isso também contribui para a sistematização da inserção da intelectualidade negra na partilha do sensível.

Na literatura escrita no Brasil predomina a herança dos arquivos textuais e da tradição retórica europeia. Mesmo os discursos que se alçaram como fundadores da nacionalidade literária brasileira, do século dezenove, tinham na série e dicção literária ocidentais sua âncora e base de criação literária. A textualidade dos povos africanos e indígenas, seus repertórios narrativos e poéticos, seus domínios de linguagem e modos de aprender a figurar o real. (Martins, p. 63-64)

Ao trabalhar obras de mulheres negras, em países diferentes, que enfrentam dilemas raciais parecidos, mas não iguais, José D’Assunção Barros reflete sobre as modalidades historiográficas interconectadas e transnacionais, ao lado da História Comparada.

A proposta é lidar com ‘procedimentos relacionais’ — aqui entendidos como aqueles que vão além das abordagens historiográficas tradicionais, atentando-se aos gestos historiográficos da comparação, cruzamento, interconexão e ultrapassagem dos limites nacionais dos objetos historiográficos. Nesse sentido, a história transnacional da literatura de mulheres negras é apresentada com o giro entre acontecimentos, narrativas e as datas.

Em *Lembrar, escrever e esquecer* (Gagnebin, 2006, p.39), é apresentado o seguinte questionamento: “Por que hoje falamos tanto em memória, em conservação, em resgate? Por que dizemos que a tarefa dos historiadores consiste em estabelecer a verdade do passado?”.

Essa História remete às dimensões humanas da ação e da linguagem e, sobretudo, da narração; sendo indissociável do agir e do falar humano. Em particular, a criatividade narrativa e a inventividade prática contribuíram para a pesquisa também, ao dar sentido a *Quarto de Despejo* (1960), desempenhando a função de testemunho ocular como memória coletiva, compreendendo a função da narrativa individual nas obras como um valor de testemunho coletivo.

O lugar de reconhecimento cultural e representação que construímos na conexão das obras de Carolina de Jesus, *Quarto de Despejo* (1960) e de Toni Morrison, *Amada* (1987), retrata a memória e o testemunho na pesquisa, com foco na escrita e na linguagem — memórias, por exemplo.

Assim, a literatura de mulheres negras do século XX, atua como forma de linguagem, comunicação resistente, e dá voz às memórias subalternizadas, permitindo assim que se questione a construção desse lugar do subalterno. Em *Pode o subalterno falar?* Spivak explica que:

É impossível para os intelectuais franceses contemporâneos, imaginar o tipo de Poder e Desejo que habitaria o sujeito inominado do Outro da Europa. Não é apenas o fato de que tudo que leem - crítico ou não crítico - esteja aprisionado no debate sobre a produção desse Outro, apoiando ou criticando a constituição do Sujeito como sendo, da Europa. (Spivak, 2010, p. 45-46)

Nesse sentido, a pesquisa bibliográfica demonstra que mulheres negras, tanto no Brasil quanto nos EUA, participaram da emergência social dos movimentos entre as décadas de 1950 a 1990 – na literatura – e afirmaram-se como intelectuais.

Interessante, o colapso da perspectiva assimilacionista obedeceu menos à geração de novos enfoques e desenvolvimentos teóricos do que à atuação política das minorias raciais. Com efeito, a crise da estratégia integracionista do movimento pelos direitos civis deu lugar, na década de 1960, a novas formas de mobilização política do negro americano. No clima de reafirmação da consciência étnica e do nacionalismo cultural, característico do ativismo das minorias raciais naquele período, intelectuais e militantes dessas minorias passaram a definir a relação de negros, índios, chicanos (imigrantes mexicanos e americanos de ascendência mexicana) e outros grupos com a sociedade americana como a de colônias internas. (Gonzalez, 2022, p. 93)

No contexto da década de 1960, os Estados Unidos persistiam em um sistema legal de apartheid social que segregava negros e brancos; no Brasil, em 1960, houve um movimento que ficou conhecido como Marcha da Família com Deus pela Liberdade, organizado pelos setores mais conversadores da sociedade.

Não podemos mais calar. A discriminação racial é um fato marcante na sociedade brasileira, que barra o desenvolvimento da comunidade afro-brasileira, destrói a alma do homem negro e sua capacidade de realização como ser humano. O Movimento Unificado Contra a Discriminação Racial foi criado para que os direitos dos homens negros sejam respeitados. Como primeira atividade, esse movimento realizará um ato público contra o racismo, no dia 7 de julho, às 18h30, no Viaduto do Chá [...]. No Clube de Regatas Tietê, quatro garotos foram barrados de time infantil de voleibol pelo fato de serem negros (Gonzalez, 2022, p. 55-56).

Tanto o Movimento Negro Unificado (MNU) (Brasil), quanto o partido Panteras Negras (EUA); têm suas origens na histórica luta que se iniciou nos períodos da escravidão e se intensificou em todo o mundo, sobretudo por inspiração de personalidades estadunidenses engajadas na luta, como Martin Luther King Jr., Malcolm X, James Baldwin e Angela Davis

A literatura de mulheres negras na historiografia baseia-se em fontes das experiências existenciais, enquanto movimento político que fragmentou a criação do “Outro” na sociedade, que usou a escrita como mecanismo de dominação hegemônica, criando a ideologia de raça e subalternidade. O contato com essas obras literárias permitiu a dinâmica de cruzamento e comparação, ligando as fronteiras entre História e Memória.

Ao final desse tópico, a revisão bibliográfica das obras *Quarto de Despejo* (1960) e *Amada* (1987) concede memórias para a construção dos sentidos de uma história que é

coletiva. A importância da emergência de novos discursos sobre as ciências estabelece, com a natureza do fundamento metodológico, mais rigor nas formulações. A notoriedade sobre os estudos de memórias nas literaturas de mulheres negras está em que ela não é um fenômeno isolado. Faz parte de um movimento convergente (Sousa, 2008).

Consideravelmente interligados, *Quarto de Despejo* (1960) e *Amada* (1987) trazem a capacidade de transcrever e traduzir o mundo tal como ele se constitui na modernidade — com suas contradições, ou não.

## 2.1 TEXTOS E VIVÊNCIAS: MEMÓRIAS E DESIGUALDADE SOCIAL NOS ANOS DOURADOS EM 1960

Os contextos sociais vividos por Carolina de Jesus influenciaram consideravelmente o modo como ela escreveu a obra *Quarto de Despejo* (1960), e conservou memórias que foram canonizadas após a publicação do livro. A biografia, como tratamos, foi marcada por conflitos, mas também por reflexões políticas do Brasil. A obra dá a possibilidade de estudar o passado, porque representa algumas transformações sociais brasileiras, como a industrialização acelerada na vida das pessoas de Canindé.

Uma leitura mais profunda da literatura brasileira, em suas diversas épocas e gêneros, nos revela uma imagem deturpada da mulher negra. Um aspecto a observar é a ausência de representação da mulher negra como mãe, matriz de uma família negra, perfil delineado para as mulheres brancas em geral. Mata-se no discurso literário a prole da mulher negra. Quanto à mãe-preta, aquela que causa comiseração ao poeta, cuida dos filhos dos brancos em detrimento dos seus. Na ficção, quase sempre, as mulheres negras surgem como infecundas e por tanto perigosas. Aparecem caracterizadas por uma animalidade como a de Bertoleza que morre focinhando, por uma sexualidade perigosa como a de Rita Baiana, que macula a família portuguesa, ambas personagens de *O Cortiço* (1890), de Aluísio de Azevedo. Ou por uma ingênua conduta sexual de Gabriela, Cravo e Canela (1958), de Jorge Amado, mulher-natureza, incapaz de entender e atender determinadas normas sociais. (Evaristo, 2005, p. 53)

Na literatura brasileira, o movimento que Conceição Evaristo(2005) vai chamar de “autoapresentação das sujeitas-mulheres-negras” reflete as condições sociais da sociedade contemporânea, que exigiram das mulheres negras a urgência de escrever. Essa imagem deturpada da mulher negra fez parte da trajetória de Carolina de Jesus como escritora, que faz parte desse coletivo de partilhas, ao publicar o primeiro de seus diários pessoais. De certa forma, isso abriu caminhos para a consagração de outras vozes negras femininas.

Em *Lugar de negro* (2022), Lélia Gonzalez demonstra como a produção intelectual das protagonistas negras foi importante para a construção da comunicação entre a comunidade negra. Esse termo “lugar” traz uma dimensão crucial de combate às desigualdades raciais.

*Quarto de Despejo* (1960) é um texto que acessa a memória de Carolina e Jesus, ao refletir sobre a peculiaridade do racismo brasileiro. A escrita narra a naturalização das posições sociais que alocavam indivíduos que moravam na favela, e descrevia uma hierarquia presumida em marcadores sociais de raça, classe, gênero e território – categorias percebidas por Carolina de Jesus e por ela desnaturalizadas.

O interessante para a pesquisa é pensar como a narrativa e a escrita negra contribuem para a construção desses “lugares” sociais, entendendo haver uma tarefa primordial na agenda intelectual e política de pesquisadores e militantes. Essa reflexão nos permite pensar na transposição de uma literatura periférica para uma literatura negra socialmente respeitada – ou seja, uma transformação que parte do âmbito da cultura para um nível macro.

Alguns contextos aproximam Brasil e EUA, estabelecendo conexões entre as obras e as formas de resistência produzidas por elas. Toni Morrison, nos EUA, como editora, viabilizou publicações, ampliando o leque de livros com os quais conectamos memória.

A época debatida é classificada como um período de deslocamento e comunicação, levando o leitor a compreender a importância da literatura enquanto um movimento político para dar voz, revisitar a memória e o testemunho.

Na fotografia da Figura 9, Carolina de Jesus está indo para o Uruguai para se apresentar no lançamento de seu livro, em dezembro de 1961:

**Figura 9** - Carolina de Jesus indo ao Uruguai





**Fonte:** Acervo Carolina Maria de Jesus. Instituto Moreira Salles, 2024 Disponível em: <https://ims.com.br/por-dentro-acervos/o-aniversario-de-quarto-de-despejo-de-carolina-maria-de-jesus/> Acessado em: maio de 2024.

*Quarto de despejo* (1960) foi publicado no Brasil e se expandiu, chegando a outros países do mundo, como a França, devido a um marcador que o conectou às vivências de outras mulheres, como Françoise Ega. Essa escrita despertou a curiosidade da sociedade em ler sobre a perspectiva do lugar que ocupa a mulher negra.

Para abordar o livro na perspectiva da cultura de massa, é preciso transitar entre o cultural e o econômico, reconhecendo o exercício da prática política que Carolina de Jesus teve nos movimentos de pessoas que escrevem. Por isso, o caráter ideológico das narrativas culminou na instauração das pesquisas sobre mulheres como ela, ou mesmo como *Rosa Parks*<sup>11</sup>.

---

<sup>11</sup> Rosa Louise McCauley, mais conhecida por Rosa Parks, ficou conhecida, em 1º de dezembro de 1955, por recusar-se a ceder o seu lugar no ônibus, tornando-se o estopim do movimento denominado, boicote aos ônibus de Montgomery, que posteriormente marcaria o início da luta antissegregacionista. Parks foi uma ativista negra norte-americana, símbolo do movimento dos direitos civis dos negros nos Estados Unidos.

O primeiro movimento ideológico pós-abolição no Brasil, a Frente Negra Brasileira (1931-1938), buscou sintetizar ambas as práticas enquanto atraía diferentes tipos de entidade para o seu interior. Com isso, o sucesso de sua mobilização conseguiu trazer o trabalho de uma imprensa negra cada vez mais militante. A Frente Negra Brasileira surgiu exatamente no centro econômico do país, São Paulo, estendendo-se para outros municípios do interior paulista.

Ressaltamos que se tratava de um movimento urbano, uma vez que é o negro da cidade que, mais exposto às pressões do sistema dominante, aprofunda sua consciência racial – parafraseando Lélia Gonzalez(1988). Utilizamos, abaixo, a reprodução iconográfica, incluindo a memória do trabalhador da época, presente nos jornais e romances daquele período. A pesquisa ainda abre a possibilidade de testemunhos oculares.

Assim, trouxemos publicações de manifestos escritos em jornais, como *O Radical*, que demonstra que os trabalhadores ativistas eram chamados de “bagunceiros, analfabetos e bêbados!” (Ferreira; Delgado, 2003, p. 31).

**Figura 10** - Fotografia recorte do jornal com a notícia sobre a greve dos metalúrgicos



da intenção do fotógrafo ao registrar o momento, ou até mesmo da forma como o jornalista narra os fatos.

Na nossa pesquisa, isso significou que houve uma transformação dos fundamentos simbólicos que regiam os brasileiros. “Mas nós, os operários, não devemos estranhar esse tratamento por parte de tais democratas, pois foi sempre assim que eles nos julgaram” (Ferreira; Delgado, 2003, p. 31). Com isso, Sandra Pensavento explica que:

Nos anos 60 e 70 do século XX, a literatura se definia como engajada e militante, portadora de um compromisso definido com o social, cabendo também à História um perfil crítico e politicamente correto, na sua missão de denúncia das injustiças sociais. Ambas se colocavam a serviço de uma causa, que definia assim o seu valor e positividade. (Ferreira; Delgado, 2003, p. 31)

Carolina de Jesus foi precursora ao desenvolver um trabalho importante para a sociedade brasileira, não só pelo inegável fato de seus pensamentos nos diários serem representações reais de dinâmicas sociais, mas, sobretudo, por associar aqueles conflitos vividos pelos favelados à negligência dos governos. Esses governos, por sua vez, se colocavam publicamente como promissores, mas afetavam negativamente inúmeras famílias à beira do Tietê, em São Paulo:

O governo de Juscelino Kubitschek, para além da política desenvolvimentista, o político costuma ser lembrado como um homem flexível e atencioso, a sua imagem foi trabalhada e veiculada por revistas durante todo o seu mandato, fato que contribuiu para a mitificação do governo e da figura do presidente no imaginário social, personificando um homem que se importava com os mais necessitados, o que por muito tempo não convenceu Carolina de Jesus. (apud Nascimento, 2024, p. 29)

A citação acima demonstra como era a realidade do país, abordada na obra de Carolina de Jesus. Assim como Nicolau Sevcenko faz em *Literatura como Missão* (1983), ao analisar autores como Euclides da Cunha e Lima Barreto, colocamos a autora em destaque; porque ela, assim como os escritores, acreditava que deveria fazer algo a serviço do povo brasileiro.

Em *Literatura como missão*, os autores analisados por Nicolau Sevcenko acreditavam que era necessário tirar da miséria e da ignorância os povos abandonados pelos governos, fossem eles em São Paulo ou no Rio de Janeiro (Sevcenko, 1983). Abaixo podemos ver como Carolina de Jesus, sentia-se em relação ao contexto social que vivia:

22 de julho ... tem hora que revolto com a vida atribulada que levo. E tem hora que me conformo. Conversei com uma senhora que cria uma menina de cor. É tão boa para menina... Lhe compra vestidos de alto preço. Eu disse:  
— Antigamente era os pretos que criam os brancos. Hoje são os brancos que criam os pretos.  
A senhora disse que cria a menina desde os 9 meses. E que a negrinha dorme com ela e que lhe chamava de mãe.  
Surgiu um moço. Disse ser seu filho. Conteí umas anedotas. Eles riram e eu segui cantando.

Comecei a catar papel. Subi a rua Tiradentes, cumprimentei as senhoras que conheço. A dona da tinturaria disse:

— Coitada! Ela é tão boazinha.

Fiquei repetindo no pensamento: “Ela é boazinha!” (Jesus, 1960, p. 22)

A autora demonstra compreender profundamente a identidade social brasileira atribuída aos negros e expressa sua inteligência política. É notável como os referenciais sociais presentes nos trabalhos dos dois historiadores contribuíram para a historiografia, mas também é impossível não perceber o tratamento que a historiografia reservou às produções das mulheres negras – quase como uma tentativa de apagamento nesse campo do saber.

Nos “anos dourados” os moradores do Canindé viviam uma realidade que em nada lembrava o ouro, na favela o ar de progresso era facilmente substituído pelos perfumes de “lama podre, excrementos e pinga”. A cidade para a qual Carolina de Jesus se mudou em busca de melhores condições de vida parecia ter sido dividida em duas partes, conforme ela denomina de sala de visitas e quarto de despejo, a sala de visitas representava o centro da cidade e o quarto de despejo a favela. (Nascimento, 2024, p. 34)

Porque as transformações político-sociais condicionam a subalternidade, as memórias apresentadas no *Quarto de Despejo* (1960) colocam Carolina de Jesus no centro das discussões sobre a história do Brasil, demonstrando sua genialidade e resistência aos projetos impostos. Isso porque, enquanto *Quarto de Despejo* (1960) era publicado, Carolina de Jesus escrevia outros diários — *Casa de Alvenaria*, publicado em 2021 — percebe-se que ainda se tratam de suas memórias de 1960, nas quais ela observa:

As mulheres presentes eram da Vila Mariana, um dos bairros de luxo de São Paulo. Se elas que são do bairro de luxo foram no programa pedindo a Dona Suzana para colaborar no programa aludindo que não suportam mais o custo de vida – se elas que são ricas tem meios lamentam e reclamam contra o custo de vida... O que não dirá os pobres... Da vontade de sair pelas ruas gritando: Brasil... Você tem governo? (Jesus, 2021, p. 109)

Esse trecho transcrito, do dia 3 de novembro de 1960, demonstra que Carolina de Jesus não era um produto midiático — ela analisava todos os locais e escrevia. Após *Quarto de Despejo* (1960), a autora continuou escrevendo suas opiniões em cadernos. Ela manteve a escrita de suas sensibilidades, sua po(ética) e suas composições, tornando-se a primeira best-seller (sucesso em vendas) brasileira, e protagonista de um movimento contemporâneo de epistemologias emergentes.

## 2.2 A PARTILHA CAROLINEANA: TESTEMUNHOS DO QUARTINHO DE DESESPERO

A partilha carolineana<sup>12</sup> é como percebemos o compartilhamento da sensibilidade de Carolina Maria de Jesus em seus diários. Trata-se da junção de sentimentos cotidianos e profundos, que narram o íntimo de uma mulher negra no auge da vida adulta, lidando com os desesperos sociais. Os relatos de Carolina são testemunhos, e, no título do tópico, usamos um trocadilho, ao invés de “despejo”, chamamos de “desespero”, ao detalhar as vivências reais de Canindé,

Denomino partilha do sensível o sistema de evidências sensíveis que revela, ao mesmo tempo, a existência de um comum e dos recortes que nele definem lugares e partes respectivas. Uma partilha do sensível fixa, portanto, ao mesmo tempo, um comum partilhado e partes exclusivas. Essa repartição das partes e dos lugares se funda numa partilha dos espaços, tempo e tipos de atividade, determina propriamente a maneira como um comum se presta à participação e como uns e outros tomam parte nessa partilha. (Rancière, 2005, p. 15)

Os testemunhos na escrita de Carolina de Jesus, no Canindé, na década de 1960, tratam da vivência “dela e dos outros” que foram colocados em subalternidade. O livro *Quarto de Despejo* (1960) torna-se ainda mais relevante porque rompe as barreiras entre o público e o privado, mostrando ao mundo a que estavam sujeitos os indivíduos favelizados nas grandes metrópoles do eixo Rio de Janeiro-São Paulo-Minas Gerais.

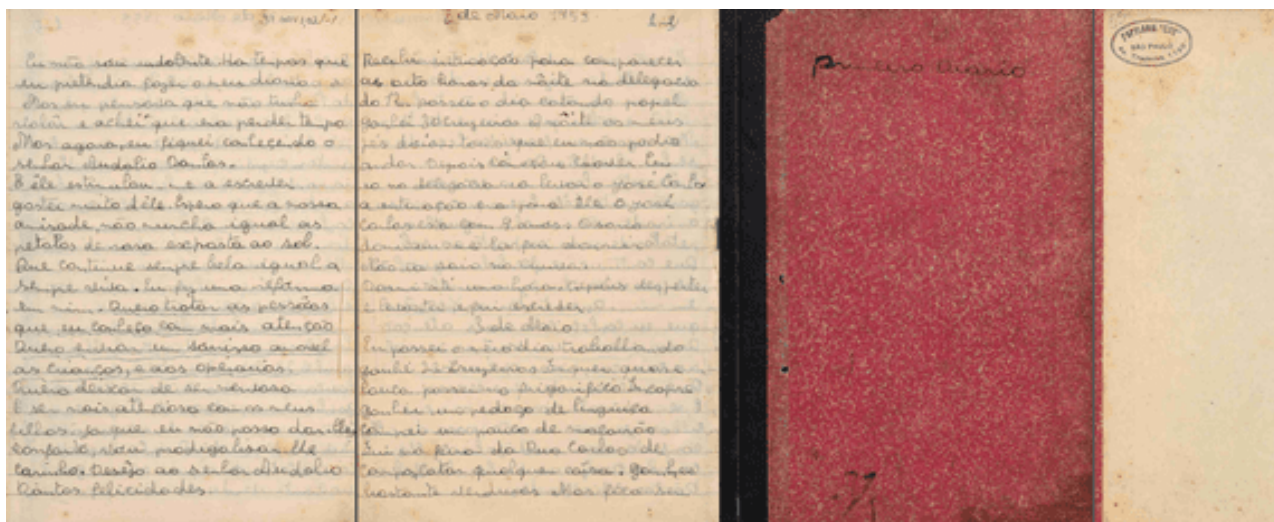
A fonte iconográfica da Figura 11 é a reprodução do manuscrito de 1958, o primeiro diário de Carolina de Jesus, com sua própria escrita e sem edições. Encontrado no acervo digital no ano de 2024, ele reforça a importância da preservação da escrita das mulheres negras para a historiografia.

**Figura 11** - Manuscrito do Primeiro Diário da Carolina de Jesus de 1958

---

<sup>12</sup> A partilha carolineana dialoga com o conceito de Partilha do Sensível, de Rancière (2015), no sentido de que pensa *Quarto de Despejo* (1960), assim como as outras obras de Carolina de Jesus, como objetos inseridos nas relações que se estabelecem entre estética literária e política. O conceito de partilha carolineana reproduz o que o autor expressa sobre a cientificidade dos anônimos.





**Fonte:** Acervo Biblioteca Digital, 2024. Disponível em: <https://bndigital.bn.gov.br/acervodigital>

Em maio de 1958, o Jornal O Dia — atualmente Jornal Folha de S. Paulo — noticiou a seguinte matéria: “Repórteres Editaram Carolina”. A matéria afirma que o repórter que assinou a reportagem, junto a um grupo de companheiros, teve acesso aos escritos de Carolina Maria de Jesus e decidiu contribuir com os custos da edição dos diários e dos trabalhos sobre a favela. Veja a imagem abaixo, encontrada no acervo histórico do jornal:

**Figura 12 -** Sentada na cama (No barraco não há cadernos)



Fonte: Reprodução/ Acervo Jornal Folha de S.Paulo, 2024. Disponível em:

<https://acervo.folha.com.br/busca.do?keyword=Carolina+Maria+de+Jesus&periododesc=09%2F05%2F1958+-+10%2F02%2F2025&por=Por+Per%C3%AAdodo&startDate=09%2F05%2F1958&endDate=09%2F05%2F1958&days=&month=&year=&jornais=>

A matéria da Figura 12 foi encontrada no Acervo Digital do jornal Folha de S. Paulo — cujo acesso é restrito a assinantes —, foi recuperada por meio de uma assinatura realizada especificamente para esta pesquisa. Podemos ver a primeira reportagem jornalística sobre a escritora Carolina de Jesus, anterior à sua primeira publicação.

O livro *Quarto de Despejo: diário de uma favelada* foi editado e publicado pela primeira vez em 1960. É interessante como se inicia a epígrafe do jornalista que editou o livro de Carolina de Jesus, Adauto Dantas, que declarou: “A fome aparece no texto com uma frequência irritante. Personagem trágica, inarredável. Tão grande e tão marcante, que adquire cor na narrativa tragicamente poética de Carolina” (Dantas, 1960. p. 3). Certamente, para aquele Brasil modernizado, apreciar a fome foi algo quase impossível.



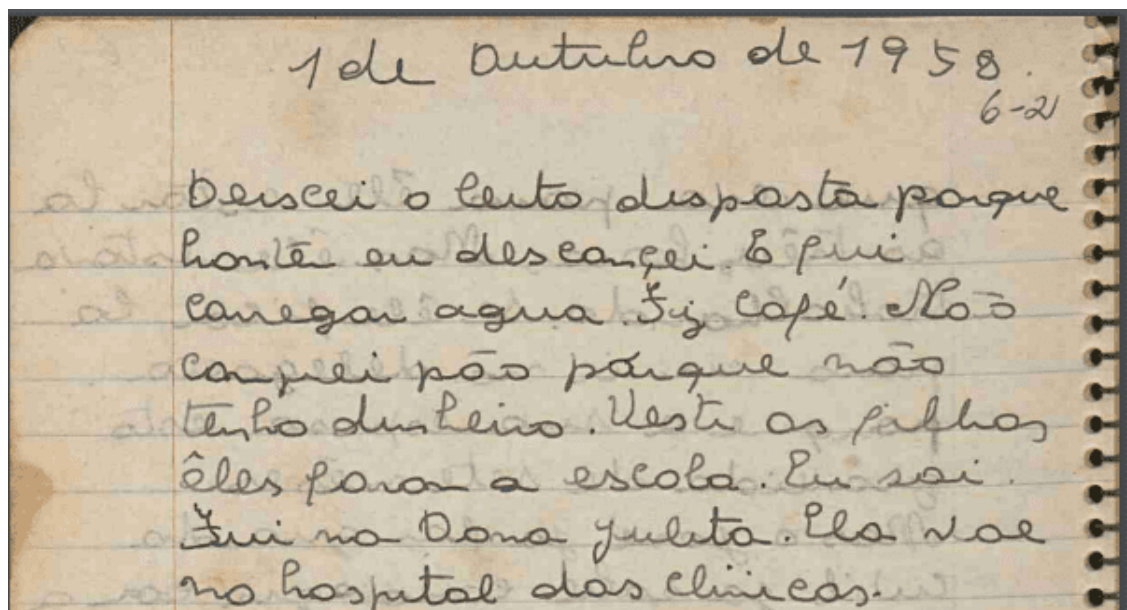
Por outro lado, diferente da produção de café, as lavouras dos gêneros alimentícios de primeira necessidade como o feijão e o arroz eram caracterizadas pelas baixas produções, em consequência disso a população tinha uma nutrição deficiente. Além da nutrição deficiente, as baixas produções registradas na época tinham como consequência a elevação dos preços dos alimentos-bases, que os tornava praticamente inacessíveis à população mais pobre do Brasil. Anteriormente à posse de JK, as autoridades políticas já direcionavam esforços para a captação de investimentos de outros países com o objetivo de aplicá-los na indústria brasileira e alcançar um maior contingente de exportações, tencionando a autossuficiência econômica do país e a melhoria da qualidade de vida da população, que era afetada pelas flutuações dos valores de mercado. (Nascimento, 2024, p. 25)

O Brasil, embora enfrentasse um momento de grave deficiência nutricional, direcionava seus investimentos ao projeto dos “*anos dourados*” de Juscelino Kubitschek (JK), que priorizava o desenvolvimento da indústria nacional. Esse projeto de Brasil modernizado tentou apagar vivências e marginalizar as populações negras. Do ponto de vista estético, as lacunas históricas visavam ocultar, entre escombros, os resquícios da colonialidade do poder nesse projeto tão louvado. Esse é o primeiro momento de grande participação de Carolina de Jesus no cenário nacional.

Os relatos da escritora carregam tantos detalhes sobre as vivências negras em momentos que antecederam o Golpe de 1964. *Quarto de Despejo* (1960), enquanto registro histórico, contribui para a compreensão de duas abordagens principais: 1. A extrema pobreza que marcava a vida daqueles que são discriminados nos grandes centros e 2. O testemunho de miséria, na literatura, que se contrapõe à narrativa oficial da época, a qual posicionava o Brasil no centro de um neodesenvolvimentismo, uma tecnologia capitalista do imperialismo.

Podemos perceber, no capítulo 3, como é recebida a leitura das dinâmicas do cotidiano de Carolina Maria de Jesus (1914–1977), ao se expressar no mundo da *Era dos Extremos* de Hobsbawn. A partilha de sensibilidades de desesperos na década de 1960, escrita por Carolina, resgata também memórias de quem viveu uma das épocas de mais globalização e guerras. Essa abordagem levanta a discussão sobre como olhar para a História, em geral, sem assumir a participação de Carolina Maria de Jesus como agente epistêmico nas ciências.

**Figura 13** - Caderno nomeado de n. 6º



**Fonte:** Acervo Biblioteca Digital, Caderno nº6 1959. Disponível em:

<<https://bndigital.bn.gov.br/acervodigital>>

As iconografias dos manuscritos de *Quarto de Despejo* (1960) e outras obras de Carolina de Jesus estão atreladas ao que Roger Chartier explica sobre os anos 1960 e 1970, em relação às práticas de representação e às práticas discursivas compartilhadas por diferentes grupos sociais ou sistemas educativos.

A pesquisa traz a obra como fonte porque a construção de sentido entre o mundo do texto e o mundo do leitor representa uma narração individual. O *Diário de uma favelada* (1960) emprega o uso de coloquialismos como recurso histórico. O diário adota uma forma espontânea de comunicação e apresenta representações buscadas pela História das Ciências. A participação das mulheres negras na construção do conhecimento se manifesta por meio da escrita fluida e da oralidade.

A aplicabilidade da História Cruzada e do Testemunho ocular transforma a escrita do diário em memória das relações sociais na cidade — a maior metrópole do país. O objeto da partilha carolineana é evidenciar o conhecimento que a autora produziu a partir das vivências no Canindé — um assentamento formado para negros nas proximidades do rio Tietê, em São Paulo — como contribuição para a historiografia.

Por isso, a escrita da memória — marcada pela dor — consegue traduzir a experiência de classe, e a escrita literária se torna uma estratégia política de resistência. Nesse sentido, é apresentada na pesquisa como um movimento de comunicação articulado pelas mulheres negras.

Para os leitores desta edição do *Quarto de despejo*, é preciso que eu me apresente. Entrei na história deste livro como jornalista, verde ainda, com a emoção e a certeza de quem acreditava poder mudar o mundo. Ou, pelo menos, a favela do Canindé e outras favelas espalhadas pelo Brasil. Repórter, fui encarregado de escrever uma matéria sobre uma favela que se expandia na beira do rio Tietê, no bairro do Canindé. (apud Jesus, 1960, p. 6)

*Quarto de Despejo* (1960), de Carolina Maria de Jesus, foi publicado como uma obra singular, tornando-se um produto literário potencialmente impactante para os consumidores de literatura no Brasil. Consolidou-se como um dos livros mais vendidos da época, em razão do uso particular do tempo e espaço no texto, transmitindo sentidos potentes na comunicação do escrito.

Lá, no rebuliço favelado, encontrei a negra Carolina, que logo se colocou como alguém que tinha o que dizer. E tinha! Tanto que, na hora, desisti de escrever a reportagem. A história da favela que eu buscava estava escrita em uns vinte cadernos encardidos que Carolina guardava em seu barraco. Li, e logo vi: repórter nenhum, escritor nenhum poderia escrever melhor aquela história – a visão de dentro da favela. (apud Jesus, 1960, p. 6)

A “memória da fome” de Carolina de Jesus, que o jornalista Audálio Dantas se referiu como sendo “algo irritante”, nada mais é do que a precisão escrita dessa representação de desigualdades sociais. A memória do testemunho da carolineanidade que a obra traz ressurgiu do passado para o presente.

Percebemos que, no início, Carolina de Jesus foi representada como uma mulher não muito civilizada, mas que conseguia ler e escrever sobre a realidade do mundo “sórdido” que o jornalista queria expor. Audálio Dantas foi reconhecido por revelar Carolina de Jesus ao Brasil e ao mundo e, de certa forma, ele mesmo achava a escrita de Carolina de Jesus irritante para a sociedade.

Encontramos um manuscrito de 1º de outubro de 1959, que representa a falta de dinheiro até para comprar pão para o café da manhã. Isso demonstra que ela usava realmente a linguagem como um desabafo, partilhando sensibilidades – o que era um ato muitas vezes terapêutico para a autora, já que expressava também opiniões.

Rememoramos, na pesquisa, o momento em que Carolina de Jesus apareceu publicamente pela primeira vez no Jornal Folha da Noite, em 9 de maio de 1958, porque foi onde inicialmente começou a circular essa partilha do sensível. Vários trechos da autora repercutiram em outros jornais após 1959, demonstrando que a sua escrita foi alcançando outras sensibilidades ao longo do final do século XX e início do século XXI:

**Figura 14** - Registro de jornal falando sobre Carolina de Jesus



Fonte: Jornal Folha de São Paulo, 2024.

A partilha da carolineanidade –ou somente partilha carolineana– faz referência ao filósofo Jacques Rancière, em *A partilha do sensível* (2000), quando ele afirma que existe o comum de uma determinada comunidade, com fissuras e ideias que não podem ser colocadas à prova. O manuscrito de Carolina de Jesus, enquanto fonte para a história, cumpre o papel da divisão do sensível e do diálogo entre a realidade e a ficção compartilhada. A obra é literatura e, antes de tudo, um lugar de redistribuição de sentidos. Por isso, a obra *Quarto de Despejo* (1960) se encaixa nessa divisão por partilhar o protagonismo de Carolina de Jesus.

A escrita de si mesma, por mulheres negras, é objeto de estudo, estando ligada a uma escrita do real — embora isso não signifique que a ficção engane o real, o desassocie ou mostre o que não acontece. As observações na escrita feminina negra trabalham com realocações dos fatos na memória, ou seja, com lugares que também constroem política negra e que, portanto, são lugares de reparação.

O movimento de partilha das “escrevivências, oralituras do pretuguês, afrografando a interseccionalidade”, são alguns dos usados conceitos nesse estudo, das mulheres negras nas diásporas amefricana, a partir de 1960.

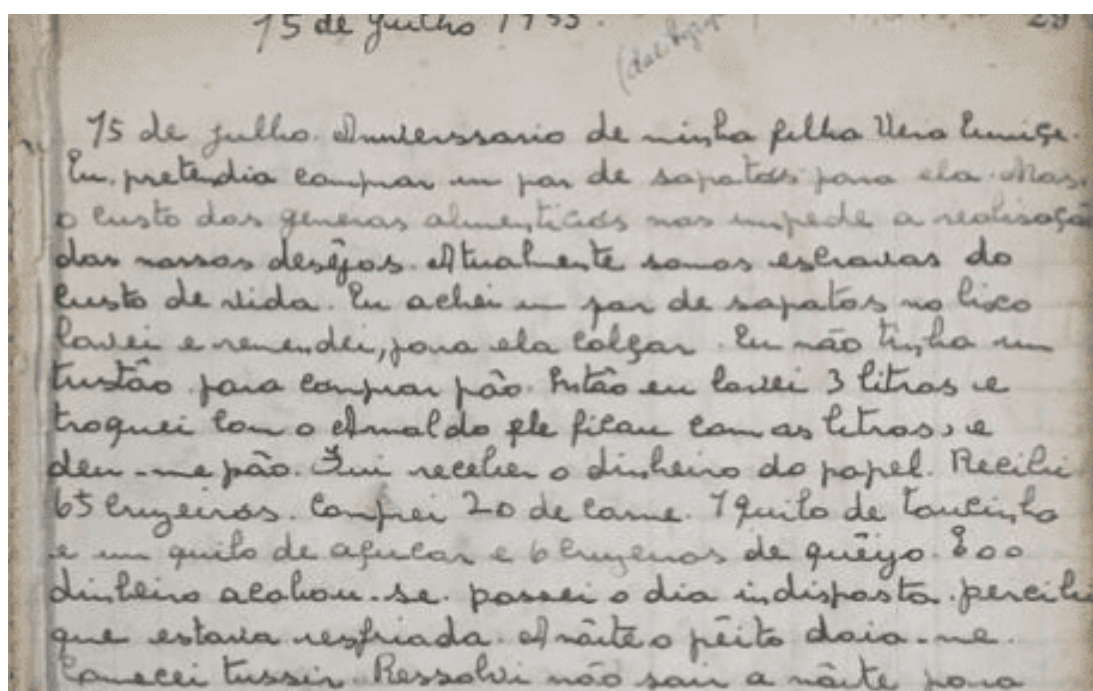
O propósito desta reflexão é contribuir para o questionamento da lógica da construção de saberes ainda prevalecente na investigação acadêmica, tomando como exemplo a ausência de repertórios culturais e de corpora “exemplares”, em que se fundam teorias, constituídos por textos culturais africanos (da literatura e outros) nessa acumulação de conhecimento que formam as “bibliotecas coloniais”, de que fala Mudimbe, em que as experiências culturais dos subalternos – dos povos colonizados –, as suas construções culturais são relegadas a um secundário lugar rotulado como “saber local”, que a tradição filosófica ocidental não considera relevante. É por isso produtivo, nessa luta pela desestabilização dos lugares cativos de epistemologias prevalecentes, chamar a atenção para a perversidade de

determinados tropos tão caros a uma certa ciência, como cânone e universal, cosmopolitismo ou globalização, o que faz com que esta incursão analítica se faça através dos estudos literários. (Mata, 2014, p. 29)

Carolina de Jesus, inserida na construção de saberes, também auxilia na investigação acadêmica ao questionar a consagração aos cânones; como a Academia Brasileira de Letras, invisibilizou, por tanto tempo, o protagonismo de Maria Firmina dos Reis<sup>13</sup> e de outras mulheres negras que escreviam e não receberam reconhecimento por parte da Literatura Brasileira. Além disso, o protagonismo de Carolina de Jesus, em 1960, também foi marcado por um reconhecimento midiaticamente estereotipado no país.

Abaixo, está presente a Figura 15, do manuscrito da Carolina de Jesus do dia 15 de julho. Observe:

**Figura 15** - Somos escravas do custo de vida



**Fonte:** Fotografia do acervo da Fundação Biblioteca Nacional, Rio de Janeiro, 2024.

Eu pretendia comprar um par de sapatos para ela. Mas o custo dos gêneros alimentícios nos impede a realização dos nossos desejos. Atualmente somos escravos do custo de vida. Eu achei um par de sapatos no lixo, lavei e remendei para ela calçar. (Jesus, 1960, p. 10)

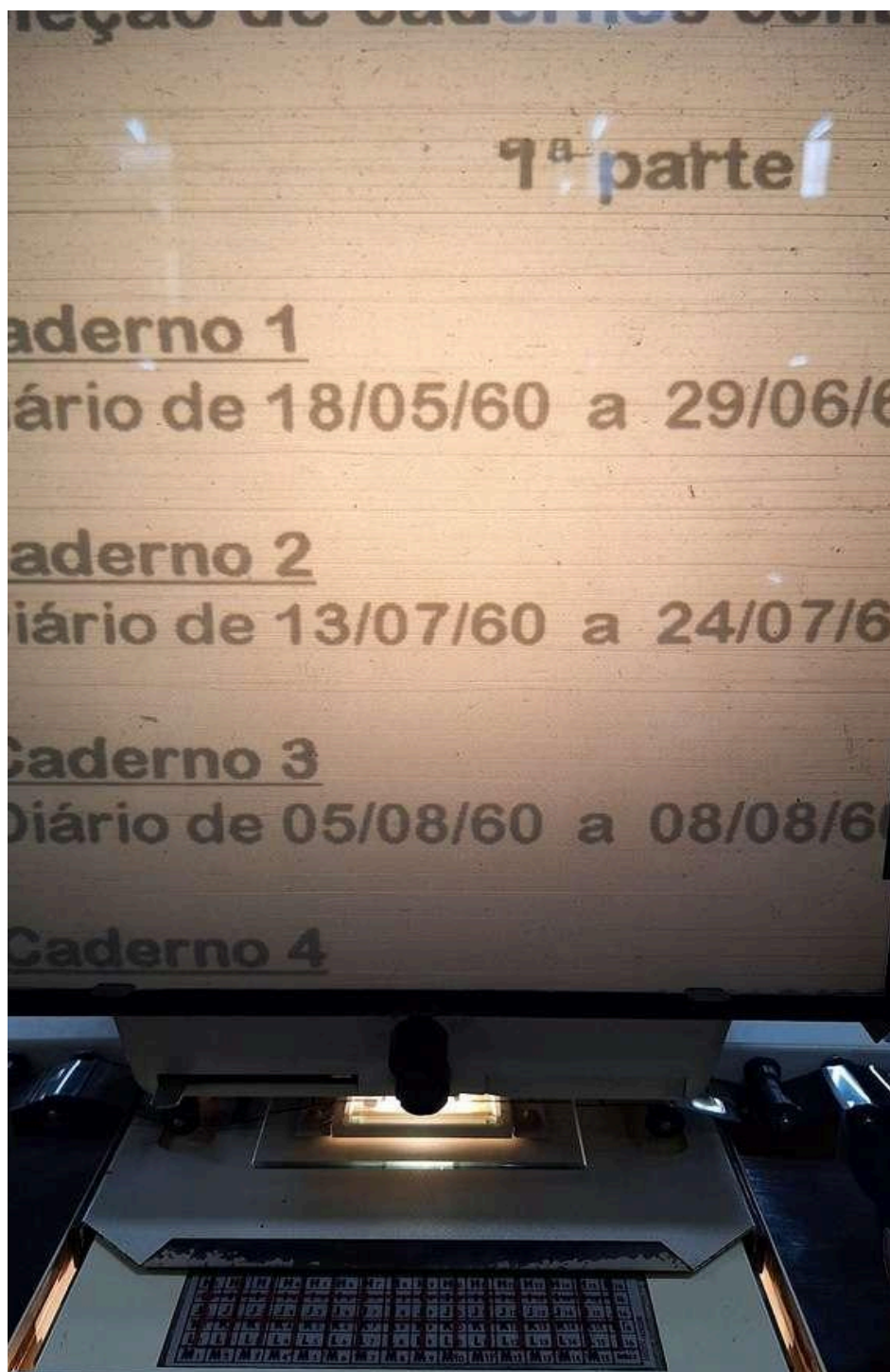
<sup>13</sup> Maria Firmina dos Reis é a primeira romancista negra brasileira, nasceu na Ilha de São Luís, no Maranhão, em 11 de março de 1822, batizada somente a 21 de dezembro de 1825, em virtude de uma enfermidade que a acometeu nos primeiros anos de vida. Em 1847, concorreu à cadeira de Instrução Primária nessa localidade e, sendo aprovada, ali mesmo exerceu a profissão, como professora de primeiras letras, de 1847 a 1881. Maria Firmina dos Reis nunca se casou. Ela montou a primeira turma mista, e publicou inúmeros poemas nos jornais da época. Leia mais em <<https://mariafirminaoficial.com.br/biografia-maria-firmina-dos-reis/>>.

A memória refere-se a uma experiência anotada em um dos cadernos. O manuscrito do livro da autora, preservado no caderno com as reminiscências do pretuguês, dialoga com a carta de Esperança Garcia, primeira advogada negra da história do Brasil, e está representado no acervo sobre as mulheres negras.

Isso porque a denúncia, tanto da carta quanto do manuscrito, representa o protagonismo na história da sociedade brasileira, que se tornava mais consumista, segundo Carolina de Jesus, com o custo de vida ainda mais alto, e, portanto, para alguns, com a miséria ainda mais profunda. Assim, o manuscrito torna-se um objeto de estudo historiográfico.

**Figura 16** - Máquina de transmissão dos microfilmes dos diários de Carolina de Jesus.





**Fonte:** Fotografia feita do acervo da Fundação Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, 2024.

Percebemos que o trecho do manuscrito que encontramos virtualmente, da partilha carolineana, é o mesmo que encontramos na Fundação Biblioteca Nacional, durante a visita realizada no ano de 2024. Observamos, por meio da máquina de microfilmes, a reprodução do manuscrito real de Carolina de Jesus.

Na Figura 16, anexada acima, consta parte do mesmo conteúdo que transcrevemos da página 10 do livro *Quarto de Despejo*, publicado em 1960. A Figura 16, se analisada, em comparação com a 15, pertencem provavelmente a cadernos anteriores, uma vez que os documentos datados nos microfilmes são a partir de 18/05/1960. Ao voltarmos novamente a Figura 13, a datação da iconografia é de 15 de julho 1955. Essa observação é relevante do ponto de vista que tal constatação só foi possível mediante a consulta a um acervo físico. Embora as análises feitas por meio digital ofereçam profundidade, algumas publicações virtuais apresentam modificações em relação às versões originais.

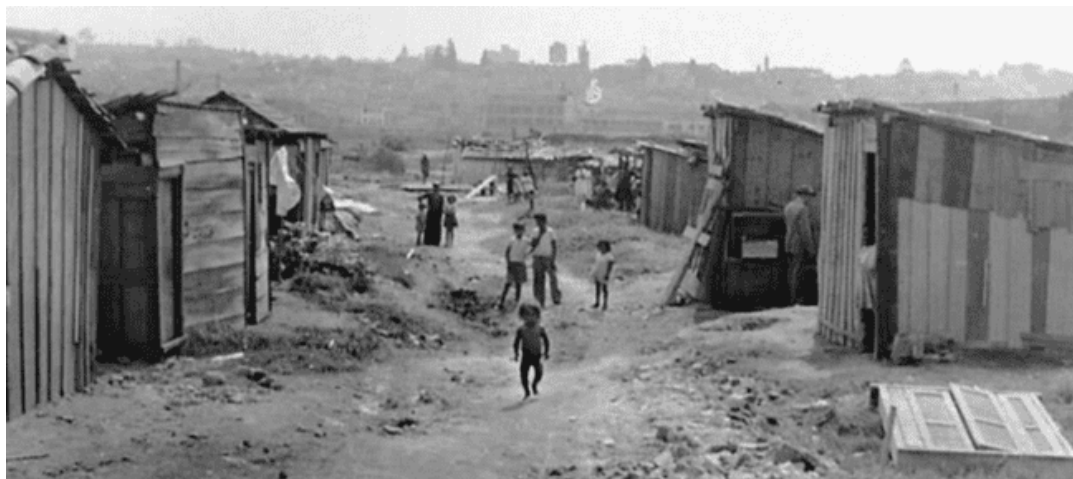
A partilha carolineana do dia 16 de julho de 1960 revisita a ciência sobre a desigualdade social existente no Brasil da época. A partir da obra, podemos afirmar que o Brasil, naqueles anos, atingiu uma inflação de 92%, deixando grande parte das pessoas em Canindé-SP, Figura 17, em estado de miséria. No trecho abaixo, Carolina de Jesus relata:

A indisposição desapareceu sai e fui ao seu Manoel levar umas latas para vender. Tudo quanto eu encontro no lixo eu cato para vender. Deu 13 cruzeiros. Fiquei pensando que precisava comprar pão, sabão e leite para a Vera Eunice. E os 13 cruzeiros não dava! Cheguei em casa, aliás no meu barracão, nervosa e exausta. Pensei na vida atribulada que eu levo. Cato papel, lavo roupa para dois jovens, permaneço na rua o dia todo. E estou sempre em falta. A Vera não tem sapatos. E ela não gosta de andar descalça. Faz uns dois anos, que eu pretendo comprar uma máquina de moer carne. E uma máquina de costura. (Jesus, p. 12. 1960)

Qualquer um que olhasse para as margens do rio Tietê entre as décadas de 1950 e 1960 poderia confirmar o que havia acontecido. De todo modo, a ordem dos discursos pode ser leviana – em muitas ocasiões, uma boa oratória e ortografia podem, sim, enganar uma sociedade, exceto quando existem corajosos, como Carolina de Jesus, capazes de testemunhar suas vivências e opor-se ao que é oficialmente aceito.

**Figura 17** - Fotografia da Favela de Canindé–SP em 1960





**Fonte:** Acervo Priscila Miranda. Favela do Canindé-SP em 1960, 2015. Disponível: <https://br.blastingnews.com/equipe-editorial/priscila-miranda/>

Para analisar o livro *Quarto de Despejo* (1960), de Carolina Maria de Jesus, fez-se necessário utilizar o conceito de “memória” e cruzá-lo com o cotidiano narrado nos seus diários, entendendo que a obra de Carolina carrega determinadas informações, conforme afirmou Jacques Le Goff sobre a memória no trabalho histórico:

A memória, como propriedade de conservar certas informações, remete-nos em primeiro lugar a um conjunto de funções psíquicas, graças às quais o homem pode atualizar impressões ou informações passadas, ou que ele representa como passadas. (Le Goff, 1990, p. 424).

Obviamente, a inserção do Brasil na *Belle Époque*, descrita por Nicolau Sevcenko anos antes, em *Literatura como Missão* (1995), configurou-se como elemento central da dinâmica dos grandes centros do eixo Rio-SP-MG, ao ser esse o foco, desde a Proclamação da República do Brasil, para as políticas ocidentais hegemônicas. Com isso, de Machado de Assis a Carolina de Jesus, percebe-se o uso de tendências realistas com nítidas intenções sociais, visando combater a forma utilitarista, positivista e liberal com que se organizam os valores éticos e epistemológicos que resultaram no “Inferno Social”:

O plano geral da cidade, de relevo acidentado e replotado de áreas pantanosas, constituía obstáculo permanente à edificação de prédios e residências que desde pelo menos 1882 não acompanhavam a demanda sempre crescente dos habitantes. A insalubridade da capital, foco edemático de varíola, tuberculose, malária. (Sevcenko, 1995, p. 52)

O período constituiu e instaurou, no Ocidente, as hierarquias sociais europeias, o que resultou em uma tradição racista refletida nas condições de vida dos povos dominados, com continuidades que se estendem ainda no século XX. O autor, Francisco Bithencourt, explica que:

O conceito de racismo de que me servirei neste livro — preconceito em relação à ascendência étnica combinado com ação discriminatória — serve de base para essa abordagem de longo prazo, permitindo-nos descrever as suas diferentes formas, continuidades, descontinuidades e transformações. A minha pesquisa se concentra no mundo ocidental, desde as Cruzadas até o tempo presente. Encontramos discriminação e preconceitos étnicos dentro da Europa desde a Idade Média até os dias atuais, e a expansão europeia deu origem a um corpo coerente de ideias e de práticas associadas à hierarquia dos povos de diferentes continentes. Não defendo que a realidade do racismo seja exclusiva dessa zona do globo; a 22 Europa limita-se a fornecer um cenário relativamente consistente, que será comparado com outras partes do mundo onde se verificou a ocorrência de fenômenos semelhantes (Bithencourt, 2000, p. 21-22).

Assim, o racismo explica a vida de Carolina Maria de Jesus; historicamente, seus diários exemplificam as condições sociais vivenciadas pela autora e pelo seu entorno. O trecho acima permite entender que, a longo prazo, o que chamo, nesta pesquisa de “partilha” é uma dimensão histórica das diferentes formas de continuidade e descontinuidades de uma sociedade pautada na dominação dos corpos. Essa partilha se liga a Toni Morrison e ao seu livro, por também representar corpos colocados na subalternidade desde a criação do Ocidente, lá nas primeiras navegações. Ainda que essa partilha seja algo sensível e poético, é carregada de realidades e desafios.

### **3 DA CASA DE ALVENARIA AO NOBEL: CONFLUÊNCIAS, RECEPÇÃO E PARTILHAS INDÔMITAS DAS MULHERES NEGRAS NAS AMÉRICAS**

O capítulo pretende fazer uma análise comparada das vivências de Carolina de Jesus e Toni Morrison, e de como se deu a recepção das obras. O objetivo é narrar como o trânsito das obras *Quarto de Despejo* (1960) e *Amada* (1987) refletiu na vivência das mulheres negras, reforçando seu protagonismo, principalmente após a publicação dos livros. Além disso, investigar como esse trânsito, compõe a história, devido às trocas, confluências e transformações socioculturais no continente.

No Brasil, por exemplo, Carolina de Jesus conquistou ainda mais sucesso na sua carreira como escritora ao obter reconhecimento. As suas ideias moveram a realidade social, fazendo-a protagonizar uma virada linguística. Um marco histórico. Toni Morrison, por sua vez, trouxe para a galeria de vitórias das mulheres negras, um prêmio inédito: o Nobel de Literatura em 1993; transformando ideias no seu país. Elas duas são histórias vividas por mulheres negras no século XX, exemplos de como podemos nos unir, em vez de divergir e separar, como se deseja.

Quando usamos o elemento correlacional na história da atuação das mulheres negras na Literatura, permitimos ler as conquistas como integrantes de um movimento intelectual coletivo em diáspora, e não de algo individualista. A necessidade dessa narrativa na história atende a perspectiva que rompe com os estereótipos dominantes produzidos por uma única narrativa. Toni Morrison está ligada a Carolina de Jesus por contextos e sociabilidades; relações de trocas na diáspora, estabelecidas a partir de uma dinâmica de cumplicidade e parceira, correlacionam ambas as escritoras em uma partilha de trocas que resgata, na história e na Literatura uma herança ancestral também presente na escrita.

As partilhas carolineanas e morrisseanas se relacionam na medida que lançam as suas reivindicações. As autoras assumiram, também, a responsabilidade do escritor na subversão dos gêneros tradicionais da literatura. Elas nunca abriram mão do que consideravam a sua obrigação como escritoras, o observável em várias instâncias da coleção de livros de ambas. Além disso, se aproximaram em numerosas entrevistas concedidas ao longo dos anos em suas carreiras, o que corroborou o empenho e a convicção inabaláveis de suas po(éticas).

A relação de similaridade que se abre e se encerra no capítulo estabelece a maneira como estudamos as obras. A relação é encontrada no “fazer as Américas” que Naomi Moniz se refere, sendo a mesma de Darcy Ribeiro, quando dizia que nós, os brasileiros precisávamos

recriar o Brasil que queríamos. Carolina de Jesus está ligada, na pesquisa, a Toni Morrison, quando ambas recriam vozes que não encontramos nos objetos de pesquisa tradicionais

Ambas as autoras, Carolina de Jesus e Toni Morrison, trazem regionalismos em suas literaturas, que propõem libertar a consciência dos valores dominantes burgueses. Ou seja, Toni Morrison e Carolina de Jesus são escritoras comprometidas com a causa dos trabalhadores e recorrem à consciência existente do proletariado para se conectar com o leitor de vanguarda — a “correção política do trabalho literário” que explica Walter Benjamin. As obras de vanguarda precisam de um leitor de vanguarda para combater a elite intelectual.

*Quarto de Despejo* (1960) foi traduzido e publicado nos EUA, em 1962, com o título *Child of the Dark*; essa tradução foi importante para a carreira das duas escritoras, ao chamar a atenção de um público internacional para a realidade de vida no Brasil, além de impulsionar a popularidade do livro em outros países.

Na análise comparativa, podemos observar esses contextos nas obras e narrar historicamente a possibilidade de silenciamentos nos processos de edição e tradução dos livros; explicando que houve manipulação dos assuntos delicados, de cunho político — os EUA e o mundo enfrentavam uma Guerra Fria —, destacando o dia 16 de maio de 1958, quando Carolina de Jesus escrevia em seu diário acerca de sua condição econômica e da política brasileira.(Carrero, 2016)<sup>14</sup>

Toni Morrison ao chegar ao Brasil pela primeira vez em 1990, na cidade de São Paulo. Deu uma entrevista a um jornalista, Luciano Trigo, publicada somente após o anúncio do Nobel em 1993. Na entrevista, a escritora comentou que Brasil e EUA são heranças da escravidão e defendia a ideia de uma harmonia racial nas Américas (apud. Morrison. 1993). Ela já estava transnacionalizando a história numa dinâmica de confluência, com um perspectivismo de unidade, e não de conflito entre as nações.

Assim como Françoise Ega, na França; Lélia Gonzalez e Carolina de Jesus, no Brasil, todas elas se conectam por uma estrutura de combate racial. *Amada* (1987) é uma literatura de referência em questões raciais trazidas pela herança escravocrata, que os EUA e o Brasil têm em comum. *Quarto de Despejo* (1960) é também literatura de referência; Carolina de Jesus

---

<sup>14</sup> Eu amanheci nervosa, porque eu queria ficar em casa, mas eu não tinha nada para comer... Eu não ia comer, porque o pão era pouco. Será que é só eu que levo esta vida? O que posso esperar do futuro? Um leito em Campos do Jordão. Eu quando estou com fome quero matar o Jânio, quero enforcar o Adhemar e queimar o Juscelino. As dificuldades cortam o afeto do povo pelos políticos. Já a tradução deste dia encontra-se da seguinte forma: I woke upset. I wanted to stay at home, but didn't have anything to eat. I'm not going to eat because there is very little bread. I wonder if I'm the only one who leads this kind of life. What can I hope for the future? I wonder if the poor of other countries suffer like the poor of Brazil. I was so unhappy that I started to fight without reason with my boy José Carlos. A truck came to the favela.

narrando sua própria história, se interliga a Toni Morrison, ao narrar a história da Família Garner.

Na minha posição de escritora brasileira, afirmo que o espaço cultural é imenso em fontes quando tratamos da literatura do povão, sendo esse tipo de Literatura um espaço privilegiado para acessar as fontes sobre a história das mulheres negras. Além de ser fonte histórica para entender sua atuação como produtoras de conhecimentos — uma lógica além do trabalho escravo, domestico, amas de leite — percebemos um passado presente, através das marcas coloniais no século XX, o poder da cultura escrita dominante sobre a vida. A literatura realista, de ambas, cria não só um acervo documental, mas uma matriz inicial que resgata outras formas de linguagem encontradas no ato autobiográfico de ambas as obras.

Naomi Hoki Moniz estava se referindo a escritora Nélida Pinõn, autora importante no Brasil. Entretanto, o que propomos na pesquisa é uma expressão realmente plural, que vai além, inserindo mulheres literatas negras, para dar à linguagem a liberdade nesse “refazer as Américas”. O objetivo dessa comparação intelectual é analisar a literatura do povo, que reflete os conflitos mais humanos dessas trocas sociais.

Os livros, como fonte dessa história, pretendem combater a cultura de imposição antidemocrática das ideias de ausência e silêncio. A posição da literatura como fonte questiona o poder que a ciência exerce sobre a memória do dominado economicamente, ou seja, significa colocar na História que o sujeito subalternizado não é um ser subdesenvolvido culturalmente.

Não analisamos Toni Morrison e Carolina de Jesus numa posição que assume a mal colocada dicotomia entre “vanguarda ideológica” e a “vanguarda cultural”. Toni Morrison reconhece o Brasil como esse país culturalmente rico, justamente pela sua diversidade de povos e cultura. A diferenciação do outro quem produz é o pesquisador, na construção narrativa, sendo ela unicamente evidente no reconhecimento internacional que ambas tiveram – que, de fato, são diferentes.

Enquanto os EUA constituíam a memória social da população negra, o Brasil aplicava a política do apagamento – do Nobel de Literatura de Toni Morrison à *Casa de Alvenaria*, de Carolina de Jesus, em Osasco-SP. Carolina de Jesus também merecia o Nobel de Literatura, ao colocar, de uma maneira geral, o problema que, a partir de, sobretudo, 1964, os escritores brasileiros se opuseram a enfrentar.

O testemunho político contido contra a opressão, imposições e injustiças sociais em *Quarto de Despejo* (1960) já contestava os regimes autoritários no Brasil quatro anos antes da Ditadura Militar. É uma comparação, de forma crítica, à necessidade de contestar as restrições

ideológicas impostas pela ciência. O livro de Carolina de Jesus é uma Literatura esteticamente engajada que mostra o desejo de liberdade política, ou seja, uma literatura revolucionária.

Carolina de Jesus, no Brasil, e Toni Morrison nos EUA, aproximam-se no papel de deladoras do sistema de opressão, mediante uma postura crítica de linguagem. As obras de ambas são produzidas segundo um sistema de produção social controlado e ideologizado pelas classes dominantes e, ainda assim, conseguem se popularizar, tornando-se clássicos no século XX. A revolução das mulheres negras é feita, por um lado, contra a escritura dos que estão no poder, e por outro, contra a linguagem propriamente dita, a qual é uma instituição onde o pacto da branquitude impera historicamente. Por isso, são indômitas nas Américas

Carolina de Jesus e Toni Morrison, ao discutir o racismo como problema social nas obras nas décadas de 1960 e 1980, relembram-nos que a metrópole, durante a colonização, impôs modelos de pensamentos que atrasaram a criação de uma expressão autônoma e suprimiram os registros do que poderia constituir a História das Américas.

Dessa maneira, desde a época colonial até a contemporaneidade, a cultura passou a ser encarada como parasitária, supérflua e, mesmo as subversivas, estão sujeitas a intervenções. A intervenção do Estado sobre o pensamento teve como aliada a classe dominante, as elites intelectuais que, através do domínio da escrita, redigiram as leis, a história, e a estética “oficial”.

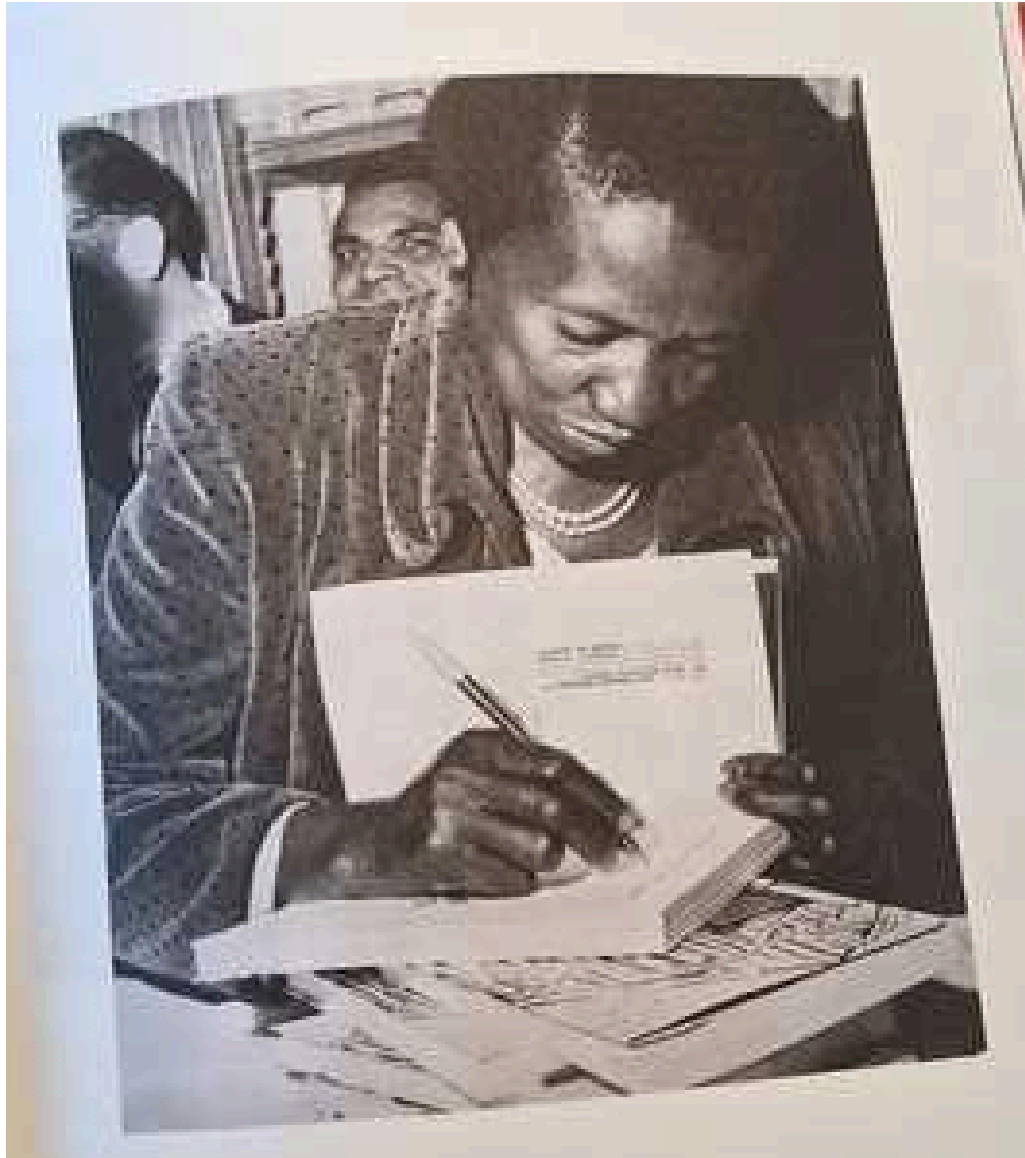
### 3.1 A BEST SELLER BRASILEIRA: HISTÓRIA E RECEPÇÃO DA LITERATURA DE CAROLINA DE JESUS

No final da década de 1990, começamos a sentir ainda mais fortemente os efeitos dessa partilha enquanto movimento histórico, com seus desafios de inserção na indústria cultural – agora não mais somente como objeto de estudo, mas como produtoras culturais. As mulheres negras, nesse contexto, resistiram à ideia excludente do projeto modernista ocidental, trazendo para o mundo mais diversidade de ideias e liberdades democráticas. A partilha de ideias de Carolina de Jesus auxilia nos estudos sobre as Américas, assim como os intelectuais Eduardo Natalino e Viveiros de Castro, que nos ajuda a pensar o perspectivismo.

Carolina Maria de Jesus é uma escritora e literata negra brasileira que vê o problema de linguagem no Brasil, onde ela se percebe como reprimida e censurada — escrevendo nos seus diários — sobre a conjuntura de uma sociedade baseada na retórica escolástica portuguesa, que sempre definiu o espaço cultural. Ela integra esse movimento que rompeu com uma série de barreiras simbólicas, abrindo espaço para outras vozes de mulheres negras na literatura e no pensamento social.

Carolina de Jesus é reconhecida por *Quarto de Despejo*, livro-chave para seu reconhecimento, mas já escrevia anteriormente. Na imagem da Figura , vemos ela em uma sessão de autógrafos, cumprindo agenda após a publicação.

**Figura 17** - Carolina autografando seu primeiro livro



**Fonte:** Catálogo Carolina de Jesus: O Brasil para os brasileiros. Acervo Instituto Moreira Salles. 2023.

No livro *Casa de Alvenaria* (2021), mergulhamos no universo de uma das autoras mais instigantes da literatura brasileira. A obra, publicada posteriormente ao *Quarto de Despejo* (1960), em 1961 contribuiu para elucidar as questões relativas à entronização de Carolina de Jesus na cena literária da época, oferecendo ao leitor uma melhor compreensão do impacto protagonizado por *Quarto de Despejo*. Em *Outras letras: Tramas e sentidos da escrita* de Carolina Maria de Jesus (2021), Conceição Evaristo e Vera Eunice comentam que a escrita desse segundo livro-diário coloca Carolina de Jesus em evidência como escritora, além de construí-la também como uma espécie de agente literária e orientadora de sua própria carreira.



Em *Casa de Alvenaria*, percebe-se uma escritora que, apesar de ter resolvido a perspectiva das questões materiais que a atormentaram no passado recente, a autora ainda se apresenta como uma mulher negra cheia de perguntas existenciais e sentimentos de inconformidade. Conceição Evaristo (2021) ainda explica que o diário abordaria a vida presente, os fatos e os acontecimentos presentes.

A perspectiva era de que o segundo diário causasse o mesmo efeito bombástico que o primeiro livro causara no Brasil e no exterior. A escrita de outro diário foi motivada pela urgência de apresentar aos leitores o dia a dia de outro cotidiano — agora não mais marcado pela fome, mas pela pressa, pela correria, pelo ir e vir, pelas consequências de uma Carolina transformada em mercadoria. Reproduzimos abaixo uma imagem na Figura 18 retirada do *Catálogo: Um Brasil para os brasileiros*, do Instituto Moreira Salles (IMS); ela demonstra as relações que Carolina de Jesus estabeleceu em São Paulo e seu protagonismo. Carolina de Jesus, Vera Eunice e o presidente João Goulart.

**Figura 18** - Retrato de Carolina de Jesus junto a sua filha Vera Eunice, o presidente João Goulart e o sujeito não identificado em 1961



**Fonte:** Catálogo Carolina de Jesus: O Brasil para os brasileiros. Acervo Instituto Moreira Salles, 2023.

Confirma-se que, a partir década de 1960, Carolina de Jesus tornou-se um produto cultural do país, assim como Carmem Miranda e outras personalidades. Todos, no Brasil e no mundo, queriam saber quem era “a favelada que escrevia livros”. Assim, a tarefa da imprensa era divulgar o produto: uma Carolina cuja presença passou a ser solicitada em reuniões políticas, religiosas e culturais. Obviamente, a cultura também possibilita resistências e transformações nas práticas sociais, e Carolina de Jesus resiste na Literatura, expondo seus posicionamentos e conquistando respeito:

Fui na Última Hora ver o jornal de Santos, as reportagens, agradou-me, conversei com os jornalistas, o Toninho ia dizendo que o João é peralta e parece bobo, não apreciei suas críticas contra o meu filho, passei na livraria. Mostrei as reportagens de Santos, autografei uns livros, e dirigimos para a redação do O Cruzeiro. O Audálio disse-me que eu ia ser entrevistada pelo repórter do Life. Autografei uns livros que estava na redação e despedi, o Toninho estava sentado dormindo, os meus filhos liam gibi. O senhor Gorge Toroks deu-lhe vários gibis, eles ficaram contentes e dirigia uns olhares meigos ao fotógrafo Gorge Toroks, despedimos e voltamos para Osasco, voltamos de trem. (Jesus, 2021, p. 35)

Essa condição de subalternidade foi percebida e registrada pela escritora desde *Quarto de Despejo* (1960), mas, nas páginas de *Casa de Alvenaria* (2021), ela a reforçava, escrevendo com mais clareza. Ela se sentia e compreendia que havia se tornado uma espécie de moeda de troca, “[...] com esta vida atribulada que eu levo estou cansada...” (Jesus, 2021, p. 35).

Abaixo, apresentamos um registro de Carolina de Jesus já vivendo nessa “Casa de Alvenaria”. Entendemos Casa de Alvenaria como essa mudança de Carolina de Jesus, que saiu do assentamento em Canindé para Osasco-SP, ou de desconhecida para uma escritora reconhecida; embora as suas relações após 1960, ainda fossem marcadas pelas discriminações.

**Figura 19 - Carolina de Jesus**



**Fonte:** Catálogo Carolina de Jesus: O Brasil para os brasileiros. Acervo Instituto Moreira Salles, 2023.

Encontramos esta imagem de Carolina de Jesus embarcando para o Uruguai, tanto virtualmente quanto impressa na catalogação do acervo do Instituto Moreira Salles (IMS). Carolina de Jesus, antes de viajar internacionalmente para cumprir agenda do lançamento do *Quarto de Despejo* em 1960 no país, nos lugares em que passava, registrava por meio da escrita suas percepções e sensibilidades, demonstrando que a autora fez relações internacionais na América do Sul, antes mesmo de Toni Morrison.

Em *Casa de Alvenaria* (2021), podemos perceber ainda mais claramente como foi a receptividade que ela teve. Para representar esse momento, abaixo, na citação direta, percebemos suas observações ao viajar para Porto Alegre. Além de lançar comentários sobre a elite paulista e a governabilidade da época, Carolina de Jesus refletia sobre as relações raciais no estado. Ela debate sobre as relações e a aplicabilidade dos “Anos dourados” na prática. No Brasil do dia 2 de dezembro de 1960, ela escreveu:

O que impressionou-me na favela de Porto Alegre foi a quantidade de água quando abri a torneira em dois minutos enche-se a lata. As mulheres lavam as roupas com água canalizada desinfetada com cloro. E os favelados de São Paulo, lavam roupas com a água do Tietê— o rio que recebe esgoto de São Paulo. E assim cheguei à conclusão que o pobre mais infeliz do Brasil é o pobre de São Paulo. São Paulo é o rico, que não quer ser parente do Estados pobres. São Paulo renega a sua genealogia. É rico. Quer ser bajulado. São Paulo, São Paulo! Abre os olhos! Deixa de ser orgulhoso. O orgulho é uma chave que não abre a porta pro triunfo. (Jesus, 2021, p. 159)

Abaixo, na reportagem, observamos como os meios de comunicação também construíram essa recepção após o sucesso do primeiro livro da escritora. Percebe-se que a recepção no Brasil e fora do país, criou um estereótipo a partir do slogan: “Carolina Maria, a



poetisa do Canindé, cata papel, lava roupa e faz poesia”. Essa caracterização da autora evidencia o tratamento dado pela imprensa, Figura 20, que ora oscilava entre o exotismo, e a expressão excepcionalidade da escrita de Carolina.

**Figura 20** - Manchete dom Carolina de Jesus



**Fonte:** Catálogo Carolina de Jesus: O Brasil para os brasileiros, Acervo Instituto Moreira Salles, 2023.

A recepção das obras de Carolina de Jesus pareceu ter recebido um tratamento diferenciado e preconceituoso pela imprensa. A abordagem revelou também a autora Carolina de Jesus como uma possibilidade de resistência, a partir da escrita. A relação de Carolina de Jesus na literatura brasileira recupera o lugar de reivindicação da intelectual com esse poder para transformar caminhos, mesmo que minimamente. Abaixo a citação demonstra isso: as pessoas viam Carolina, com olhares de esperança, porque ela era um de nós, brasileiros. E recorriam a ela:

O senhor Joaquim Rosa queira dinheiro. Eu não tenho. Ele quer ser vereador prometi auxiliá-lo para encorajá-lo, porque percebi que ele pertence a classe das pessoas que sonha com a vida, sem procurar conhecer as realidades que é ação. Começo a desgostar dessa transição, onde encontro muitas dificuldades que é resolver o problema dos outros. Porque muitos pensam que os problemas só se resolvem com dinheiro. São os tolos que pensam que é o dinheiro o lubrificante da vida (Jesus, 2021, p. 113).

Podemos ver na citação acima que Carolina de Jesus também demonstrava preocupação com os demais brasileiros; ela entendia que aquela situação de pobreza no Brasil não era um fator individualizado, e isso a incomodava. Ela escrevia sobre como o dinheiro moldava as relações que as pessoas mantinham com ela, ao mesmo tempo que era um produto da cultura, em um envolvimento confluyente e transnacional.

O produto discursivo das ideias de mulheres negras transcorreu a partir da segunda metade do século XX na América, mas também na Europa. Abaixo veremos como as relações diplomáticas de Carolina de Jesus fizeram um movimento de retomada à Europa com uma nova perspectiva. A ideia retoma, novamente, a história da transnacionalidade das mulheres negras na literatura, porque representa o alcance e adesão positiva da escrita de Carolina de Jesus.

**Figura 21** - Manchete Favela é sucesso na França



**Fonte:** Catálogo Carolina de Jesus: O Brasil para os brasileiros, Acervo Instituto Moreira Salles, 2023.

Além disso, o slogan “*A favela é sucesso na França*” era um dos vários títulos que atribuíam a Carolina de Jesus. A escritora brasileira Carolina de Jesus era mais chamada de favelada do que de poetisa ou “best-seller” brasileira — que seria a representação mais ideal da autora, por se aproximar mais da sua genialidade e de como ela sempre quis se tornar, ou ser chamada.

Mas devemos retomar que a recepção de Carolina de Jesus na França foi um dos maiores alcances da literatura feminina e negra, porque proporcionou que as ideias da escritora fossem reconhecidas como importantes se lidas coletivamente. Abaixo, há uma representação do resultado das relações de Carolina de Jesus com Françoise Ega. O livro *Quarto de Despejo* (1960), que foi traduzido para o francês, alcançou Françoise Ega, que respondeu a Carolina de Jesus em cartas nunca lidas pela brasileira.

O livro *Cartas a uma negra* (2021) é uma coletânea publicada recentemente, composta por cartas escritas por uma mulher negra francesa, nascida na Martinica, em 1920. Ela foi doméstica antes de se tornar escritora e foi uma importante ativista em defesa dos imigrantes caribenhos na França. Esse livro representa o diálogo estabelecido entre Ega e Jesus na literatura, além de ser uma representação das relações étnico-raciais das mulheres negras no século XX. Ega, assim como Morrison, representa relações transnacionais, porque se estabeleceram por intermédio das trocas, um intercâmbio de comunicação e partilha.

Vale ressaltar que a França da década de 1960 ainda estava se recuperando do pós-guerra: as casas ainda não tinham água encanada e a cidade estava superlotada. Além disso, nesse período, o país descartou mais de 10 toneladas de lixo radioativo no mar Atlântico. A importância do diálogo com Françoise Ega é comparar as mulheres negras na posição reproduzida pela estrutura, condicionando-as à exploração na França, no Brasil e nos EUA.

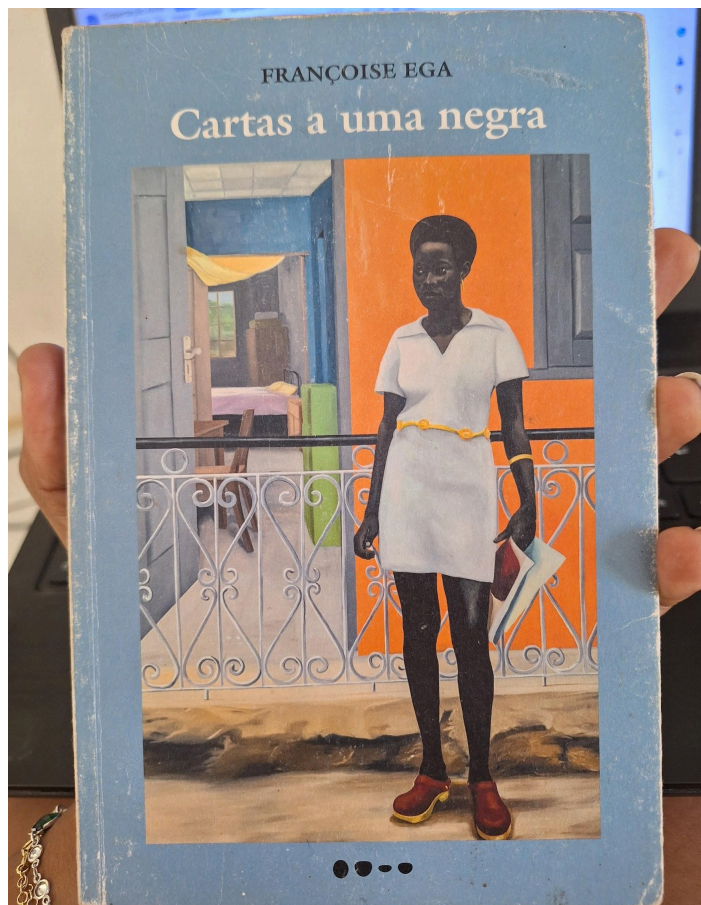
Essas posições subalternas e, muitas vezes, humilhantes foram denunciadas por Carolina, Morrison e Françoise na literatura. O que podemos ver é que as autoras também estão interligadas ao espaço doméstico, como babás, empregadas e faxineiras. Nesse mesmo sentido, entendemos a transversalidade nacional como uma perspectiva histórica que permite compreender e narrar a vida e trajetória das mulheres negras, percebendo-as como sujeitos coletivos e não individuais. A exploração feminina e o racismo no século XX fazem parte de um sistema simbólico na cultura, que a linguagem literária conseguiu descrever.

As contingências históricas recaem sobre as autoras ao mesmo tempo, em que são construções desse mesmo sistema simbolicamente unilateral – uma trajetória oposta à razão, de fato. Mas o toque livre que inova a estética política das mulheres negras na literatura é



também uma manifestação ilógica e livre das suas relações psicológicas e culturais. A postura estética que a *partilha carolineana* traz é uma filosofia de vida na história, porque cria uma gênese do seu percurso pessoal; é um desmascaramento do repressivo.

**Figura 22** -Capa do livro de Françoise Ega, Cartas a uma negra



**Fonte:** Aline Campos. Fotografia do livro. 2025.BR

O livro *Cartas a uma negra* (2021) representa a potência da resistência nas práticas culturais do século XX, protagonizado pelas mulheres negras. É importante percebermos o alcance global de deslocamento que as ideias percorreram, desenvolvendo-se na prática de um movimento no Atlântico: o movimento decolonial propriamente dito, que retorna a Europa com uma resposta.

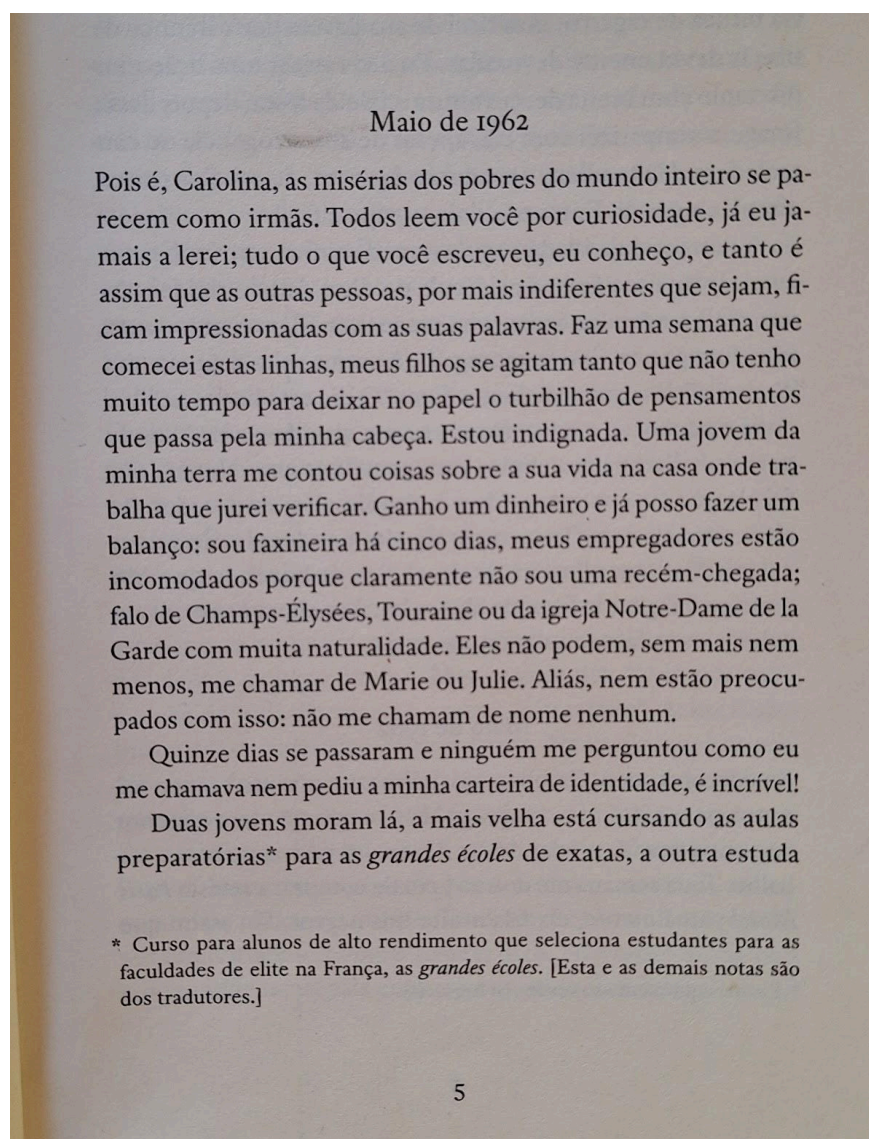
A pesquisa retoma as relações entre mulheres negras na escrita, não como inspiração ou citação, mas como presença de uma história viva. A relação que estabelecemos com Carolina de Jesus e Toni Morrison é a mesma que Vinícius Carneiro e Mathilde Moaty estabeleceram ao traduzir as cartas de Françoise, ao responder Carolina. Todas elas são

partilhas que carregam tanta solidez que Regina Dalcastagnè atribui a Carolina o título de irmã brasileira de Ega.

Abaixo, inserimos uma representação do que encontramos de mais significativo e tocante sobre a exploração feminina e o racismo no século XX. A imagem abaixo é um texto que faz parte do livro, o qual contém um conjunto de cartas datadas entre 1962 e 1964.

Esse conteúdo dialoga com a pesquisa, retratando como as mulheres negras conectaram sensibilidades estruturalmente na escrita, e através das suas histórias – por vezes chocantes, que ressoam agudamente no leitor brasileiro — marcaram um período histórico. Histórias ligadas ao espaço doméstico, a falta de direitos, o acesso à saúde, etc.

**Figura 23** - Françoise para Carolina de Jesus em 1962

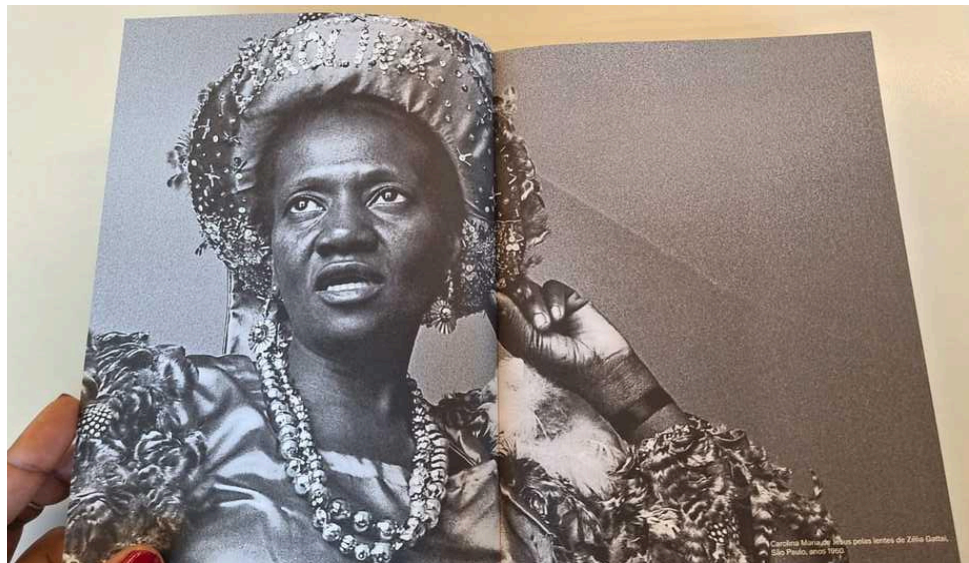


Fonte: fotografia da autora, 2025.



Carolina Maria de Jesus também foi retratada pelas lentes de Zélia Gattai em São Paulo, nos anos de 1960. Essa representação já apontava para uma ascensão, e, portanto, exigiu que ela passasse por uma transformação social, incluindo o modo de se vestir, adotando roupas mais sofisticadas.

**Figura 24 - Carolina de Jesus**



**Fonte:** Catálogo Carolina de Jesus: O Brasil para os brasileiros. Acervo Instituto Moreira Salles. 2023.

No catálogo do IMS, encontramos ainda a resposta que a autora deu quando contou que, no matadouro, quiseram vendê-la: “eles dizem que fiquei rica e consigo muito dinheiro com a fantasia de pena. A minha fantasia é sensacional, eu posso competir com as fantasias de gala do Municipal do Rio” (apud. Menezes, 2023).

**Figura 25 - Manchete Carolina Maria de Jesus**

No jornal *O Globo*, Carolina se exprimia com o uso frequente da terminologia “favelada”, que parecia ser a única forma que a mídia tinha para inseri-la no meio literário da época. Ao mesmo tempo, descreviam-na como uma mulher que depois das publicações, ficou rica por sair de Canindé e ter ido morar em Osasco-SP. A manchete abaixo demonstra isso ao afirmar que “Hoje ela é famosa e rica.”.

**FATOS**

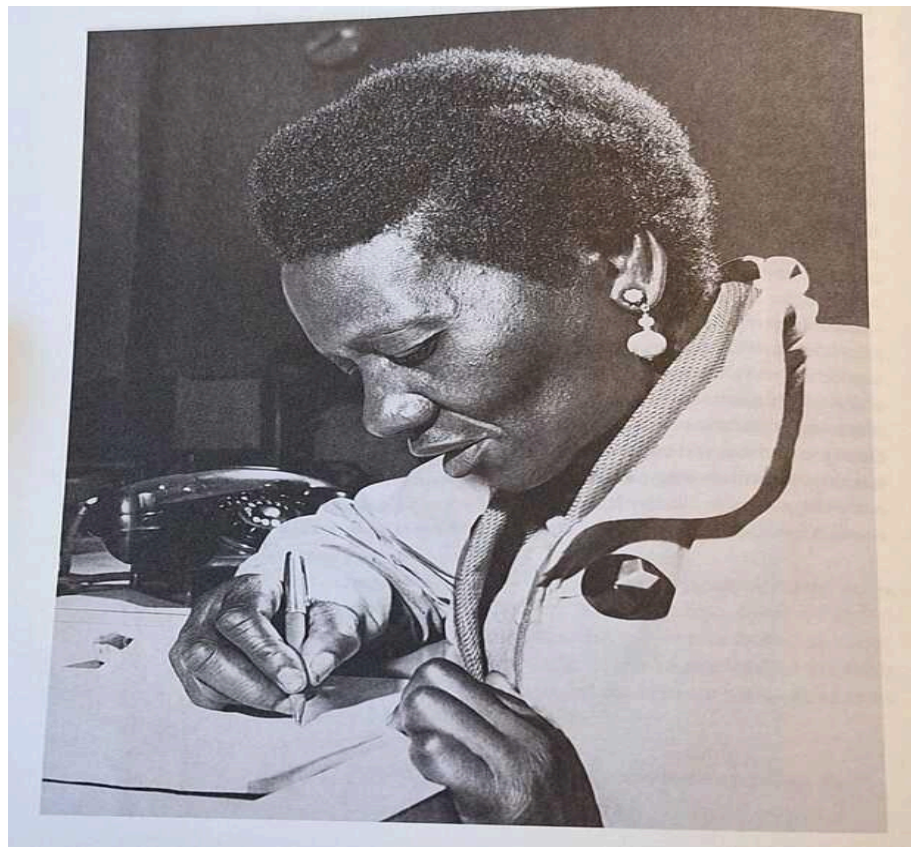
**CAROLINA DE JESUS:** ex-favelada. Escreveu um romance contando o drama das favelas que foi best-seller. Hoje está famosa e... rica. De escritora para o disco foi um pulo. Gravou um LP para a RCA e está esperançosa de alcançar, com ele, o mesmo sucesso do livro. Canta sambas satíricos, mais ou menos à moda de Juca Chaves



**Fonte:** Catálogo Carolina de Jesus: O Brasil para os brasileiros. Acervo Instituto Moreira Salles, 2023.

Assim, é possível perceber, nas fontes, que a representação de Carolina de Jesus oscilava entre poetisa socialmente engajada e um produto raro retirado da favela, negando, em sua recepção, as múltiplas dimensões do seu talento, e reproduzindo estereótipos, principalmente na mídia brasileira. Mas, em comparação, também se reconhecia sua importância na Literatura.

**Figura 27** - Carolina de Jesus



**Fonte:** Catálogo Carolina de Jesus: O Brasil para os brasileiros. Acervo Instituto Moreira Salles, 2023.

Carolina de Jesus foi uma artista plural, com uma produção literária abrangente. Além do livro estudado na pesquisa, publicou também *Diário de Bitita* (1986), mas *Casa de Alvenaria* (2021) torna-se o livro de continuação, pós-publicação na década de 1960. Em *Casa de Alvenaria* (2021), percebe-se que ela mesma observava sua própria condição e a da sociedade, quando diz:

Encontrei uma senhora muito amável que sabia falar tão bem dos políticos melhores que eu. Disse que o dr. Adhemar não deve ser presidente do Brasil porque é humilde.

—Quer dizer que a senhora adota os tiranos?

— Não. Quero um governo enérgico e decidido.

— E o Marechal Teixeira Lot?

— Militar não dá bons políticos, eles são ditadores.

— E o Jânio?

— O Jânio tem capacidade para governar o Brasil, mas tem uma desvantagem, é sozinho. Com o exército ao lado cooperando, ele ha de fazer um Brasil feliz.

Escrevi as palavras que a senhora disse-me e pedi seu nome.

— Não posso dá-lo

Insisti. Recusou-se.

Desisti e disse-lhe que estou triste e descontente com as condições de vida dos operários e dos estudantes. Duas classes oprimidas do Brasil. O operário luta para conseguir viver mas o salário é deficiente e o custo de vida é imenso. E os estudantes tem que comprar livros todos os anos, o livro do ano anterior não serve para o ano em curso. E os preços dos calçados? É bem capaz de aumentar por causa dos sapateiros que pleiteiam aumentos (Jesus, 2021, p. 82).

Nesse trecho, as *partilhas carolineanas* descrevem uma brasileira marcada pelas questões econômicas e políticas do seu país. A autora opinava sobre o cotidiano. Carolina de Jesus fala sobre as classes oprimidas no Brasil; expressa sua opinião sobre a luta dos estudantes e dos operários, falou ainda sobre as condições de vida, além de afirmar que estava triste e descontente. Esse relato, no trecho acima, representa o estilo de produção das mulheres negras da época.

Além da sua visita ao Uruguai, coletamos fontes que demonstram que a autora cumpriu agenda na Argentina. No dia 15 de novembro de 1961, Carolina de Jesus desembarcou em Buenos Aires. O jornal *Manchete*, na Argentina, noticiou da seguinte forma “Carolina: A favela em castelhano”. A matéria ainda diz que “sua presença é disputada nas rádios e televisões de Buenos Aires”.

**Figura 28** - Manchete Jornalística de Carolina de Jesus





**Fonte:** Catálogo Carolina de Jesus: O Brasil para os brasileiros. Acervo Instituto Moreira Salles. 2023.

Ainda a respeito da recepção de Carolina de Jesus, encontramos um disco de vinil no Museu Afro Brasil, em São Paulo. Suas canções também estão disponíveis na plataforma online do YouTube, o que permite analisar sua po(ética) na música, que também é marcada pelas suas vivências.

**Figura 29 - Álbum musical de Carolina de Jesus**



**Fonte:** Acervo do Museu Afro Brasil (MAB), Isabella Finholdt | Márcia Gabriel | Museu Afro Brasil.  
Disponível em :  
<https://museuafrobrasil.org.br/acervo/quarto-de-despejo-carolina-maria-de-jesus-cantando-suas-composicoes/>

No álbum *Quarto de Despejo: Carolina de Jesus cantando suas composições* (1961), as letras trazem as memórias e pontos de vista de Carolina, revelando sua expressão de liberdade artística. Inteligente como era, Carolina de Jesus não se limitava somente aos diários; um ano após a publicação do livro, o seu disco foi gravado.

**Figura 30** - Encarte do Disco de Carolina de Jesus



**Fonte:** Acervo do Museu Afro Brasil (MAB). Créditos de imagem Isabella Finholdt | Márcia Gabriel | Museu Afro Brasil. Disponível em:

<https://museuafrobrasil.org.br/acervo/quartodedespejo-carolina-maria-de-jesus-cantando-suas-composicoes/>

*Quarto de Despejo: Carolina Maria de Jesus cantando suas composições* contém 12 faixas: *Rá, ré, ri ro rua; Vedete da favela, Pinguço, Acende o fogo, O pobre e o Rico, Simpício, O malandro, Moamba, As granfinas, Macumba, Quem assim me ver cantando e A Maria veio*. São letras que trazem a ambientação da época em suas melodias, tendo sido gravadas pela RCA Victor.

**Figura 31** - Fotografia do álbum Quarto de Despejo de Carolina de Jesus



**Fonte:** Acervo do Museu Afro Brasil (MAB). Créditos de imagem Isabella Finholdt | Márcia Gabriel |

Museu Afro Brasil. Disponível em:

<https://museuafrobrasil.org.br/acervo/quarto-de-despejo-carolina-maria-de-jesus-cantando-suas-composicoes/>

Todas as composições são de autoria de Carolina de Jesus, acompanhadas pelo Maestro Francisco Moraes, com arranjos e direção artística de Júlio Nagib. O álbum foi publicado no YouTube somente em 2016, aproximadamente há oito anos.

Com isso, em virtude dos fatos mencionados, o intercâmbio de trocas promovido pelas pesquisas sobre a *partilha carolineana*, nos coloca diante da necessidade de uma reparação histórica da memória social das pessoas negras. Isso pode parecer uma reivindicação abstratamente incoerente, mas o que está na raiz desse problema remete a questões traumáticas e à perda de memória, provocadas pelas tecnologias psicológicas estruturais que afetam os povos subalternizados nas sociedades modernas.

### 3.2 A GANHADORA DO NOBEL: TONI MORRISON E A SUA REPRESENTAÇÃO

Toni Morrison incorpora a perspectiva narrativa da evidência da recepção em uma rede internacional de mulheres negras que partilharam deslocamentos literários, bem como epistêmicos, traduzindo conceitos de resistência escrita. Sendo a única mulher negra entre as 18 mulheres que já foram agraciadas com a premiação, Morrison e suas ideias servem de exemplo de como se pode contrapor o sistema global de violência epistêmica da escrita, apontando para uma saída de harmonia racial nas Américas.

Paul Gilroy escreveu, em *The Black Atlantic* (1993), sobre essa partilha que estudamos como uma “contracultura da modernidade” nas ideias e na escrita, que ganham relevância por meio das lutas mundiais de justiça racial.

What this narrative threatens to eclipse is an international vision of Blackness, emerging from resistance to a violent global system and constituting what the scholar Paul Gilroy described, in “The Black Atlantic” (1993), as a “counterculture of modernity.” Gilroy’s ideas have only gained relevance amid worldwide struggles over migration and climate justice.<sup>15</sup>

No entanto, Julian Lucas (2022)<sup>16</sup> observa que a América Negra contemporânea sente pouco parentesco com África e que, mesmo com os registros da crescente diversidade, ainda é frequentemente reduzida a uma guarnição cosmopolita. No artigo, podemos observar que, nos

<sup>15</sup> Tradução do trecho: “O que está narrativa ameaça eclipsar é uma visão internacional da negritude, emergindo da resistência a um sistema global violento e constituindo o que o acadêmico Paul Gilroy descreveu, em “The Black Atlantic” (1993), como uma “contracultura da modernidade”. As ideias de Gilroy só ganharam relevância em meio às lutas mundiais sobre migração e justiça climática”. Disponível em: <<https://www.newyorker.com/culture/cultural-comment/a-visionary-show-moves-black-history-beyond-borders>>

<sup>16</sup> Artigo                      Espetáculo                      visionário.                      Disponível                      em: <<https://www.newyorker.com/culture/cultural-comment/a-visionary-show-moves-black-history-beyond-borders>>



EUA, ao contrário do Brasil, houve a produção de uma memória negra coletiva, preservada em museus e arquivos, contribuindo para um entendimento transnacional da história negra.

O reconhecimento tardio de que a história negra também é a história americana alimentou uma impressão discursiva de que se tratava somente de história americana dos povos europeus e seus “descobrimientos”; como se doze milhões de africanos tivessem cruzado o Atlântico, e nesse processo de povoamento das Américas, não houvesse a participação das mulheres. Torna-se mais evidente, agora, que essa participação é reconhecida com mais precisão, muito por conta da institucionalização das pesquisas.

**Figura 32** — Toni Morrison e Umberto Eco



**Fonte:** Reprodução da foto de Pool BASSIGNAC/STEVENS/Gamma-Rapho via Getty Images. Disponível em: <https://www.gettyimages.com.br/fotos/toni-morrison>

Encontramos a imagem acima no acervo digital do site Getty Images, uma fotografia dos escritores Toni Morrison e Umberto Eco, no set do espetáculo *'La marche du siècle'*, no dia 15 de dezembro de 1993, na França. A imagem resgata a semelhança com Carolina de Jesus, que teve seu livro traduzido para o francês e também fez aparições públicas para cumprir agendas pós-publicação. Podemos perceber também que:

Nevertheless, today's Black America feels little kinship with Africa, one writer recently argued, while its growing diversity is often reduced to a cosmopolitan garnish. In a 2021 essay for the London Review of Books, the scholar Hazel V. Carby observed that the National Museum of African American History and Culture (N.M.A.A.H.C.), in Washington, D.C.—designed by the Ghanaian British architect David Adjaye, who took inspiration from Yoruba crowns—exhibited “more items

associated with the history of the black community on Martha's Vineyard than with the whole of Latin America, including the Caribbean.”<sup>17</sup>

Observamos essas diferenças nos avanços da documentação estadunidense em relação ao Brasil. No Museu Nacional de História e Cultura Afro-Americana (N.M.A.A.H.C.), em Washington, D.C., houve o esforço para preservar algumas memórias da população negra em diáspora. A exposição, organizada pelo arquiteto ganense britânico David Adjaye, que se inspirou nos iorubás, buscava exibir mais itens associados à história da comunidade negra na América Latina, incluindo o Caribe. Essa diferenciação retrata ainda o apagamento social, pois o trabalho das mulheres negras na literatura brasileira ainda é pouco reconhecido como objeto histórico.

Toni Morrison, enquanto editora de uma das principais editoras de língua inglesa do mundo, a Random House Inc, contribuiu para protagonizar a construção da memória nas relações étnico-raciais estadunidenses, por meio da literatura. Ela também é indispensável para se pensar a literatura feminina negra no Brasil, já que esteve aqui.

No livro *Amada* (1987), esse movimento fica evidente, pois a autora eterniza a história de Margareth Garner, configurando um registro da micro-história dos Garner, uma biografia em romance. Tanto os livros quanto os acervos iconográficos preservam a construção dessa memória e, quando articulados, tornam-se ferramentas para a conservação social das reminiscências das “Histórias Afro-Atlânticas” nas Américas, com a participação das mulheres.

Toni Morrison cumpria agendas — tanto que, no dia 23 de novembro de 1994, foi fotografada no Grande Hotel et Milan, no quarto de Giuseppe Verdi, Milão, Itália — outro evento que demonstra sua recepção.

### **Figura 33** — Toni Morrison em hotel na Itália

<sup>17</sup> Tradução: No entanto, a atual comunidade negra americana sente pouca afinidade com a África, argumentou recentemente um escritor, enquanto sua crescente diversidade é frequentemente reduzida a um enfeite cosmopolita. Em um ensaio de 2021 para a *London Review of Books*, a pesquisadora Hazel V. Carby observou que o Museu Nacional de História e Cultura Afro-Americana (N.M.A.A.H.C.), em Washington, D.C. — projetado pelo arquiteto britânico de origem ganesa David Adjaye, que se inspirou em coroas iorubás — exibia “mais itens associados à história da comunidade negra em Martha's Vineyard do que com toda a América Latina, incluindo o Caribe.”



**Fonte:** Reprodução/Foto de Leonardo Cendamo/Getty Images. Disponível em: <https://www.gettyimages.com.br/fotos/toni-morrison>

A importância de acervos e museus, como *National Gallery of Art*, nos Estados Unidos da América, que demonstram os deslocamentos na diáspora negra, está justamente em assegurar a memória histórica do país. A exposição reuniu mais de cento e trinta obras de arte — pinturas, gravuras, esculturas, entre outras — em uma odisseia estendida do Congo do século XVII até a atual Porto Rico. Esse modelo de resgate da memória social, que discutimos na pesquisa como *partilha*, manifesta-se também em escritas, imagens e pinturas. Dessa forma, os livros podem se tornar grandes acervos históricos. Abaixo imagem da exposição:

**Figura 34** — Museu National Gallery of Art



**Fonte:** Disponível em: <https://www.newyorker.com/culture/cultural-comment/a-visionary-show-moves-black-history-beyond-borders>

Mais uma evidência da aproximação dos dois países na História é a preservação da memória de Zeferina, Figura 35, nos museus dos Estados Unidos, que também aborda a importância da participação da mulher negra brasileira no movimento dos direitos civis do país. Além disso, pode-se observar uma correlação de esforços entre os movimentos, que parece constituir uma reconstrução da etnicidade nas Américas.

**Figura 35** - “Zeferina” (2018) de Dalton Paula



**Fonte:** Disponível em:

<https://www.newyorker.com/culture/cultural-comment/a-visionary-show-moves-black-history-beyond-borders>

A exposição ousadamente dispensa qualquer distinção entre artefatos e obras. Mas há, entre seus itens, *Zeferina* (2018), de Dalton Paula; uma pintura imaginária de uma mulher executada por liderar uma revolta de escravizados perto de Salvador, na Bahia, em 1826, que aparece ao lado de registros do tráfico transatlântico de escravizados e representações euro-americanas modernas de sujeitos negros.

A exibição de *Zeferina* (2018) dialoga com este estudo ao evidenciar aspectos do realismo, corrente do movimento artístico e literário que surgiu no século XIX para representar a realidade objetivamente, contrapondo-se ao romantismo, que idealizava a sociedade colonial. Além disso, retoma a ideia de preocupação na construção da memória de ídolos negros. Essa perspectiva de memória é interessante porque retoma a psique da autoestima entre negros brasileiros e estadunidense, em análise comparativa.

Assim, os testemunhos e memórias tanto de Carolina de Jesus quanto de Toni Morrison fazem parte dessa tentativa de romper com o individualismo da subjetividade, uma vez que as obras realistas abordam temáticas de cunho social, cultural e político. Os autores dessa corrente exploram, em seus escritos, as relações humanas, o cotidiano e questões socioculturais — temáticas presentes em *Quarto de Despejo* (1960) e *Amada* (1987).

A literatura, a pintura e a fotografia expressam o trágico sem perder sua sutileza. A *partilha morrisiana* faz parte de um movimento internacional que se deslocou e influenciou uma dinâmica de perspectiva global, desestruturando o mercado das epistemologias com a concorrência de leituras politicamente engajadas realizadas por mãos negras.

Ainda encontramos registros de Toni Morrison no Centenário, em 1996. Os chamados *Leões literários* foram fotografados na Biblioteca Pública de Nova York. A escritora Toni Morrison aparece sentada na primeira fileira, ao lado de Betty Friedan, Anthony Hecht, Ruth Praver Jhabvala, Ved Mehta, Norman Mailer e Rita Dove. A fotografia foi feita pelas lentes de Evelyn Hofer. Demonstrando as conexões influentes estabelecidas por Morrison:

**Figura 36** - Leões Literários em 1996.



**Fonte:** Evelyn Hofer/Getty Images <https://www.gettyimages.com.br/fotos/toni-morrison>



A vinda de Toni Morrison para o Brasil é também um retrato da memória da partilha literária, ao demonstrar o respeito da autora pela confluência dos saberes entre os países. No que se refere à presença da autora no Brasil, antes de escrever *Amada* (1987), Morrison parecia buscar inspiração. Ela conversou e fez reuniões com escritores negros na época, além de visitar as cidades e conhecer a cultura brasileira, muito disseminada nos EUA pelas personalidades da Carmem Miranda e Zé Carioca, anos antes.

**Figura 37** - Toni Morrison em reunião com escritores negros em São Paulo em 1993



**Fonte:** Disponível em:

<https://operamundi.uol.com.br/literatura/literatura-e-resistencia-oalmocodetoni-morrison-com-escritores-negros-em-sao-paulo/>

Toni Morrison visitou o Brasil algumas vezes em sua vida, geralmente combinando compromissos relacionados ao trabalho com breves reuniões informais e passeios pela cidade. Ela esteve em duas antigas capitais do país (Salvador e Rio de Janeiro) e uma importante cidade colonial (Ouro Preto, no estado de Minas Gerais), todas elas ricas em história e cultura negra (Morrison, 2014).

**Figura 38** - Reunião dos Literatos no Brasil



Fonte: disponível em:

<https://operamundi.uol.com.br/literatura/literatura-e-resistencia-o-almoco-de-toni-morrison-com-escritores-negros-em-sao-paulo/>

O jornal eletrônico *Opera Mundi* noticiou que Toni Morrison esteve em um almoço com o jornalista Oswaldo de Camargo. Na matéria que foi divulgada, eles estavam no Restaurante Bar Brahma, localizado na esquina da Avenida Ipiranga com a São João. Toni Morrison e Oswaldo de Camargo discutiram a perspectiva da literatura no ano de 1993, “vigor, arte e vida”, no Brasil. É nesse momento que a pesquisa evidencia a capacidade de perceber que Toni Morrison também teceu uma rede de contato com as discussões sobre negritude que circulavam no Brasil.<sup>18</sup>

Um dos momentos mais importantes da minha vida foi estar com Toni Morrison. Almoçar com ela, tomar caipirinha com ela. Tenho certeza que foi do interesse dela se encontrar conosco e ela quis saber tudo, quem escrevia e o que escrevíamos. Ela ficou muito contente em saber que aqui também havia uma reação ao racismo”, lembra Camargo, que guarda com carinho o exemplar de *Amada* com o autógrafo da primeira mulher negra a vencer um prêmio Nobel de Literatura.<sup>19</sup>

Era, de fato, uma reflexão sobre a herança da escravidão em países que passaram por esse processo, como o Brasil e os EUA. Sinto que os leitores poderão facilmente reconhecer as dores de uma sociedade que tanto tempo sofreu com a escravidão. Poderão sentir o peso dessa herança na sociedade pós-escravocrata — um peso presente no cotidiano, manifestado em discriminações sutis, nos menores gestos — e contra o qual é preciso lutar incansavelmente, minuciosamente.

<sup>18</sup>

Disponível

em:

<<https://operamundi.uol.com.br/literatura/literatura-e-resistencia-o-almoco-de-toni-morrison-com-escritores-negros-em-sao-paulo/>>. Acessado em: 12 de dezembro de 2024.

<sup>19</sup> Trecho da entrevista com Oswaldo Camargo, no portal eletrônico OperaMundi. Disponível em: <<https://operamundi.uol.com.br/literatura/literatura-e-resistencia-o-almoco-de-toni-morrison-com-escritores-negros-em-sao-paulo/>>. Acessado em: 12 de dezembro de 2024.

Meu livro fala da escravidão feminina, que é uma escravidão dupla. E questiona o sentimento maternal, discutindo eticamente que mundo é esse no qual queremos que nossos filhos vivam. Será que eles poderão ser felizes? Será que eles terão o direito e a liberdade para isso? O que o Brasil de hoje oferece como futuro para uma criança negra?<sup>20</sup>

Brasil e EUA compartilham essa herança da escravidão, embora a cultura africana tenha seguido caminhos diferentes em cada país. Acredito que meu romance ainda tem muito a dizer às mulheres, sobre especialmente o modo como elas se posicionam nessa sociedade, perguntando se a voz feminina é ouvida ou não. Até aqui, a História — inclusive a da escravidão — tem sido contada, em sua maioria, por uma perspectiva masculina.

Toni Morrison escreveu cerca de onze romances. A Academia Sueca comentou que os livros da autora eram caracterizados por uma força visionária e uma importância poética. Toni Morrison trazia em sua narrativa os aspectos da realidade negra americana.

**Figura 39** -Toni Morisson recebendo o prêmio Nobel



**Fonte:** GettyImages. Disponível em: <<https://www.gettyimages.com.br/fotos/toni-morrison>>.

Na imagem da Figura 39, podemos ver o momento em que Toni Morrison recebe o Prêmio Nobel de Literatura das mãos do rei Carl XVI Gustaf da Suécia, em Estocolmo, em

<sup>20</sup> Trecho da entrevista com Oswaldo Camargo, no portal eletrônico OperaMundi. Disponível em: <<https://operamundi.uol.com.br/literatura/literatura-e-resistencia-o-almoco-de-toni-morrison-com-escritores-negros-em-sao-paulo/>>. Acessado em: 12 de dezembro de 2024.

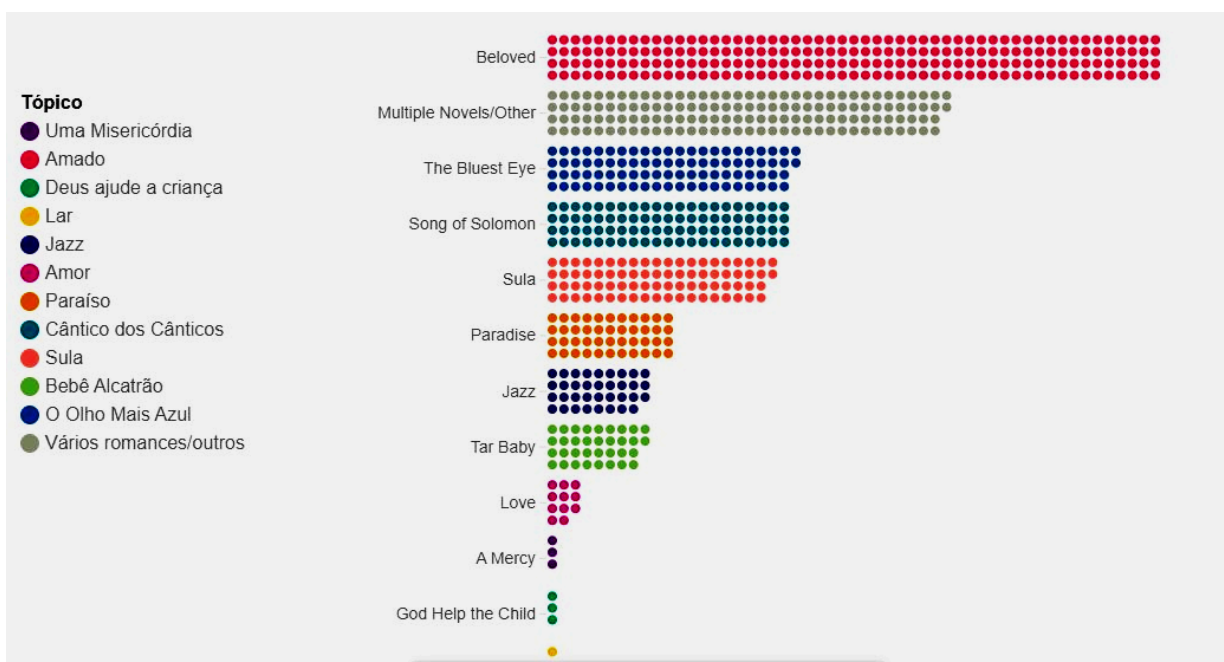


1993. O Nobel de Literatura de Toni Morrison ressalta a importância e a essencialidade da principal ferramenta de dominação: a linguagem. A linguagem opressiva faz mais do que representar a violência; ela é violência. A linguagem faz mais do que representar os limites do conhecimento, ela os limita. Seja a linguagem obscura do estado ou as distorções da mídia sem sentido. Seja a linguagem maligna da lei sem ética, ou aquela projetada para a alienação de minorias, escondendo seus vieses racistas sob uma maquiagem literária — tudo isso deve ser rejeitado, alterado e exposto.

É a linguagem que suga o sangue, que calça a bota fascista com crinolinas de respeitabilidade e patriotismo, enquanto avança implacavelmente em direção ao último e mais escuro lugar da mente. Linguagem sexista, linguagem racista, linguagem teísta — todas essas são formas típicas da política linguística de dominação, que não pode e não permite novos conhecimentos ou a troca de ideias. Um estudo publicado no Blacklit Network diz que estudiosos de literatura produziram aproximadamente setecentos artigos sobre a ficção morrissiana.

Os estudos descobriram uma variedade de tópicos sobre os romances, concentrando-se principalmente em *Beloved* (1987), *The Bluest Eye* (1970) e *Sula* (1973). Observe o gráfico da Figura 40:

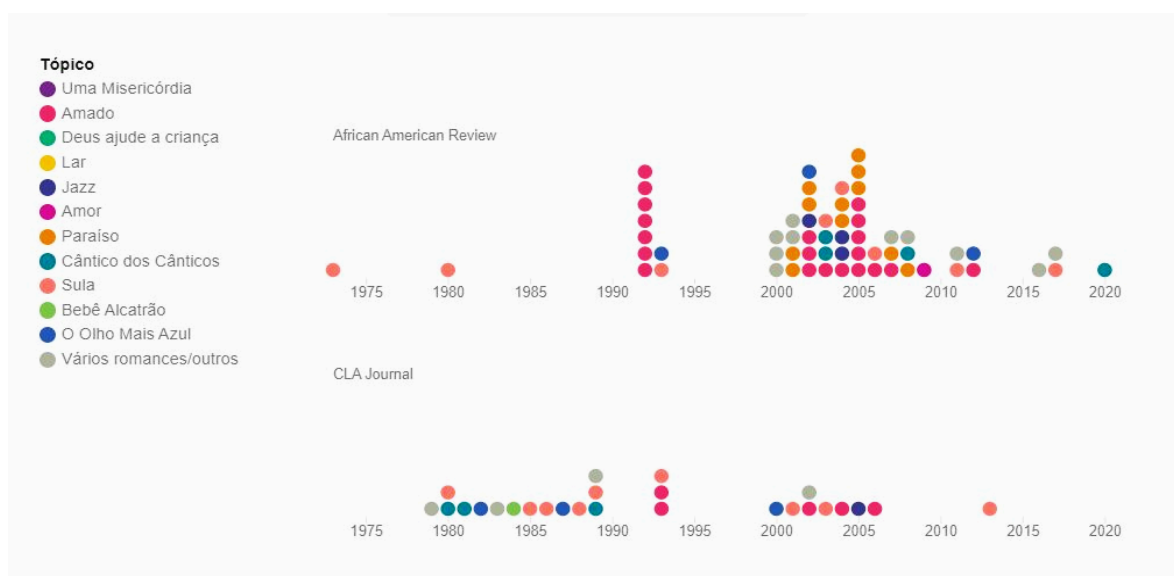
**Figura 40** - Gráfico de Artigos feitos por obra



Fonte: disponível em: <[https://blacklitnetwork.org/data-gallery/scholarship\\_on\\_toni\\_morrison/index.html](https://blacklitnetwork.org/data-gallery/scholarship_on_toni_morrison/index.html)>

O estudo foi feito por meio da coleta dos artigos depositados no banco de dados do site, abrangendo um período de 47 anos, de 1973 a 2020. Essa circulação e o movimento dos romances valorizam também a escrita como um espaço de memória e de preservação na atualidade. Veja, abaixo, na Figura 41, a reprodução dessa pesquisa em gráficos retirados do site:

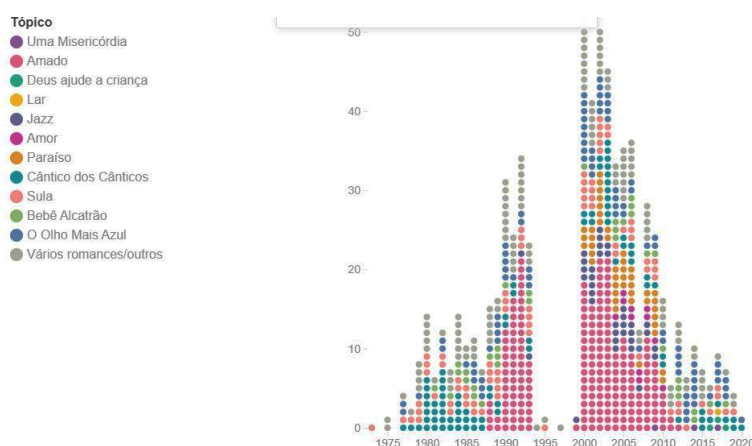
**Figura 41** - Pesquisa sobre o quantitativo de produção de artigos por obras



Fonte: <[https://blacklitnetwork.org/data-gallery/scholarship\\_on\\_toni\\_morrison/index.html](https://blacklitnetwork.org/data-gallery/scholarship_on_toni_morrison/index.html)>. 2025.

O que os gráficos das Figuras 41 e 42 demonstram é a quantidade de resultados que tivemos ao longo desses 47 anos, com as pesquisas sobre a autora, além do alcance que essas produções tiveram para o campo em questão. *Amada* (1987), obra que utilizamos na pesquisa comparada, é considerada o clássico da autora, o que se confirma pela posição de liderança no estudo demonstrado nos gráficos acima.

**Figura 42** — Artigos produzidos por obras



Fonte: <[https://blacklitnetwork.org/data-gallery/scholarship\\_on\\_toni\\_morrison/index.html](https://blacklitnetwork.org/data-gallery/scholarship_on_toni_morrison/index.html)>. 2025.

Em 23 de abril de 2003, na cidade de Nova York, a autora Toni Morrison foi convidada para discursar no evento beneficente de homenagem *Risk-Takers In The Arts* (Figura 43), organizado pelo Museu Whitney de Arte Americana.

**Figura 43** - Sundance Institute na Cipriani 42nd Street



Fonte: Fotografia reproduzida da foto de Evan Agostini/Getty. Disponível em:  
<<https://www.gettyimages.com.br/fotos/toni-morrison>>.

Toni Morrison também participou da Gala Literária de 2008 do PEN American Center, realizada no Museu Americano de História Natural (Figura 44), em 28 de abril daquele ano, na cidade de Nova York.

**Figura 44** - Museu Americano de História Natural



**Fonte:** Reprodução da Foto de Patrick McMullan via Getty Images. Disponível em:  
<<https://www.gettyimages.com.br/fotos/toni-morrison>>.

A autora Toni Morrison e o ator Avery Brooks compareceram à 2ª Cerimônia Anual de Indução ao Hall da Fama de Nova Jersey (Figura 45), realizada no New Jersey Performing Arts Center, em 3 de maio de 2009.

**Figura 45** - 2ª Cerimônia Anual de Indução ao Hall da Fama de Nova Jersey

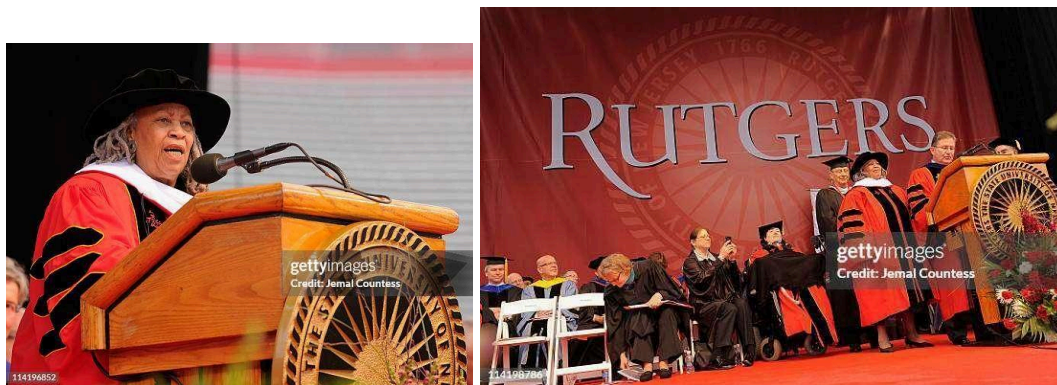


**Fonte:** Reprodução/Foto de Bobby Bank/WireImage. Disponível em:  
<<https://www.gettyimages.com.br/fotos/toni-morrison>>



No início do ano letivo da Universidade Rutgers, a autora e ganhadora do título honorário, Professora Toni Morrison, discursou durante a 245ª cerimônia de abertura da Rutgers University, realizada no Rutgers Stadium, em 15 de maio de 2011, em New Brunswick, New Jersey.

**Figura 46** - Rutgers Stadium em 15 de maio de 2011 em New Brunswick, New Jersey



**Fonte:** Reprodução da Foto de Jemal Condessa/Getty Images. Disponível em:

<https://www.gettyimages.com.br/fotos/toni-morrison>.

Ainda é possível constatar, segundo registros iconográficos, que em 2012 Toni Morrison recebeu a Medalha Presidencial da Liberdade, concedida pelo presidente Barack Obama, no Salão Azul da Casa Branca. A cerimônia ocorreu na Casa Branca, em Washington D.C., em 29 de maio daquele ano (Figura 46).

**Figura 47** - Barack Obama também recepciona Toni Morrison



**Fonte:** Reprodução GettyImages, Alex Wong, 2012. Disponível em:<<https://www.gettyimages.com.br/fotos/toni-morrison>>.

Além disso, a recepção de Toni Morrison foi tão ovacionada que em 2014, Morrison se tornou uma das homenageadas no Founders Day, durante a importante Founders Celebration (Figura 48), reafirmando em seu discurso o compromisso com a justiça social, conforme noticiou o UC Santa Cruz News.

**Figura 48** - Toni Morrison with the 2014 UC Santa Cruz Foundation Medal at the Founders Celebration. Earlier, Morrison spoke to a full house at the Rio Theatre



**Fonte:** Gettyimages, Steve Kurtz. 2014. Disponível em:<<https://www.gettyimages.com.br/fotos/toni-morrison>>.

Antes de falecer, aos 88 anos, no Montefiore Medical Center, em Nova York, em agosto de 2019, Toni Morrison, ganhadora do Nobel de Literatura de 1993, publicou, em 2015, seu décimo primeiro romance, *Deus ajude essa criança*, no original *God help the child*. Aos 84 anos, Morrison mostrava que ainda não era a hora de parar. Recebido positivamente pela crítica, o livro conta a história de Lula Ann Bridewell, ou Bride, nome que adotou na vida adulta. A tradução para o português foi lançada recentemente pela Companhia das Letras com tradução de José Rubens Siqueira.

O romance aborda temáticas relacionadas a como o racismo influencia a vida adulta, retratando, na personagem Bride, uma empresária de sucesso, que se adapta a conviver com a elite de Nova York. A obra mostra que Bride subiu cada degrau da carreira de sucesso com a frieza adquirida pelos preconceitos vividos devido ao racismo no país. *Deus ajude essa criança* marca o retorno de Toni Morrison aos debates sobre colorismo.

O livro se passa décadas após seu primeiro romance, *O olho mais azul*, de 1970 (publicado no Brasil em 2003), que também focalizava o tema. A presença do debate sobre colorismo é um dos sinais do compromisso de Morrison em escrever prioritariamente para o público negro. O colorismo, ou *shadism*, em inglês, é o nome dado à discriminação praticada contra pessoas pelo seu tom de pele.

Por fim, percebe-se na análise comparativa que Toni Morrison, ao contrário de Carolina de Jesus, recebeu um arquivo. Esse fato se torna importante não pela comparação das duas autoras em si, mas por como essa receptividade criou uma diferenciação entre elas. Arquivos como o The Met Museum, perpétua a história de Toni Morrison e dão mais acesso e visibilidade a ela e suas obras. Precisamos, agora, juntar esforços para tornar a história de Carolina de Jesus ainda mais visível.

#### **4 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Analisando o estudo, inicialmente concluímos que o deslocamento da memória poética de Carolina de Jesus e Toni Morrison é um movimento real dos anos de 1960 e 1980, que tem interligação com o campo científico da interdisciplinaridade; porque trabalha as questões históricas e sociais, além do resgate da memória escrita nos livros como patrimônio vivo em conjugação, preocupando-se com a preservação da identidade intelectual das mulheres negras.

Inicialmente, o estudo pretendeu entender o panorama sociocultural no qual as obras se inseriram, mediante a análise dos discursos da época, a partir das teorias. Foram trabalhados os conceitos de escrevivência, memória e deslocamento. Essa alternativa resultou na maneira como trabalhamos a literatura na historiografia; de certa forma, isso ampliou nossas fronteiras, dando suporte teórico na construção narrativa para o levantamento do estudo.

A maneira como trabalhamos com Lélia Gonzalez e Angela Davis conectou as teorias às literaturas estudadas ao longo da pesquisa. A compreensão geral foi de como as literaturas atuam culturalmente na sociedade, construindo pontes, transcendendo preconceitos e influenciando as mentalidades.

O capítulo um resultou em compreender Carolina Maria de Jesus como protagonista dessa história, a partir do estudo de *Quarto de Despejo* (1960). O capítulo apresentou como a autora influenciou a sociedade brasileira nos Anos Dourados, resgatando memórias do seu diário para evidenciar sua escrita de si, norteadas por seus próprios posicionamentos a respeito do que havia de complexo no meio social da cidade de São Paulo.

Ainda conforme o estudo, Carolina se percebia não somente como coletora de lixo, mas também como uma artista e uma mãe dedicada, embora com as dificuldades de ser; além disso, como porta-voz de todas as mulheres que viviam em situação de vulnerabilidade na favela do Canindé-SP. Nota-se, no capítulo, duas fases da autora: a primeira, uma escritora sem reconhecimento, que escrevia em cadernos velhos, encontrados nos lixões; e, posteriormente, uma escritora que viajou o mundo por meio da sua escrita.

Percebemos ainda, a partir dos jornais, como Carolina de Jesus foi construída para fora, ou seja, como era sua representação na mídia. Dois pontos foram captados: primeiramente, a sua condição como favelada gerava um exotismo em relação à mulher da favela, até mesmo estranhavam sua capacidade de escrever – a estranheza social perante a fome.

Posteriormente, já era possível notar como os jornais representavam as conexões estabelecidas por Carolina de Jesus, com ar de surpresa ao divulgar que a escritora era best-seller na França, embora ainda se referiam a ela como “favela”. Essa era a característica midiática principal atribuída a uma escritora completa, que escreveu não somente diários, mas também poemas, provérbios e músicas.

No segundo capítulo, estudamos a memória e a questão da ficção ao analisarmos a obra *Amada* (1987), de Toni Morrison; dividimos dois pontos principais. A princípio, percebemos na obra uma maneira de escrita que utilizou metáforas para debater as questões raciais a partir da literatura. Além disso, percebemos que o livro acompanha um movimento de escrita do período protagonizado por mulheres negras, explicando sua ligação com o Brasil.

Essas ideias são estabelecidas a partir de uma construção simbólica, e o resgate da memória auxiliou a compreendê-las. Kya Lilly Cadwall refere-se a um movimento compartilhado nos EUA e no Brasil, de protagonismo negro, a partir dos anos de 1960 e 1970. Ainda no segundo capítulo, contextualizamos a trajetória de Toni Morrison e suas experiências de vida para demonstrar a possível influência desse movimento na escrita da autora, que levou à ampliação das narrativas sobre as relações étnico-raciais na sociedade.



Demonstramos no capítulo dois que a memória pode ser resgatada através da literatura de mulheres negras; e essa possibilidade concedeu a Toni Morrison o uso da memória de Margaret Garner em sua ficção. Isso autorizou o livro a apresentar uma narrativa de inversão dos papéis: enquanto Garner estava sendo condenada por infanticídio, Morrison apresentava Sethe e Amada como vítimas do sistema escravocrata.

Por fim, o terceiro capítulo visa fazer a conexão das obras e autoras, valorizando seu engajamento na literatura. O capítulo tem por objetivo transnacionalizar as discussões étnico-raciais como objeto de unidade entre as autoras, além de abordar como foi a recepção das obras. Fazemos menção ao livro *Casa de Alvenaria*, por ser um contexto diferente de *Quarto de Despejo*, mas que reflete como foi a vida de Carolina de Jesus após o sucesso de 1960, quando houve a publicação do primeiro diário.

Além disso, demonstramos como Toni Morrison foi recebida após seu Nobel de Literatura em 1993; mas nosso objetivo era apontar também a diferenciação de como a mídia apresentava Carolina de Jesus e Toni Morrison, expressando preconceitos, mesmo ambas sendo potencialmente conectadas pela escrita.

A perspectiva do estudo analisou a história sociocultural dos movimentos literários por justiça racial entre Brasil e Estados Unidos, com enfoque nas relações que as mulheres negras estabeleceram na literatura. Se, por um lado, a institucionalização dos estudos sobre mulheres negras só veio após a década de 1960; algumas contribuições de mulheres negras colaboram para provocar esse deslocamento histórico na cultura escrita, permitindo observar a descontinuidade das relações de poder que construíram a imposição dos letrados e dos discursos racistas.

Dessa forma, entendeu-se que a construção da subalternidade desses sujeitos racializados nas Américas é um projeto pensado, escrito e socialmente aceito. A construção do discurso da Europa como modelo ideal de sociedade, acima de todas as outras, negou a capacidade de movimento que a diversidade traz ao mundo; a possibilidade de organicidade de um grupo é o que nos traz esperança enquanto contemporâneos.

Concluimos isso porque Pierre Bourdieu afirmou que a organização do campo científico era necessária (Bourdieu, 1995), e a história estaria oscilando entre modernismos, por um lado, e, por outro, o academicismo e o conformismo permaneceriam presos a uma tradição letrada. Mas o que percebemos foi que, no período estudado, as mulheres negras protagonizaram o editorial, tornando-se o peso do mercado e do sucesso das vendas — cada vez mais atuante através da pressão dos editores e da televisão, instrumento de promoção

comercial e também de promoção pessoal —, o que fortalece cada vez mais o polo da história cruzada e multidisciplinar.

De modo geral, a importância atribuída às participações das mulheres negras, trazidas nas informações da pesquisa, está na qualidade e composição da epistemologia que emerge daqueles que foram subalternizados, contrapondo a ideologia eurocêntrica, que ainda não entendemos como se aplica, de fato, aos corpos negros. Ao escrever outro ponto de vista, ativa-se a possibilidade de diferenças democraticamente saudáveis para as relações sociais.

Com *Ensinando a transgredir* (1994), concluímos que os estudos sobre os comportamentos estéticos de políticas de reivindicações feito por mulheres negras atravessam as temporalidades entre tempo e espaço, tornando-se ainda mais atuais no século XXI; no entanto, emergiram institucionalmente no período de 1960, quando o grupo se fez presente nas pesquisas científicas, reivindicando seus direitos históricos e memórias sociais.

O período em que houve o reconhecimento das obras literárias escritas por mulheres negras ocorreu com a produção de uma ruptura com a colonialidade do saber e com a visão eurocêntrica, que fez a sociedade refletir sobre a produção dos lugares de gênero, raça e classe. Esses reflexos filosóficos não podem ser vistos como menores, porque, desse modo, acabam por perpetuar uma imposição da inferioridade intelectual (Dalcol; Fernandez, 2023) das negras. *Quarto de Despejo* e *Amada* são obras que marcam esse momento de ruptura cultural escrita. A aceitação da literatura de mulheres negras diversificou o mundo letrado oficial.

A dissertação, conclui que livros como *Quarto de Despejo* e *Amada*, entram no processo de canonização após esse período de publicação; tornando-se atualmente clássicos da literatura de mulheres negras, promovendo a ampliação dos diálogos conectados por uma relação racial que atravessa as fronteiras nacionais, por se tratar de uma relação estrutural.

Houve também a comunicação com as mulheres negras da França; Françoise Ega é um exemplo de como esses deslocamentos realmente aconteceram, e demonstra que as relações étnico-raciais perpassam as fronteiras geográficas, por serem nuances simbólicas, reacendendo a necessidade de uma história transnacional, pois a divisão desse grupo social é um desmembramento da memória coletiva.

Nesse sentido, o estudo ajuda a pensar também as questões de comunicação e linguagem, refletindo sobre como a língua portuguesa e inglesa podem se tornar, na contemporaneidade, mecanismos de permanência da dominância colonial, por poderem ser usadas para distinguir as pessoas como “letradas” e “não letradas”. Dessa forma, as várias gramáticas são uma forma de delimitar quem sabe escrever ou não, quem sabe se comunicar

ou não. Além de ser um mecanismo de distinção social, ao definir quem é cosmopolita ou não.

A estipulação de uma língua oficial concedeu aos países colonizadores padronização na comunicação, conservando-a como uma herança colonial na contemporaneidade. O inglês, por exemplo, tornou-se uma língua universal, intrinsecamente ligada à falta de acesso das comunidades tradicionais às decisões do mundo e à escrita, já que são comunidades que têm sua língua própria, como os ameríndios no Brasil.

Além disso, percebemos que o processo de epistemicídio deu-se nas Américas de forma truculenta com esses povos, principalmente por não dominarem a escrita e língua estabelecida — mesmo já existindo uma linguagem — pelos colonos. Por isso, a importância da escrita dos livros *Quarto de Despejo* (1960) e *Amada* (1987) no século XX, como exemplos de literaturas “subalternizadas” que exerceram a liberdade de falar de si, sem a visão de inferiorização. Assim, a autoapresentação é necessária, parafraseando Conceição Evaristo (2005), para a construção de uma nova perspectiva dos nossos lugares na escrita.

A escrita do estudo comprovou a participação de Carolina de Jesus e Toni Morrison nas disputas narrativas étnico-raciais contemporâneas, além de reivindicar o lugar da contribuição teórica das mulheres negras nas lutas do movimento negro no século XX. A pesquisa comprova que tanto no Brasil quanto nos EUA as mulheres negras se portaram como produtoras de conhecimento, relacionando experiências através da escrita, trocando ideias, vivências, sensibilidades, afetos e lutas.

Entre las últimas décadas del siglo xviii y la primera mitad del siglo xix, una serie de palabras que hoy tienen una importancia fundamental pasaron a ser por primera vez de uso corriente en inglés o, cuando ya tenían un uso generalizado en el idioma, adquirieron nuevos y trascendentes significados. En ellas existe, en realidad, un patrón general de cambio que puede utilizarse como un tipo especial de mapa, mediante el cual es posible reconsiderar los cambios más vastos de la vida y el pensamiento a los que las modificaciones en la lengua se refieren sin duda alguna mapa.

Cinco Se trata palabras son de industria los ta, puntos clave a partir de los cuales puede trazarse la senda de la clase, arte y cultura. Su importancia en nuestra estructura moderna de significados es obvia. Los cambios en su uso, en este período crítico, dan testimonio de un cambio general de nuestros modos característicos de pensar la vida en común, nuestras instituciones sociales, políticas y económicas; los objetivos que, éstas están destinadas a encarnar; y las relaciones de nuestras actividades con el aprendizaje, la educación y las artes con estas instituciones y objetivos. (Williams, 2001, p. 13)

Esse trecho de *Sociedad y Cultura* (2001) demonstra que a língua e os seus significados podem corresponder a registros de memória — em apagamento ou não —, pois a partilha pôde mostrar, nos romances, nas poesias e nas obras, que os ideais negros se

multiplicaram nas Américas. A contribuição científica do estudo, de certa forma, se apresenta quando fortalece o debate sobre a importância da presença das ideias sobre interseccionalidade na ciência, porque ajuda a pensar a problemática do racismo, além de mapear onde está a desigualdade, com uma visão transnacional e interdisciplinar.

Assim, as representações iconográficas que trazemos na pesquisa arrematam no texto o caráter histórico que a participação das mulheres negras deu à dinâmica sociopolítica do contexto temporal das obras que estudamos – *Quarto de Despejo* (1960) e *Amada* (1987). Essas representações inserem as memórias das mulheres negras, dando outra composição social à história das mentalidades da sociedade daquela época. Essa é, talvez, a principal qualidade da colaboração histórica da pesquisa. Os registros que acrescentamos representam uma parcela das ideias que se deslocaram conforme esse movimento foi crescendo; a poética nos livros pauta, sobretudo, a problemática das relações raciais, incluindo detalhes e vivências na construção das marginalidades.

Logo, nesse viés, o contexto que marca o *Quarto de Despejo* (1960) e *Amada* (1987) é o forte protagonismo das mulheres negras, tomando o poder da escrita na literatura como estratégia de resistência ao analfabetismo, à desigualdade, às dinâmicas das relações racializadas. Essa torna-se uma perspectiva de análise interessante por demonstrar o poder da interdisciplinaridade nas ciências, para dizer não aos silenciamentos, que são uma estratégia de permanência colonial epistemológica.

Teoricamente, o estudo demonstra que a participação das mulheres na construção epistêmica do conhecimento é um acontecimento de relevância nas pesquisas do século XX; e que os estudos interdisciplinares podem pautar essas trocas também do ponto de vista político, a fim de resistir à dominância dos discursos nas ciências que estudam as humanidades, as ciências sociais e aplicadas.

A nossa pesquisa afirma isso, com base no Banco de Dados de Teses e Dissertações da CAPES<sup>21</sup>, que 80 trabalhos falam sobre Toni Morrison no Brasil, sendo 52 deles dissertações de mestrado e 21 teses de doutorado. Os dados ainda apresentam que a maior quantidade de pesquisas sobre a temática foi no ano de 2023, com 11 trabalhos depositados no banco.

Os trabalhos produzidos foram nas grandes áreas do conhecimento da Linguística, Letras e Ciências Humanas, não havendo nenhum na área Interdisciplinar. As áreas do

---

<sup>21</sup> A seguir, os dados que apresentamos na conclusão são verídicos retirados da plataforma de dados: Catálogo de Teses e Dissertações da CAPES e todos os direitos autorais são do site. Disponível em: <<https://catalogodeteses.capes.gov.br/catalogo-teses/#!/>>. Acessado em: 01 de maio de 2025.

conhecimento que abordam Morrison foram Letras, Linguística, Artes e Educação, sem nenhum trabalho com abordagem historiográfica.

As áreas de concentração são distribuídas entre Teorias e Crítica da Literatura e da Cultura, Estudos de Literatura, Literatura, Teoria e Crítica. Os programas envolvidos são de Letras e Letras e Literatura Inglesas, mas não encontramos nenhum nos programas interdisciplinares ou multidisciplinares. No Piauí, são somente três trabalhos sobre Toni Morrison: dois nos programas de Letras da Universidade Estadual e um no programa de Letras da Universidade Federal, todos ao nível de mestrado, entre os anos de 2007, 2011 e 2023.

Sobre Carolina Maria de Jesus, concluímos haver um dado superior ao de Morrison, o que demonstra ainda mais engajamento positivo dessa recepção: são cerca de 508 trabalhos<sup>22</sup> tratam da temática, sendo 40 de abordagem interdisciplinar. No entanto, não encontramos nenhum trabalho que relacione as duas autoras numa perspectiva transnacional das relações étnico-raciais que as separam e aproximam, o que é um dado significativo. De toda maneira, a pesquisa focou na forma como a literatura e a estética das mulheres negras, nesse movimento da América Latina à América do Norte, puderam favorecer as mentalidades da sociedade nos anos de 1960 e 1980. A partir da questão que levanta este estudo, é possível ter acesso à memória social daquela sociedade e entender como os sujeitos se relacionavam.

É importante que o leitor compreenda que os livros *Quarto de Despejo* (1960) e *Amada* (1987) utilizam a comunicação escrita como resistência, produzindo as memórias presentes a partir de suas narrativas. As mulheres negras publicaram, venderam e escreveram. Isso demonstra a força dos discursos na composição de uma pesquisa mobilizadora, fundamental para que os pesquisadores se voltem para tais processos em curso. Isso nos pareceu uma alternativa autêntica na forma de estudar movimentos sociais na contemporaneidade, resguardando a história.

O movimento negro, em diáspora, é uma espécie de laboratório vivo, que constrói aplicabilidade às representações sociais. A riqueza dos destaques que *a partilha carolineana e morrisiana* possui, do ponto de vista material, é notável — uma capacidade de mobilização política que conecta cultura e sociedade. Ao construir um panorama sobre os movimentos de direitos civis nos EUA e o movimento negro no Brasil, destacamos como a participação das

---

<sup>22</sup> A seguir, os dados que apresentamos na conclusão são verídicos, retirados da plataforma de dados: Catálogo de Teses e Dissertações da CAPES e todos os direitos autorais são do site. Disponível em: <[https://catalogodeteses.capes.gov.br/catalogo-teses/#!/>](https://catalogodeteses.capes.gov.br/catalogo-teses/). Acessado em: 05 de abril de 2025.

mulheres negras na literatura pode ser estudada como um evento social e histórico no recorte temporal escolhido.

Com a Literatura na história, percebemos os livros como um lugar de saber. Entender como as memórias contidas nos escritos auxiliaram as políticas de reparação, em dois países conectados pelo racismo, é essencial para recuperar o “lugar do negro”, proposto por Lélia Gonzalez; embora a pesquisa científica acadêmica ainda seja um lugar que desafia o pesquisador negro.

Comparativamente, concluímos que interligar as obras *Quarto de Despejo* (1960) e *Amada* (1987), a partir do espaço doméstico, aproxima ainda mais as obras, sob uma perspectiva comparativa, mediante um olhar de gênero nas escritas das autoras. Esse espaço é representado em Morrison, pela personagem Sethe, que carregou fantasmas não somente nas análises sobre o racismo, mas também sobre as questões domésticas. Carolina de Jesus, por sua vez, mantém uma dinâmica parecida, quando escreve sobre o *Quarto de Despejo* e a *Casa de Alvenaria*. O espaço doméstico é algo comum nas duas obras e pode servir como um ponto de aproximação e de comparação, também.

A oportunidade para ter acesso aos livros em formato eletrônico (e-book), tornou mais acessível à pesquisa as versões traduzidas dos manuscritos, as entrevistas, os trabalhos em inglês nos repositórios da Rutgers, que foram estudados para construir essa dissertação. Contudo, há riscos, pois muitas vezes as versões editadas são fruto de um processo de epistemicídio também, que desconsidera as diferentes formas de escrever e falar. Nesse momento tivemos ajuda de professoras que também trabalham a temática da Literatura transnacional. Na figura 49, podemos ver a aproximação do trabalho com o termo transnacional, porque exemplifica na prática como se dar essa harmonia racial nas Américas, entre as mulheres negras, com a representação da filha de Carolina de Jesus e as pesquisadoras, em intercâmbios de trocas. Veja;

**Figura 49** - Professora Dr. Laura Lomas e Vera Eunice, filha de Carolina de Jesus, na Columbia University - EUA, em outubro de 2024.



**Fonte:** Laura Lomas. Na fotografia Laura Lomas e Vera Eunice. 2024<sup>23</sup> | EUA

Além disso, trouxemos para o trabalho, a tese de que precisamos reivindicar um acervo próprio para Carolina de Jesus no Brasil, assim como Vera Eunice fez em outubro de 2024, quando foi a um evento na Columbia University (EUA). Nesse sentido, as professoras Laura Lomas e Luana Reis, propuseram um acervo somente para guardar a memória de Carolina de Jesus no Brasil, assim como fizeram um acervo para Toni Morrison, em Princeton University<sup>24</sup>.

**Figura 50** - A prof. Dr. Luana Reis no evento na Columbia com a Vera Eunice, outubro de 2024.

<sup>23</sup> As figuras 49 e 50, foram cedidas do acervo de fotografias pessoais da Prof<sup>a</sup> Dra. Laura Lomas, tiradas no evento que a Vera Eunice participou na Columbia University - EUA, em 2024.

<sup>24</sup> Na Universidade de Princeton em Nova Jersey - EUA, tem um arquivo da Toni Morrison, com manuscritos, que para ter o acesso à plataforma precisa do cadastro, mas isso demonstra a preocupação das universidades em salvaguardar essas memórias. Disponível em: <<https://findingaids.princeton.edu/catalog/C1491>>.





**Fonte:** Laura Lomas. Na fotografia Luana Reis e Vera Eunice. 2024 | EUA

Dessa maneira, percebemos a importância de tornar públicos e acessíveis os acervos para uso da historiografia. A diversidade dos documentos possibilita a circulação de ideias políticas e sociais. Foi o caso das fontes sobre Carolina de Jesus: seu acervo e suas memórias. Já no caso de Toni Morrison, o desafio foi sistematizar um acervo traduzido para o português que até o momento da pesquisa, era desconhecido — principalmente com relação às traduções do inglês para o português —, evidenciando os resquícios das condições impostas pela



colonialidade à vida contemporânea. Portanto, isso se torna um resquício de continuidade histórica nas dinâmicas entre os dois países.

A análise da memória/partilha, ou até melhor, po(ética) dos escritos de Carolina de Jesus e Toni Morrison representam testemunhos do período pesquisado. Seus esforços registraram parte de uma questão política e pública que resistiu ao apagamento da memória social das mulheres amefricanas. Assim, compreendemos também que a tese da circulação transatlântica dos impressos é uma temática que possui cada vez mais campos de estudos abertos.

Em 2016, a Editora Unicamp publicou o livro *Romances em movimento* (1789-1914), organizado por Marcia Abreu, que nos serviu para concluir o estudo. A mobilidade transatlântica dos romances durante o século XIX – ou XX, como estudado na pesquisa. Concedeu a circulação dos livros e a publicação das obras entre França, Portugal, Inglaterra e Brasil, mostrando que havia reciprocidade nas trocas e multiplicidade nas interações.

Concluimos que esta pesquisa, afirmando que essa partilha feita por Toni Morrison e Carolina de Jesus, é a mesma que dos circuitos e travessias, que Marcia Abreu e os outros 39 pesquisadores abordam no livro. Aqui, é importante evidenciar o protagonismo na literatura de mulheres negras na Americas, que foram participantes ativas desse movimento de globalização da cultura escrita no século XX.

Nesse sentido, se no século XIX letrados de diversas partes do mundo empreenderam esforços para escrever suas histórias literárias, a fim de legitimar a existência da sua dominação nas nações que surgiam nas Américas; a ideia deste estudo é resgatar a memória, as vivências, e os livros de mulheres negras, criando uma nova roupagem historiográfica para esse olhar, como elemento material de intercâmbios culturais. Porque possibilita que vozes e corpos — tanto do Brasil quanto dos EUA — se posicionem diante dessa produção de conhecimento, tal como Carolina Maria de Jesus e Toni Morrison, posicionaram-se.

Em resumo, os fatos mencionados, concluem que *Quarto de Despejo* (1960) e *Amada* (1987) são obras literárias marcantes do período histórico de 1960 a 1980, ao impulsionarem mudanças de paradigmas e provocaram alterações significativas na história. Embora as grandes questões do mercado editorial ainda determinem o sucesso das obras, a perspectiva é que Carolina Maria de Jesus e Toni Morrison, por meio de seus livros, construíram em unidade uma história transnacional; em que editores, livreiros, gabinetes de leitura, bibliotecas, escritores de sucesso e autores canônicos são igualmente importantes.

Além disso, concluimos que as traduções do inglês para o português, e/ou para o francês evidenciam a existência de um fluxo de mão dupla entre os EUA, a Europa e o Brasil.

As *partilhas carolineana e morrissianas*, não são somente escritos, são testemunhos e memórias que evidenciam a produção e a escrita feminina e negra em romances, provérbios, novelas, músicas, nos Estados Unidos e no Brasil.

As diferenças no número de negros alfabetizados, as formas de acesso aos impressos, os preços dos livros — sem mencionar a quantidade de tempo livre em uma sociedade escravocrata, em comparação com outra majoritariamente composta por trabalhadores assalariados — podem consolidar as bases mais sólidas de sustentação para a relação de protagonismo que a pesquisa resgatou, pois, historicamente as mulheres negras foram retiradas desse processo social.

O protagonismo literário de Carolina Maria de Jesus e Toni Morrison estabelece uma concordância textual no mundo, resgatando os pensamentos de duas escritoras que foram importantes para o século XX. *Quarto de Despejo* (1960) relata a história de vida de mulheres brasileiras que viviam nas periferias da cidade de São Paulo; *Amada* (1987), por sua vez, conta a história de Margaret Garner, mulher negra escravizada nos EUA.

Assim, reconhecer a força da memória histórica presente em *Quarto de Despejo* e *Amada*, representada nas imagens, atravessa tradições revolucionárias protagonizadas por mulheres negras no século XX. Essa dimensão altamente simbólica está ligada à produção de um discurso político que desmonta os mecanismos pelos quais os discursos dominantes legitimaram uma classe letrada que se consagrou por meio da exclusão e do silenciamento de determinados agentes históricos.

Nesse sentido, a posição do historiador que procura desvendar as tramas da memória histórica é sempre incômoda e, na maioria das vezes, seu trabalho é encarado com desconfiança — principalmente nos meios de comunicação, acostumados a trabalhar com referenciais históricos estáticos e mitificados. Contudo, essas resistências à quebra das tradições inventadas no campo da dominação política não são exclusivas somente da política; também se manifestam no próprio terreno da prática científica, com resistência à crítica dessas tradições por parte dos detentores da cultura.

Repensar os apontamentos feitos por esse movimento intelectual de mulheres negras é fundamental, ao passar por transformações após a década de 1960. As tradições desse movimento literário revolucionário aparecem de forma incontestável após as publicações feitas por Carolina Maria de Jesus no Brasil e por Toni Morrison nos Estados Unidos. Nesse terreno conturbado, onde se misturaram opções políticas e formulações teóricas, *Quarto de Despejo* e *Amada*, ao lado da reconhecida força das imagens e da escrita, acabaram

produzindo uma forte tradição no pensamento social nos dois territórios: a de usar a sensibilidade como formação política e conexão sociocultural.

Constatamos, ainda, que nenhuma cultura permanece imóvel ou isolada: tudo ao nosso redor se manifesta em movimentos, deslocamentos e fluidez, em diversos sistemas variados. A fluidez e a diversidade de pensamento trazidas pelas obras e vivências de Carolina Maria de Jesus e Toni Morrison assimilam o diálogo contínuo e ininterrupto entre as linguagens. O estudo demonstrou, ainda, que a literatura é um âmbito privilegiado para essas discussões e intercâmbios.

O suporte semântico que as escritoras negras conferem à trama provoca rupturas nos silêncios e expande a narrativa literária. A reflexão crítica contemporânea dos estudos literários — campo que tem se mostrado aberto ao livro como objeto de pesquisa — ultrapassa as fronteiras da escrita e do logocentrismo, movimentando-se por diferentes áreas e vertentes transdisciplinares, por meio de uma linha estética-formal.

Por esse ângulo, os resultados do estudo e reflexões, apresentados parcialmente em artigos, obras e imagens, mostram que as publicações entre as décadas de 1960 e 1980 são relevantes, por fazerem parte de um momento marcado por uma reorientação dos debates nas ciências humanas, com forte influência do modelo estruturalista. A literatura proporciona uma mudança nos estudos dos sistemas mais fechados, ao enfatizar os nexos mais inclusivos. Esse novo ambiente intelectual assumiu as preponderâncias das análises históricas, dando atenção às singularidades das trocas culturais. O debate internacional acompanhou as novas tendências desse ambiente, conectando os textos trabalhados entre si, a fim de compreender o desenvolvimento e a participação da literatura na interpretação da história do Brasil e Estados Unidos no século XX.

Nesse ponto, pensamos que o aspecto mais original da contribuição é a alternativa encontrada em Carolina de Jesus e Toni Morrison, por meio do conceito de memória po(ética), desvendado através do pensamento crítico contido na literatura realista de mulheres negras, que contradiz as convenções doutrinárias da estética dominante. O cruzamento simultâneo de perspectivas, que converge história e ficção, driblou as interpretações desconcertantes do romantismo convencional.

Carolina de Jesus e Toni Morrison foram lidas como autoras realistas, ou seja, interpretamos que elas destacam, em suas obras, observações dos costumes sociais e da natureza humana. Nesse sentido, é necessário que os leitores das obras de mulheres negras leiam nas entrelinhas para compreender o romance. Isto é, o pode parecer um detalhe banal, se interpretado corretamente, encaixa-se em um quadro realista extraordinariamente

multifacetado, no qual a vida psicológica, sexual, familiar, social, religiosa, política e ideológica do período nos é apresentada de forma interligada totalizante.

Isso mostra que as teorias raciais de inferioridade intelectual das pessoas negras estão, de certa forma, ultrapassadas. As memórias das literaturas oferecem, em sua primeira parte, o acompanhamento do movimento da criação, sob a perspectiva da semiótica e de uma outra linha de reflexão: a política estética intelectual das mulheres negras, manifestada por meio dos objetos artísticos construídos por elas. A interação desses novos diálogos proporciona acesso a arquivos inéditos de criação, os quais geraram deslocamentos teóricos estudados nesta pesquisa, abrindo espaço para a introdução de novas ideias, englobando novos grupos, suas diversidades e a ampliação das temáticas.

Em *Quarto de Despejo* (1960), Carolina revelou sua sobrevivência e luta em São Paulo, enfrentando os desafios da fome, não somente como privação de alimentos, mas como uma carência material e uma dor existencial metaforizada pela fome física. Carolina Maria de Jesus demonstrou sua genialidade ao perceber e registrar que seu descontentamento ia além da panela vazia. Carolina não queria somente comida quando escreveu: “Parece que eu vim predestinada a catar. Só não cato a felicidade” (Jesus, 1960, p. 72). Além disso, o estudo contribui para compreender melhor o impacto causado pelo livro *Quarto de Despejo* (Jesus, 2021).

O resultado da longa e cuidadosa pesquisa reforça as conexões históricas e literárias entre os dois países. Sobre seu romance vencedor do Prêmio Pulitzer, *Beloved*, Morrison (2007) declarou que a história oferece “uma interrogação sobre o que existe como legado da escravidão em países que a vivenciaram, como o Brasil e os Estados Unidos”. Seu passado histórico e o presente vivo fornecem um forte vínculo comum, mesmo que “a cultura africana tenha tomado caminhos diferentes nos dois países” (Coser, 2021).

A visita de Toni Morrison à cidade de São Paulo — e a outras cidades brasileiras —, capital do estado homônimo do sudeste, um polo econômico conhecido por suas plantações de café, indústrias (Estanisau, 2019), atividades culturais e instituições como o Museu Afro Brasil, que a antropóloga americana Sheila Walker considerou “o melhor acervo do mundo sobre a diáspora africana” (Dias, 2019), foi um marco significativo. Morrison esteve na Bienal do Livro de São Paulo em 1990: dois de seus romances foram traduzidos e publicados em 1987 e 1989, *Pérola Negra* e *Amada*, abrindo novas possibilidades de confluência com Carolina Maria de Jesus, que publicou sua obra antes desse período (Coser, 2022).

Por fim, concluímos que, em tempos marcados por rupturas políticas e sociais, violência brutal e desigualdade persistente, como na última década, é notável observar o

surgimento de desenvolvimentos emocionantes e simultâneos no Brasil: uma intensa atividade em música, literatura e história negras, associada a um interesse especial pelo feminismo negro e pelas conexões da diáspora africana nas Américas. Destaca-se a importância dos estudos sobre mulheres negras nos dois países fora da África que possuem as maiores populações com origem africana: Brasil e Estados Unidos. Minha intenção foi investigar a participação de Carolina Maria de Jesus e Toni Morrison no processo contínuo de conscientização e empoderamento racial nas duas nações.

## 5 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABREU, Marcia.** *Romances em movimento: a circulação transatlântica dos impressos (1789-1914)*. Marcia Abreu(org). Campinas–SP: Editora UNICAMP, 2016.
- ALBUQUERQUE, Soraya do Lago.** *O patchwork literário de Paulina Chiziane e Toni Morrison: um estudo comparativo entre Niketche: uma história de poligamia e Beloved*. 2014. Dissertação (Mestrado em Estudos de Linguagem) – Universidade Federal de Mato Grosso, Instituto de Linguagens, Cuiabá, 2014. Disponível em: <https://cms.ufmt.br/files/galleries/250/Disserta%C3%A7%C3%B5es%20e%20Teses/2014/SORAYA%20DO%20LAGO%20ALBUQUERQUE.pdf>. Acesso em: 9 set. 2024.
- BENJAMIN, Walter.** *Magia, técnica, arte e política: obras escolhidas*. São Paulo: Brasiliense, 1993.
- BETHENCOURT, Francisco.** *Racismos: das cruzadas ao século XX*. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.
- CALDWELL, Kia Lilly.** Fronteiras da diferença: raça e mulher no Brasil. *Estudos Feministas*, v. 8, n. 2, 2000.
- CAMBRAIA, César Nardelli.** *Introdução à crítica textual*. São Paulo: Martins Fontes, 2005.
- CERTEAU, Michel de.** *A invenção do cotidiano: 1. artes de fazer*. Tradução de Ephraim Ferreira Alves. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.
- CHARTIER, Roger.** *À beira da falésia: a história entre certezas e inquietudes*. Porto Alegre: Ed. UFRGS, 2002.
- CHARTIER, Roger.** A nova história cultural existe? In: LOPES, Antonio Herculano; VELLOSO, Monica Pimenta; PESAVENTO, Sandra Jatahy (org.). *História e linguagens: texto, imagem, oralidade e representações*. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2006.
- DAVIS, Angela.** *Mulheres, raça e classe*. Tradução de Heci Regina Candiani. São Paulo: Boitempo, 2016.
- EGA, Françoise.** *Cartas a uma negra: Narrativas antilhanas*. Trad. Vinicius Carneiro, Mathilde Moaty. São Paulo: Todavia. 1ª ed. 2021
- EVARISTO, Conceição.** Da representação à auto-representação da mulher negra na literatura brasileira. *Revista Palmares: Cultura Afro-brasileira*, ano 1, n. 1, ago. 2005. ISSN 0108-7280.
- EVARISTO, Conceição.** *Ponciá Vicêncio*. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2003.
- FANON, Frantz.** *Pele negra, máscaras brancas*. Salvador: EDUFBA, 2008.

- FERNANDES, Florestan.** *Significado do protesto negro*. São Paulo: Cortez; Autores Associados, 1989. (Coleção Polêmicas do Nosso Tempo; v. 33).
- FERREIRA, Jorge; DELGADO, Lucília de Almeida Neves.** *O Brasil republicano: o tempo da experiência democrática*. v. 3. São Paulo: José Olympio, 2019.
- GAGNEBIN, Jeanne Marie.** *Lembrar, escrever, esquecer*. – São Paulo: Ed. 34. p.224. 2006
- GEERTZ, Clifford.** *O saber local: novos ensaios sobre antropologia interpretativa*. Tradução de Vera Mello Jocelyne. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.
- GLEDSON, John.** *Machado de Assis: ficção e história*. Trad. Sonia Coutinho. 2ª ed. rev. São Paulo: Paz e Terra, 2003.
- HOOKS, bell.** *Erguer a voz: pensar como feminista, pensar como negra*. Tradução de Cátia Bocaiúva Maringolo. São Paulo: Elefante, 2019.
- KILOMBA, Grada.** *Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano*. Tradução de Jess Oliveira. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.
- LANDER, Edgardo (org.).** *A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais: perspectivas latino-americanas*. Buenos Aires: CLACSO, 2005.
- LE GOFF, Jacques.** *História e memória*. Tradução de Bernardo Leitão et al. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1990.
- NASCIMENTO, Camilla Giovanna Alves do.** *Os “Anos Dourados” a partir da obra Quarto de Despejo: um diário de uma favelada, de Carolina Maria de Jesus/ Camilla Giovanna Alves do Nascimento*. 42 f. : il. Monografia(graduação) – Universidade Estadual do Piauí – UESPI, Licenciatura em História, Campus Poeta Torquato Neto, Teresina, 2024.
- MARTINS, Leda Maria.** “A oralitura da memória”. In. *Afrografias da memória. O reinado do rosário no Jatobá*. 2a edição. São Paulo: Perspectiva; Belo Horizonte (MG): Mazza Edições, 2022.
- MATA, Inocência.** *A literatura africana e a crítica pós-colonial Reconversões*. São Paulo; Angola Luanda: Editorial Nzila, 2007.
- MATA, Inocência.** *Polifonias Insulares Cultura e Literatura de São Tomé e Príncipe*. Lisboa: Edições Colibri, 2010.
- MATA, Inocência.** Estudos pós-coloniais: desconstruindo genealogias eurocêtricas. *Revista Civitas*, v. 14, n. 1, p. 27-42, jan./abr. 2014. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/civitas/article/view/16185>. Acesso em: jul. 2022. ISSN (impresso) 1519-6089, ISSN-e (online) 1984-7289 SciELO Brasil.
- MENDES, Algemira de Macêdo; BORRALHO, José Henrique(org).** *Literatura, gênero, imprensa: diálogos diaspóricos*. Teresina: Cancioneiro, 2023.



**MIGNOLO, Walter D.** *Histórias locais/projetos globais: colonialidade, pensamento liminar e saberes subalternos*. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2003.

**MIGNOLO, Walter D.** Desafios decoloniais hoje. *Epistemologias do Sul*, Foz do Iguaçu, PR, v. 1, n. 1, p. 12-32, 2017.

**MONIZ, Naomi Hoki.** *As viagens de Nélida, a escritora*. Campinas-SP: Editora UNICAMP, 1993.

**MORRISON, Toni.** *A origem dos outros: seis ensaios sobre racismo e literatura*. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

**RANCIÈRE, Jacques.** *A partilha do sensível: estética e política*. Tradução de Mônica Costa Netto. 2. ed. São Paulo: Editora 34, 2009.

**RODRIGUES, João Paulo Coelho de Souza.** *A dança das cadeiras: literatura e política na Academia Brasileira de Letras (1896-1913)*. Campinas: UNICAMP, 2003. (Coleção Várias Histórias; v. 9).

**SEVCENKO, Nicolau.** *Literatura como missão: tensões sociais e criação cultural na Primeira República*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

**SPIVAK, Gayatri Chakravorty.** *Pode o subalterno falar?* Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010. [1985].

**WEINSTEIN, Barbara.** História sem causa. *História (São Paulo)*, v. 22, 2003. ISSN (impresso) 0101-9074, ISSN-e (online) 1980-4369 [SciELO Brasil](#).

**WHITE, Hayden.** *Trópicos do discurso: ensaios sobre a crítica da cultura*. 2. ed. São Paulo: Edusp, 2001. [1978].